

Livro segundo Livro

Calixto Comporte Amaral

[illegible]

[illegible]

Livro segundo Livro

Calixto Comporte Amaral

Trabalho final de graduação

Orientação: Prof. Dr. Giorgio Giorgi Júnior

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Universidade de São Paulo

2020 | 02

Ficha catalográfica

Amaral, Calixto Comporte

Livro segundo Livro/Calixto Comporte Amaral – 2020
72p.

Trabalho final de graduação – Faculdade de Arquitetura
e Urbanismo da Universidade de São Paulo, curso de ar-
quitetura e urbanismo, São Paulo, 2020.

Orientador: Prof. Dr. Giorgio Giorgi Júnior

1. Livro 2. Design gráfico 3. Comunicação

sumário

9	<u>Agradecimentos</u>
10	<u>Apresentação</u>
14	<u>Livro segundo Livro</u>
20	<u>Processo</u>
24	<u>a escolha do texto</u>
25	<u>o projeto gráfico</u>
25	<u>ateliê em casa</u>
28	<u>Os livros</u>
56	<u>Apêndice</u>
57	<u>Livros inteligentes</u>
61	<u>Notas</u>
65	<u>Referências bibliográficas</u>
73	<u>Anexos</u>
75	<u>Do livro como normalmente se apresenta.</u>
91	<u>Do livro com hipermetropia.</u>
107	<u>Do livro cujas colunas de texto dobram</u> <u>sobre si mesmas.</u>
123	<u>Do livro para ser lido no espelho.</u>
139	<u>Do livro que omite suas vogais.</u>

155	<u>Do livro quando torcido.</u>
171	<u>Do livro cuja frente espia o verso.</u>
187	<u>Do livro quando lido por um</u> <u>caleidoscópio.</u>
203	<u>Do livro contínuo.</u>
219	<u>Do livro cujas colunas de texto</u> <u>transcendem suas páginas.</u>
235	<u>Do livro em baixa resolução.</u>
251	<u>Do livro em zigue-zague.</u>

Agradecimentos

Gostaria de agradecer a Giorgio que me acompanhou nesta mirabolante jornada pelos livros.

Flavia que sempre esteve ao meu lado.

Meus pais, Rosa e Zeppi, sem quem eu nunca existiria.

Patrick e Rodrigo, meus companheiros de epidemia.

Vicente, companheiro de TFG.

E a todos e todas que compõem uma lista interminável de amigades que me fizeram ser como sou.

Apresentação

O que esperamos de um livro quando o abrimos?

Todo livro carrega dentro de si expectativas nossas quanto a seu conteúdo, ele é um dos meios pelos quais registramos e passamos informação de um indivíduo para o outro.

O presente TFG faz um recorte dentro do que consideramos livros, escolhe dentre diversos modelos¹ a forma códice para tecer experimentações. Esta escolha ocorre pela consideração que tenho deste como um bom suporte para o fácil reconhecimento do que geralmente julgamos livro.

Escrito isso são feitos doze experimentos naquilo que por motivos práticos caracterizo como livro².

É a partir desses primeiros exercícios que busco evidenciar o objeto do livro para além do suporte que contém elementos da leitura. As experiências evidenciam ordens e aspectos sobre a forma como lemos que estão ocultos e passam despercebidos em nossa leitura.

Os doze livros buscam afirmar suas vontades de ser, e nos impõem a quebra de normatizações presentes no nosso tempo. A expectativa é dissolvida pela curiosidade e pelo esforço da decifração, que despertam conforme nos deparamos com as diversas manifestações do livro. O trabalho não visa a conclusão, mas expõe continuções daquilo que considero um meio de registro das informações que adquirimos em nossa vida, livros.

Segue nas páginas seguintes diversas considerações que tive conforme os livros eram produzidos.

“Sereis como deuses”

– Serpente do Éden

Livro segundo Livro

Quando imaginamos um livro a primeira imagem que é evocada em nossa mente é a do códice, ou seja, de um conjunto de páginas que é ordenado em sequência e encadernado. Em cada página é contida informação escrita ou ilustrada, no caso da linguagem escrita é seguida as regras da gramática determinada pelo idioma em que o livro foi escrito. A partir dessa primeira definição geral do livro em nosso imaginário pode-se pensá-lo como um arquivo de informação escrito por nós para ser interpretado por nós, uma unidade de informação que é transmitida e transformada através da leitura³. O trabalho desenvolvido pretende explorar o livro neste formato, códice, e possíveis desdobramentos resultantes de alterações no campo gráfico e do código escrito de seu conteúdo.

Vilém Flusser e Louis Bec escrevem a fábula *Vampyrotheutis infernalis* onde definem o ser humano como uma espécie que objetifica informação⁴, registra coisas e significa o mundo físico, organiza matéria em um código definido que pode ser lido e interpretado pelo outro. O livro nesses horizontes é um meio intermediário da informação que está contida em si, um objeto passivo que transmite informação de um emissor para um receptor. Nós com um código genético praticamente fixo lemos o mundo objetificado por nós mesmos, conforme as mudanças informacionais que recebemos tendemos a tecer uma linha de progresso civilizatório cujo fim não é certo nem óbvio mas é ditado por um plano de desenvolvimento e progresso.

Mas e se ele traísse essa ordem? Deixasse de ser um meio passivo e se manifestasse conforme conveniente para ele, livro. É a partir da inversão dessa chave que este trabalho propõe se definir, transformar o livro de objeto passivo para agente ativo em sua apresentação.

Para essa inversão acontecer parte-se de uma primeira hipótese de que o livro deve criar vontade própria e mudar sua condição de suporte para ser um objeto com identidade. Em paralelo com o ser humano, que possui o mesmo código genético mas unicidade quanto a sua identidade, o livro também possui um mesmo conteúdo o qual reorganiza de forma a determinar a si sua unicidade. No trabalho essa quebra de ordem, a infusão da personalidade e consequentemente a perversão da ordem, permite o jogo sintático com o qual o livro se reformula e se tensiona a seus desejos.

É de se pontuar também que não existe um sentido ou função ao acontecimento da revolta do livro quanto à sua condição, o motivo é ausente. O desenlace da inesperada sequência de eventos que se materializa no trabalho promove reconsiderações da ordem do projeto gráfico do livro, e em uma das camadas do campo semântico são evocadas situações cômicas dadas pelas circunstâncias (pensando em relação aos títulos que os livros recebem e não em relação ao texto escolhido) com as quais nós, como leitores, temos que nos adaptar para ler um mesmo livro diversas vezes. O humor presente no trabalho permite a liberdade de uma manipulação lúdica com relação

a aspectos do livro, e a redescoberta de vários motivos (pelos quais o livro é como é) que passam despercebidos pela leitura automática, prática esta impossível perante os livros apresentados no trabalho. Os livros nos obrigam ao exercício da decifração.

Todo o livro possui um autor, alguém que por um motivo e finalidade precisou registrar informação em um suporte para não depender da memória, para possuir um depósito de informações importantes que poderiam ser facilmente consultadas. O livro como objeto inativo e portanto amorfo contém a informação conforme ela foi escrita em si. Neste cenário o trabalho propõe um primeiro ato de rebeldia, um quadro onde alguém escreve um livro e este se publica conforme conveniente ao perfil dele. Em um primeiro momento a forma do livro é definida por uma pessoa, senão o autor do conteúdo por um designer⁵, a apresentação do livro não é propriamente definida por ele mas existe a possibilidade do designer fazer uma infusão de personalidade no livro pela forma com que o conteúdo se organiza nas páginas. Nesse primeiro momento aparece o primeiro indício de vida ou vontade no livro. Este apresenta seu conteúdo para o leitor conforme escolhas gráficas definidas, mas ainda se trata de uma ilusão pois a vida não se dá por uma condição própria, o livro não toma decisões, ele é o produto do projeto de alguém. A aparente vida se dá pela transparência do designer, que se esconde sob a sombra de seu projeto gráfico.

Jorge Luis Borges em seu conto *O livro de areia* imagina um livro infinito cujo título se dá pelo próprio nome do conto. Este livro possui a característica de nunca se abrir na mesma página. Ele opera sobre a ideia de que existe uma infinidade de grãos de areia em uma praia e na da singularidade de cada um deles, a partir dessa praia se estabelece a metáfora entre os grãos e as páginas, e do evento que se torna muito remoto ou até impossível que é o de reencontrarmos um mesmo grão de areia em uma praia depois que o devolvemos à areia, ou de reencontrar uma página depois que a viramos. O conteúdo que se apresenta sempre novo dá vida ao livro que aparenta ser autor de si próprio, força motora produtora de páginas. Este livro nunca se permite ser aberto em uma mesma página, o suposto escritor do texto (o conto é escrito em primeira pessoa) através dessa condição de possuir tal livro diabólico se assombra com a implacável ordem que o livro determina a seu leitor.

O livro quando *vivo* se torna designer gráfico de si próprio ou coautor à medida que modifica-se e nos força a ler e interpretar seus conteúdos de formas variadas, fazendo com que leitores tenham experiências diferentes conforme suas diversas manifestações, mesmo tendo como princípio um único texto. O texto quando impresso de outra forma que não a que estamos acostumados modifica a comunicabilidade de sua essência, conforme a intervenção a intenção do autor se distancia de sua primeira pretensão. Em alguns dos livros a leitura do

texto escrito se dificulta e interpretamos a página por outra perspectiva que não a de ler um texto, a mudança da forma de leitura impacta profundamente nossa interpretação do conto.

O “livro segundo livro” opera e modifica a página já diagramada, adiciona uma camada de sentido conforme determina um porquê do livro ter se manifestado daquela forma e nos estabelece uma nova interação com seu conteúdo. Somos provocados a pensar e repensar a linguagem escrita conforme diversas barreiras são colocadas na nossa despercebida leitura automática. Assim os livros propõem uma reflexão de como os lemos, manipulam o código atualmente presente para que tenhamos novas relações e assim repensemos porque escrevemos conforme escrevemos.

Processo

Durante o primeiro período de considerações, antes de qualquer primeiro delineamento de projeto, tive vontade de pensar junto com dois projetos de Bruno Munari: os *pré-livros* e o livro *desenhando uma árvore*⁶.

Os *pré-livros* foram um projeto que consiste de doze pequenos livros, neles foi pesquisada a possibilidade de como o material e a forma podem interferir e modificar capacidades da comunicação visual de um livro antes deste receber algum texto. A partir desta ideia faz-se um marco separatório, existem dois casos: os livros antes de receber seu conteúdo e os livros depois de receberem seu conteúdo. Um dos pontos de partida para meu projeto teve como base considerações similares, mas desta vez no segundo caso, quando um livro já possui informações em suas páginas, é possível interferirmos na capacidade visual de um livro depois que este já possui seu conteúdo diagramado? Sinto que ambos os projetos possuem hipóteses muito similares mas campos de intervenção muito distintos.

Apesar de também terem sido feitas doze manifestações de livros isso foi mera coincidência, pois este é um trabalho que tende a uma infinidade de possibilidades, assim como os *pré-livros*. O número de livros se definiu conforme a permissão do tempo disponível. Imagino que ambos os trabalhos não procuram definir uma totalidade, um fim, mas demonstrar o primeiro passo do que pode e deve ser continuado por uma longa caminhada.

No livro *desenhando uma árvore* Munari exemplifica como uma única ordem projetual, mesmo simples, pode

eventualmente resultar em uma infinidade de resultados distintos⁷. No texto é colocado que um tronco ou galho sempre se divide em dois ou mais galhos de diâmetro menor do que o originário, é a partir desta sentença que nascem as mais diversas silhuetas de árvores. Munari explora alguns parâmetros dentro desta ordem para seus desenhos, qual é a extensão destes galhos? São retos ou tortos? Quais são seus ângulos? Quantos galhos devem partir do galho anterior? Qual deve ser a diferença entre os diâmetros dos galhos?

Trazendo esse pensamento para a ordem do livro torna-se o desafio reconhecer quais são os parâmetros que podem ser modificados para determinar possíveis manifestações. Neste exercício é de se notar como existem muitas práticas que passam despercebidas por nós por conta de gestos automáticos que temos em nossas percepções e leituras do mundo que objetificamos, e consequentemente significamos.

Um mecanismo que foi utilizado para facilitar o reconhecimento desses parâmetros é o uso de artifícios do campo do *humor nonsense*. Em um momento em que somos cegos pela prática contínua e pelo costume usa-se um tipo de humor que opera exatamente infiltrado dentro da ordem das coisas, uma vez dentro de um processo lógico é promovida uma traição que o ressignifica. Somos obrigados a aceitar o novo contexto e achar um novo sentido para aquilo que antes era comum. Daí o riso, do estranhamento e da questão que nos ocorre quando pen-

samos em algum porquê ou sentido de algo ter se manifestado de determinada forma. Há sentido nesta traição?

O humor nonsense como princípio de pensamento de uma intenção facilita nossa compreensão sobre o livro, pois temos que voltar algumas etapas para entender os sentidos pelo qual os livros são como são, e alterar esses sentidos para criar as hipóteses de como os livros poderiam ser.

Dentro de algumas operações feitas nos livros estão importações de modelos de outros idiomas de escrita para o português (como nas inversões de direção de leitura⁸), resgates de tipos antigos que caíram em desuso (como é feito com o *pé de mosca* “¶”, para determinar inícios de novos parágrafos) e distorções e recortes do desenho tipográfico. A manipulação de valores nos parâmetros somada aos títulos dados para cada livro determinam o propósito pelo qual ele existe, mesmo que este não tenha um sentido claro para nós.

O raciocínio para desenvolvimento dos livros tinha dois pontos de partida, um no campo sintático: quando é descoberto um parâmetro e através da sua manipulação é atribuído um título ao livro; e o outro que parte do campo semântico: quando se tem uma intenção de título em mente e a partir dela é pensado qual é parâmetro que pode ser manipulado para melhor condicionar o livro a essa intenção.

Através do cenário descrito é feito o percurso pelo qual foram definidos os doze livros apresentados neste

trabalho final de graduação. Como em toda pesquisa experimental, o processo é aberto a derivas erráticas, ele foi composto de diversos becos, muitos projetos que pareciam interessantes em um primeiro momento quando executados não funcionavam bem, mas também houveram felizes acidentes que levaram uma primeira tentativa a um segundo sucesso. Em um trabalho que possibilita uma imensidão de resultados é essencial que se tenha bons critérios para conseguir separar harmonias de ruídos, a crítica ao que está sendo feito é uma das mais potentes ferramentas que o operador tem em mãos para rever e qualificar seus resultados, para além dos próprios sentidos são sempre bem vindos sentidos alheios sobre os trabalhos desenvolvidos⁹.

A escolha do texto

O texto escolhido para desenvolver os experimentos foi o conto de Machado de Assis chamado *A Igreja do Diabo*, um texto de fácil acesso por conta de já estar em domínio público¹⁰. Em um primeiro momento para me afastar de influências do campo semântico usei como critério de escolha não o conteúdo mas o número de toques que o texto possui, aproximadamente 12500, dessa forma pude diagramar o livro em um pequeno folheto de 16 páginas, o que facilitaria a tarefa e a dinâmica de se fazer vários experimentos. Com uma encadernação simples em canoa eu resolveria facilmente as edições finais.

Fora só tardiamente, quando já estava no décimo livro que resolvi ler o conto para minar minha ignorância quanto ao conteúdo que várias vezes já havia distorcido em experimentos. Nisso aconteceu a coincidência de o texto ser sobre a contradição humana e de isso se alinhar muito bem com os livros que desobedecem também as suas condições.

Involuntariamente foi tecido um sentido entre as operações que o trabalho se dispõe a fazer e o texto escolhido.

O projeto gráfico

O tratamento gráfico dado ao livro visou principalmente simplicidade, o motivo para isso foi para evidenciar com maior intensidade quais eram os parâmetros que eram modificados para cada uma das manifestações do livro, não haviam informações excedentes ofuscando as intervenções. Foi utilizada somente uma família tipográfica para todo o projeto, a fonte gratuita *Crimson Pro*, e páginas livres de ornamentações e marcações.

O ateliê em casa

Dentro do quadro epidêmico de 2020 tiveram que ser feitas diversas adaptações no processo de confecção do Trabalho final de graduação. Uma das primeiras decisões que foram tomadas foi a de adaptar o projeto para ser feito inteiro em casa, o isolamento definiu uma condicion-

ante onde ficou difícil e arriscado, para mim e para técnicos, o acesso aos laboratórios gráficos da FAU.

Com sorte pude contar com um computador e uma impressora caseira para pensar o trabalho e testar soluções gráficas.

Em casa nos vemos isolados da convivência do ateliê, um ambiente importante para produção mas também para a troca, a efemeridade das pessoas que transitam no espaço promove encontros e discussões que dão novas perspectivas aos trabalhos. Em um momento em que me encontrava ciente destas condicionantes me vi voltado ao meio digital para tentar preencher este vácuo que acredito ter aparecido no processo projetual.

Ao mesmo tempo que o ateliê digital implica na distância física ele também determina aproximações. Na era da informação temos acesso a muitos conteúdos que não se limitam a localidades, o ateliê digital não limita seus usuários, as mesmas ferramentas estão disponíveis para muitas pessoas que as utilizam e as reinventam conforme seus propósitos, a espacialidade do ateliê digital tem escala global.

Reconheço que existe sim uma questão quanto a acessibilidade das ferramentas, *softwares* pagos, inscrições e conteúdos exclusivos para *membros premium*, para citar alguns exemplos. Na produção dos livros foram utilizados os *softwares* da *Adobe* e o programa *open source* chamado *Blender*, são programas profissionais em nível de qualidade muito similar mas que em sua essência de

acesso possuem essa diferença que determina a possibilidade de uso para muita gente.

Para além da questão do preço também senti que a relação que um software open source tem com seus usuários modifica radicalmente sua interação com suas ferramentas, livre de motivos profissionais são atraídos muitos curiosos que passam a testar possibilidades das ferramentas com diversos propósitos que transcendem os porquês de suas funcionalidades. Cresce uma comunidade muito diversa, que aprende o software como hobby, e compartilha feitos em uma dinâmica acelerada, há também aqueles que visam otimizar funcionalidades e programam e modificam códigos para lançar novas ferramentas¹¹.

As comunidades digitais foram muito importantes para auxiliar o pensamento dos livros, conforme eu aprendia ferramentas nasciam novas possibilidades de modificar os livros. Mas não acredito que o espaço digital exclua ou tome lugar das vivências físicas de um ateliê, é uma complementação, e para suprir as necessidades desses encontros físicos mantive contato com diversas amizades por ligações virtuais para discutir pontos do projeto, de forma não ideal mas possível.

Os livros

A seguir serão dispostos todos os livros com breves explicações para registrar a ordem com que foram feitos e ponderações relevantes.

Segue-se uma lista cuja leitura provavelmente será monótona se lida de forma contínua, mas interessante para esboçar pontos e raciocínios que foram considerados durante os projetos dos livros.

Aconselha-se a leitura fragmentada vinda de curiosidades que os livros projetados podem ter despertado.

puxadas pela franja, deitavam a capa às urtigas e vinham alistar-se na igreja nova. Atrás foram chegando as outras, e o tempo abençoou a instituição. A igreja fundara-se; a doutrina propagava-se; não havia uma região do globo que não a conhecesse, uma língua que não a traduzisse, uma raça que não a amasse. O Diabo alçou brados de triunfo.

Um dia, porém, longos anos depois notou o Diabo que muitos dos seus fiéis, às escondidas, praticavam as antigas virtudes. Não as praticavam todas, nem integralmente, mas algumas, por partes, e, como digo, às ocultas. Certos glutões recolhiam-se a comer frugalmente três ou quatro vezes por ano, justamente em dias de preceito católico; muitos avaros davam esmolas, à noite, ou nas ruas mal povoadas; vários dilapidadores do erário restituíam-lhe pequenas quantias; os fraudulentos falavam, uma ou outra vez, com o coração nas mãos, mas com o mesmo rosto dissimulado, para fazer crer que estavam embaçando os outros.

A descoberta assombrou o Diabo. Meteu-se a conhecer mais diretamente o mal, e viu que lavrava muito. Alguns casos eram até incompreensíveis, como o de um droguista do Levante, que envenenara longamente uma geração inteira, e, com o produto das drogas, socorria os filhos das vítimas. No Cairo achou um perfeito ladrão de camelos, que tapava a cara para ir às mesquitas. O Diabo deu com ele à entrada de uma, lançou-lhe em rosto o procedimento; ele negou, dizendo que ia ali roubar o camelo de um drogoma

Do livro como normalmente se apresenta.

Este foi o livro original, o primeiro projeto, diagramado da forma como normalmente vemos os livros diagramados. Sua função, além da cômoda leitura, foi a de se tornar a base para todos os experimentos que vieram a seguir.

puxadas pela franja, deitavam a capa às urtigas e vinham alistar-se na igreja nova. Atrás foram chegando as outras, e o tempo abençoou a instituição. A igreja fundara-se; a doutrina propagava-se; não havia uma região do globo que não a conhecesse, uma língua que não a traduzisse, uma raça que não a amasse. O Diabo alçou brados de triunfo.

Um dia, porém, longos anos depois notou o Diabo que muitos dos seus fiéis, às escondidas, praticavam as antigas virtudes. Não as praticavam todas, nem integralmente, mas algumas, por partes, e, como digo, às ocultas. Certos glúmbes recolhiam-se a comer frugalmente três ou quatro vezes por ano, justamente em dias de preceito católico; muitos avaros davam esmolas, à noite, ou nas ruas mal povoadas; vários dilapidadores do erário restituíam-lhe pequenas quantias; os fraudulentos falavam, uma ou outra vez, com o coração nas mãos, mas com o mesmo rosto dissimulado, para fazer crer que estavam embaçando os outros.

A descoberta assombrou o Diabo. Meteu-se a conhecer mais diretamente o mal, e viu que lavrava muito. Alguns casos eram até incompreensíveis, como o de um drogista do Levante, que envenenara longamente uma geração inteira, e, com o produto das drogas, soccorria os filhos das vítimas. No Cairo achou um perfeito ladrão de camelos, que tapava a cara para ir às mesquitas. O Diabo deu com ele à entrada de uma, lançou-lhe em rosto o procedimento; ele negou, dizendo que ia ali roubar o camelo de um drogoma-

Do livro com Hipermetropia.

A primeira intervenção tem seu princípio em um problema de visão do olho humano, mas dessa vez impresso no livro. Interessante seria haver uma lente corretiva que pudéssemos usar que nos permitisse ler este livro *normalmente*.

Nesta manifestação ocorreu-me um primeiro impasse vindo da dúvida de como esse material ficaria impresso. Considerando a forma como imprimimos coisas, do positivo e negativo da xilogravura até os sistemas de retículas por meio da qual as impressoras geralmente operam, a graduação infinita das cores entre o positivo e o negativo sempre foi uma questão. Foram desenvolvidos vários métodos para reproduzir isso, um dos mais notáveis sendo da xilogravura japonesa (*Ukiyo-e*) onde na entintagem os impressores dissolvem a tinta com água e com isso conseguem atingir tonalidades intermediárias.

Houve esse momento de medo do desfoque se tornar uma nuvem disforme de pontos pretos, mas no fim a retícula conseguiu cumprir bem seu papel, ainda haviam traços reconhecíveis dos tipos em meio à impressão do desfoque. Embora não perfeita, a ilusão funcionou, o que foi bem libertador de preocupações para outras manifestações que vieram posteriormente.

puxada de urtigas e vinham chegando as aspersões. A igreja fundara-se, porém havia uma região do globo que não a tradição saía. O Diabo alçou brados de triunfo

Um dia pôs o Diabo que muitos praticavam as antigas, nem integralmente, às ocultas. Certas vezes, formalmente três ou quatro dias de preceito católicos, à noite, ou nas ruas, do erário restituíam, os fraudulentos falavam, uma noite, mas com o mesmo dizer que estavam embaçando

A Diabolizante se a conhecer mais um pouco. Alguns casos, onde um droguista do Lugar, uma geração inteira, os filhos das vítimas de camelos, que taparam o Diabo deu com ele à entrada do procedimento; ele negociou de um drogoma-

**Do livro cujas colunas de texto
dobram sobre si mesmas.**

Este livro evoca a ilusão de uma operação mecânica sobre a página, ele lembra o acidente que ocorre quando fechamos um livro com descuido e uma página dobra sobre si mesma se amassando em seu interior, ou quando não temos um marcador e dobramos uma página criando assim um ponto de orientação pelo qual podemos posteriormente retomar algum trecho do livro.

praxas dela tñaj, deitavam a cada ás nrtigas e vin-
ham alistar-se na igreia novas. Atras foram chegando as
outras, e o tempo abençoou a instituição. A igreja fund-
ara-se; a doutrina propagava-se; não havia uma região
do globo que não a conhecesse, uma língua que não a
traduzisse, uma raça que não a amasse. O Diabo alçou
brados de triunfo.

Um dia, porém, longos anos depois notou o Diabo que
muitos dos seus fiéis, ás escondidas, praticavam as an-
tigas virtudes. Não as praticavam todas, nem inteira-
mente, mas algumas, por partes, e como digo, ás ocultas.
Certos glútes recolhiam-se a comer frugalmente três ou
quatro vezes por ano, e instantemente em dias de preceito
católico; muitos aviam esmolado, á noite, no nas-
tmas mal povoadas; vários dilapidadores do erário testi-
ficavam-lhe pedrenas durantas; os tranqueletos falavam,
uma ou outra vez, com o coração nas mãos, mas com o
mesmo rosto dissimulado, para fazer crer que estavam
empacando os ouros.

A descoberta assombrou o Diabo. Meteu-se a conhecer
mas distatamente o mal, e viu que lavrava muito. Alguns
casos eram até incompreensíveis, como o de um drogista
do Levante, que envenenara longamente uma geração in-
teira, e com o produto das drogas, socorria os filhos das vi-
timas. No Cairo achou um peixeiro lação de camelos, que
tapava a cara para ir ás mesquitas. O Diabo deu com ele á
entrega de uma, lançou-lhe em rosto o procedimento; ele
negou, dizendo que ia ali comprar o camelo de um drogoma-

Do livro para ser lido no espelho.

Ler este livro envolve o exercício de se colocar em frente a um espelho, ou o esforço que vai além da quebra do hábito da leitura da esquerda para a direita, pois também é necessário o esforço de reconhecer os tipos que também estão espelhados. Este segundo esforço não foi óbvio, e só se tornou visível para mim a partir do momento em que olhei a coluna de texto e percebi que ele parecia ter sido escrito em outro alfabeto.

h m l st r-s n gr j n v . tr s f r m ch g nd s
tr s, t mp b nç nst t ç . gr j f nd
r -s; d tr n pr p g v -s; n h v m r g d
gl b q n c nh c ss, m lng q n tr d
z ss, m r ç q n m ss . D b lç br d s
d tr nf .

m d , p r m, l ng s n s d p s n t D b q
m t s d s s s f s, s sc nd d s, pr t c v m s n-
t g s v r t d s. N s pr t c v m t d s, n m nt gr l-
m nt, m s lg m s, p r p r t s, , c m d g, s c lt s.
C r t s gl t s r c lh m-s c m r fr g lm nt tr s
q tr v z s p r n, j st m nt m d s d pr c t c
t l c; m t s v r s d v m sm l s, n t, n s r s
m l p v d s; v r s d l p d d r s d r r r st t m-
-lh p q n s q nt s; sfr d l nt s f l v m, m
tr v z, c m c r ç n sm s, m sc m m sm r s-
t d ss m l d, p r f z r c r r q st v m mb ç nd
s tr s.

d sc b r t ss mbr D b . M t -s c nh c r
m s d r t m nt m l, v q l v r v m t . lg nsc
s s r m t nc mpr ns v s, c m d m dr g st d
L v nt, q nv n n r lng m nt m gr ç nt r,
, c m pr d t d s dr g s, s c rr s f l h s d s v t m s.
N C r ch mp r f t l dr d c m l s, q t p v
c r p r r sm sq t s. D b d c m l ntr d d
m, l nç -lh m r st pr c d m nt; l ng, d z nd
q l r b r c m l d m dr g m n; r b -, c m
f t, v st d D b f d -l d pr s nt mm zm,

Do livro que omite suas vogais.

Este seria um livro muito complicado de ser feito se dependesse de um sistema manual para ser impresso, através de ferramentas digitais foi possível atribuir características que permitiram a fácil omissão de determinados caracteres.

(The page contains a large, faint watermark or bleed-through from the reverse side, which appears to be a circular seal or logo.)

(The page contains faint, illegible bleed-through from the reverse side.)

Do livro quando torcido.

Este foi o primeiro livro que resultou páginas que continham aspecto tridimensional mais evidente.

Para o fazer recorri a um *software* (chamado *Blender*) que permitia a manipulação de objetos em três dimensões, nele as páginas se contorciam e se distorciam conforme as torções eram feitas. A soma de diferentes torções em diferentes eixos gerava efeitos que iam além dos possíveis no meio físico.

Este experimento serviu como uma primeira consideração das possibilidades que o meio digital permite. Apesar de ser uma operação baseada em uma ação simples, a torção, a imaterialidade da página permitia que esta realizasse sobreposições impossíveis em meio físico.

Do livro cuja frente espia o verso.

Este é um dos livros que mais sofreu alterações durante o trabalho. Inicialmente foi considerada a hipótese de se criar janelas internas à mancha gráfica em diversos formatos, que mostrassem o verso da página. O que não resultou em algo graficamente interessante.

Em uma segunda tentativa considerou-se usar o próprio desenho dos tipos da página como janela para mostrar seu verso. A partir desta nova ordem o resultado gráfico é a intersecção entre os tipos da frente e do verso, ou seja, a frente e o verso ficam com o mesmo resultado gráfico, mas de forma espelhada.



Do livro quando lido por um caleidoscópio.

Neste livro foi utilizado um *software* (novamente *Blender*) para fazer os cálculos das reflexões da luz. Nele as imagens são geradas a partir de modelos tridimensionais, o raciocínio analógico foi utilizado para montar um aparato no meio digital, este dispositivo visava reproduzir com perfeição exata um resultado impossível no meio físico.

No meio digital há diversos aspectos que podemos controlar, nele conseguimos um espelho perfeito, posicionamos a câmera perfeitamente ortogonal à página, definimos a perspectiva desejada, melhoramos alguns aspectos quantitativos finais da imagem (números que definem a qualidade final de como a luz vai se comportar em cada superfície, números de reflexões, refrações, etc.) para que seja feito o cálculo.

Após um tempo que depende da capacidade de processamento do computador utilizado temos a imagem que instantaneamente é processada por nós mesmos em qualidade excepcional.

O computador permite um mundo controlado por parâmetros, mas é incapaz de processar o mundo como nós o enxergamos. Ter o controle do mundo define a necessidade de processar todos os eventos deste mundo, diferente do software nós somente observamos e reagimos ao mundo, somos passivos a suas regras.

belacasanacampanharomana,telas,estátuas,biblioteca, etc.Eraafraudeempessoa;chegavaametersenacamapara nãoconfessarqueestavasão.Poissehomem,nãosónão furtavaaojogo,comoaindavadagratificaçõesaoscriados. Tendoangariadoaamizadedeumcônego,iatodasas semanasconfessar-secomele,numacapelasolitária;e, conquantonãoolhedesvendassenenhumadassuações secretas,benzia-seduasvezes,aoajoelhar-se,eao levantar-se.ODiabomalpôdecrertamanhaaleivosia.Mas nãohaviaqueduidar;ocasoeraverdadeiro.¶Nãosedeteve uminstante.Opasmonãoolhedeutempoderefletir, comparareconcluírdoespetáculopresentealgumacoisa análogaaopassado.Vooudenovoaocéu,trêmuloderaiva, ansiosodeconhecercacausasecretadetãosingular fenômeno.Deusouviu-ocominfinitacomplacência;nãoo interrompeu,nãoorepreendeu,nãotriunfou,sequer, daquelaagoniasatânica.Pôsolhosnele,edisse-lhe:¶ —Quequerestu,meupobreDiabo?Ascapasdealgodãotêm agorafranjasdeseda,comoasdeveludotiveramfranjasde algodão.Quequerestu?Éaeternacontradiçãohumana.

Do livro contínuo.

O livro contínuo parte da ideia de atingir um texto sem espaços nem parágrafos (considerando os parágrafos como interrupções e quebras da linha de texto), algo que não é nada original pois foi necessário o resgate de um tipo que caiu em desuso, o pé de mosca (*pilcrow* “¶”), para sinalizar o término e início de parágrafos. Este caractere era utilizado durante a idade média para demarcar que ali se iniciava uma nova linha de pensamento.

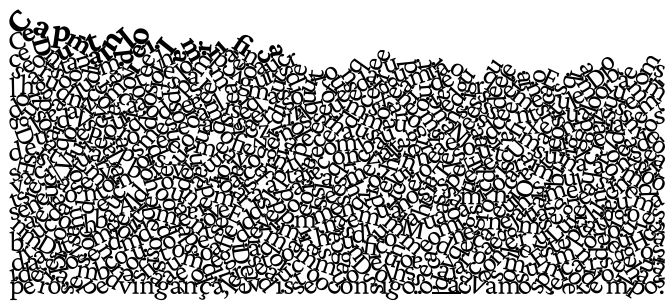
O texto como linha contínua permitiu diversos novos desenhos de manifestações de livros, a partir do momento que se tem somente uma linha de texto sem as interrupções dos parágrafos pode-se raciocinar com maior facilidade novas formas de se dispor o texto, um dos possíveis projetos que foi considerado mas não realizado é “Do livro em espiral”, por exemplo.

eficaz de combater as outras religiões, e destruí-las de varonil. Em seguida, lembrou-se de ir ter com Deus para todos os Faustos do século e dos séculos.¶ — Explica-te.¶ obter a vitória final e completa. E então vim dizer-vos com certo ar de escárnio e triunfo. Tinha alguma idéia vossos pés, nos templos do mundo, trazem as anquinhas comenda... Vou a negócios mais altos...¶ Nisto os serafins uma vida honesta, teve uma morte sublime. Colhido em homens... Mas, vai! vai!¶ Debalde o Diabo tentou proferir Confessava que era o Diabo; mas confessava-o para entusiasmo, espertar os indiferentes, congregar, em existência de Homero; sem o furor de Aquiles, não have-tuir a vinha do Senhor, expressão metafórica, pela vinha do homem; o braço direito era a força; e concluía: Muitos vender a tua opinião, o teu voto, a tua palavra, a tua fé, legítimo, o que era exercer ao mesmo tempo a venalidade salva, todavia, a única exceção do interesse. Mas essa padre de Nápoles, aquele fino e letrado Galiani, que acontece aos adúlteros. Este apólogo foi incluído no livro vam as antigas virtudes. Não as praticavam todas, nem incompreensíveis, como o de um droguista do Levante, um calabrés, varão de cinqüenta anos, insigne falsifica- era verdadeiro.¶ Não se deteve um instante. O pasmo não

Do livro cujas linhas de texto transcendem suas páginas.

Este é um livro que só foi possível a partir do livro contínuo, neste projeto resgatam-se os espaços mas mantém-se a estrutura de um texto escrito em uma linha contínua.

A linha transcende sua coluna de texto e continua na coluna seguinte. A leitura se desenvolve em um movimento que relembra a helicóide, a mudança para a próxima linha de texto se torna mais fácil girando o livro ao invés de voltando suas páginas até seu início. Um outro título para este livro que foi considerado foi “Do livro de verão” por conta do vento que é gerado através da frequente mudança das páginas.



Do livro cujos tipos não se fixaram à página.

Este foi um dos projetos que precisou ser abandonado por conta das dificuldades técnicas que apareceram conforme tentava-se chegar a sua forma final. As tentativas de simular a queda dos tipos na página falharam pela alta complexidade do desenho tipográfico e por conta do extenso número de interações que esses tipos teriam um com o outro.

O resultado ao lado veio da manipulação individual de cada tipo para tentar reproduzir como eles ficariam após sua queda. Exercício que valeu a pena para visualizar o resultado em uma página, mas o tempo que seria dedicado para fazer o folheto inteiro não justificou a sua conclusão.

[illegible]

1. The first step is to identify the problem or question that needs to be addressed. This involves understanding the context and the specific requirements of the task.

2. Next, it is important to gather relevant information and data. This can be done through research, consultation with experts, or by analyzing existing data sets.

3. Once the information is gathered, the next step is to develop a plan or strategy to solve the problem. This plan should outline the steps to be taken and the resources needed.

4. The fourth step is to implement the plan. This involves carrying out the tasks outlined in the plan and monitoring progress as it goes.

5. Finally, it is important to evaluate the results of the process. This involves comparing the actual outcomes with the expected results and identifying any areas for improvement.

1. The first step in the process is to identify the problem or issue that needs to be addressed. This involves gathering information and understanding the context of the problem.

2. Once the problem is identified, the next step is to define the objectives and goals of the project. This helps to clarify what needs to be achieved and provides a clear direction for the team.

3. The third step is to develop a plan or strategy to address the problem. This involves breaking down the problem into smaller, manageable tasks and determining the resources needed to complete them.

4. The fourth step is to implement the plan. This involves putting the strategy into action and monitoring progress regularly to ensure that the project is on track.

5. Finally, the fifth step is to evaluate the results of the project. This involves assessing the outcomes against the objectives and goals to determine the effectiveness of the project and identify areas for improvement.

Do livro em baixa resolução.

Este foi um livro planejado para ter suas páginas em uma resolução baixa de *15dpi* (15 pontos por polegada). Ironicamente, no momento da impressão, as imagens eram processadas de forma a suavizar as extremidades de cada ponto conforme as tonalidades dos pontos vizinhos, para resolver isso e deixar o *pixel* (*picture element*, o ponto digital) definido foi necessário retornar a imagem em baixa resolução para uma condição de alta definição de *300dpi* (300 pontos por polegada). Desta forma cada quadrado na imagem no arquivo é um conjunto de 20x20 pontos, ou seja 400 pontos.

Do livro em zigue-zague.

Este livro parte da hipótese de tentar diminuir o quanto o olho tem que se deslocar de uma linha para a outra, desta forma a leitura se intercala da esquerda para a direita e depois da direita para a esquerda. Esta ordem só se quebra nos inícios de parágrafo que sempre se iniciam com a leitura da esquerda para a direita, o que deixou a ordem da manifestação mais clara e menos confusa.

Apêndice

Livros inteligentes

No processo de se fazer o trabalho dos doze livros foi se determinando diversos parâmetros que poderiam ser editados para modificar as páginas conforme elas se apresentavam, parâmetros referentes ao código escrito, à tridimensionalidade da página, à nossa visão, e a diversos outros aspectos do livro. Assim a informação é impressa conforme um molde proposto.

Em um primeiro momento somos editores que definem valores a esses parâmetros, no livro cujas páginas dobram sobre si mesmas somos nós que definimos onde essas páginas se dobram, no livro com hipermetropia somos nós que definimos o grau da hipermetropia. Os livros se manifestam enquanto manipulamos algumas de suas características. É criada uma ilusão a partir da qual os livros parecem ser editores de si mesmos, mas estes continuam como objetos inanimados. Somos nós que os editamos conforme nossas vontades.

A partir deste trabalho comecei a considerar outras hipóteses de raciocínio para manipular informação. No computador tive diversos aparatos para visualmente me auxiliar na manipulação do conteúdo do livro, a interface organiza informações e simula uma prancheta, a superfície da mesa de trabalho, uma tela para desenho, um laboratório tipográfico, um ateliê de modelagem, um estúdio fotográfico, minha mão que gesticulo com o auxílio de um *mouse* ou uma caneta, a lista de possibili-

dades é imensa. Mas por debaixo da tela, da camada que chamamos de interface acontecem os processos, uma sequência infinita de ordens que determinam o que aparece para nós. Posso editar livros alterando esses códigos que se encontram ocultos? Os livros são uma tradução de um código binário que segue a sintaxe computacional? Entender essa sintaxe expande a abrangência de intervenções que eu tinha em um primeiro momento?

Foram me surgindo diversas questões sobre as possibilidades de operações que eu poderia dentro da programação. Manipular um livro a partir de seu código fonte. Nos *softwares* de edição haviam possibilidades de manipular aspectos do livro através de um raciocínio analógico proveniente da interface que nos é apresentada. Existe portanto um outro tipo de raciocínio que pode ser utilizado para programar intervenções em um livro, até o momento considero ser um raciocínio lógico pautado pela sintaxe de um código definido.

Definindo parâmetros e adequando valores são gerados os resultados, tendo um livro como ponto de partida podem ser gerados outros conforme o número de possibilidades que o parâmetro determinado permitir.

No conto *A biblioteca de Babel*, escrito por Jorge Luis Borges, é imaginada uma biblioteca que possui uma imensidão de livros, estes são volumes que apresentam todas as combinações com que um conjunto definido de letras pode se organizar. A partir dessa ordem e da determinação deste parâmetro um computador pode

gerar essa infinidade de livros, mas sem um mecanismo crítico, sem critérios de separação, não consegue separar o que é legível para nós do que não é. Acabaríamos perdidos em um infindável volume de conjuntos de letras, sendo que em sua grande maioria não teria nenhum sentido para nós. A única coisa que teríamos é a certeza de que em meio ao ruído existe um conjunto que é perfeito, que determina o que aconteceu e o que acontecerá até o fim da história. A fórmula que buscamos para explicar o universo à nossa volta.

A hipótese de programar livros pode resultar em infinitudes de possibilidade, mas não somos capazes de mensurar e muito menos de processar números muito grandes de informação, para nós eles se tornam infinitos. Em seu conto Jorge Luis Borges escreve sobre os aventureiros que buscam o livro perfeito, que rege e determina a origem e o fim da linguagem, mas que se perdem no labirinto de papel em meio às tentativas frustradas da busca.

Seria possível uma biblioteca que conseguisse definir o que é conveniente para nós lermos? Ou um livro que consegue determinar, com critérios, informações pertinentes em meio ao ruído?

O livro inteligente é o livro máquina, que consegue discernir em meio às diversas possibilidades as informações que são importantes para nós, para então apresentá-las em seu miolo. Ele analisa, aprende e reescreve seus critérios para processar informação e apresentar uma fatia de uma amostra. O livro se torna autônomo, não depende

mais de nós para manifestar seus conteúdos.

Um próximo campo de pesquisa que pode ser explorado é o de aprendizado de máquina (*machine learning*), através dele cria-se a possibilidade de adicionar uma camada de inteligência artificial no livro. O livro passa a catalogar conteúdos diversos e aprender e se adaptar aos contextos aos quais se encontra. Algumas ponderações aparecem sobre a possibilidade de um livro se escrever, ser autor de si mesmo.

O livro eletrônico permite a produção instantânea de uma página, faz com que seja possível que o conteúdo de um livro esteja sempre em movimento, adiciona dinâmica nas informações que antes se viam imóveis. O livro inverte seu papel e passa a ler nossos dados para produzir páginas para serem lidas por nós.

Quem escreveu os livros da biblioteca de Babel?

Notas

1. Na história do livro já se foram usados diversos suportes para se escrever informações, para nomear alguns temos as placas de argila e cera, rolos, livros sanfonados, códices, tiras de bambu e atualmente temos o livro eletrônico (*e-book*). Não considero que estes suportes tenham uma linearidade evolutiva, eles se entrelaçam em complexa rede carregando entre si similaridades.
2. Ana Elisa Ribeiro possui um texto intitulado “O que é e o que não é um livro: materialidades e processos editoriais”, nele são feitas diversas considerações segundo diversos agentes, pessoas e instituições, sobre o que faz do livro o livro.

Para este trabalho e exercício considero como livro os objetos portáteis que carregam em si textos e ilustrações registrados por nós.

3. No livro “Design da Escrita: redigindo com criatividade e beleza, inclusive ficção”, Antônio Suárez Abreu desenvolve um reflexão sobre o que é o texto, nela ele determina que todo texto é: a) uma proposta de construção de sentidos; b) produto de uma intenção; c) existe, sempre dentro de um gênero.
4. Na fábula o ser abissal, o *Vampyroteuthis Infernalis*, é analisado como a espécie que evoluiu na linha contrária à raça humana, no texto são feitas comparações em diversos aspectos para a partir do opos-

to conhecermos nós mesmos melhor. São descritas duas espécies que lutam contra o esquecimento e buscam preservar de alguma forma as informações obtidas, somos categorizados como espécie que adiciona informações e sentidos aos objetos enquanto o *Vampyroteuthis infernalis* passa as informações adquiridas geneticamente para seus descendentes.

5. No livro “Artista e designer”, Bruno Munari busca comparar atividades desses dois tipos profissionais para tentar definir melhor como ambos operam com relação a seus trabalhos. Acho que esse livro contém reflexões que podem nos auxiliar, para melhor compreender, como a obra do escritor influencia o designer e vice-versa.

Em alguns casos esses papéis podem se mesclar como acontece no livro “Jogo da amarelinha”. No texto “De outra máquina celibatária” Julio Cortázar apresenta croquis do projeto de uma máquina que abriga o livro e permite sua navegação, o autor desenha um livro-máquina.

6. Tradução do título feita por mim, não encontrei nenhuma edição desse livro para o português.
7. O livro também nos incentiva ao ato de desenhar. Aguça nossa observação para conseguirmos reconhecer padrões e ordens nas formas das coisas para que assim possamos reproduzi-las.
8. No caso do árabe e do hebraico a leitura do texto escrito se dá da direita para a esquerda. No japonês

além da leitura da direita para esquerda pode-se escrever os textos de cima para baixo. Esses são alguns exemplos de idiomas que possuem outras ordens de leitura diferentes da utilizada no português.

Um exercício interessante que pode nascer das doze manifestações feitas neste trabalho é a sua tradução para outros idiomas.

9. Durante o desenvolvimento dos livros comecei a mostrá-los para amigos e amigas, os comentários alheios sempre trazem perspectivas outras que enriquecem o trabalho e nos mostram novos caminhos de desenvolvimento. Um livro não desenvolvido mas que gostei bastante da ideia foi a “Do livro RGB” por exemplo que evoca uma possibilidade de brincar com a tela impressa, é bem possível que desta ideia tenha nascido, mesmo que inconscientemente, o livro “do livro em baixa resolução”.
10. O conto pode ser acessado no seguinte link: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000195.pdf>> acessado em fevereiro de 2021.
11. Atualmente estamos em uma época em que existe a possibilidade de termos acesso a muita informação, no período de epidemia a questão do acesso foi colocada em evidência. Conforme não podemos mais recorrer a locais públicos para obter informações relevantes, temos que recorrer ao meio digital. A acessibilidade nesse quadro coloco com diversas ressalvas pois ela depende, além de diversas barreiras

ras digitais, ao acesso a um computador e à internet.

Um livro que me deparei mas não li profundamente mas que trata destas questões, das barreiras digitais principalmente para livros, é o livro “Open access”, da autoria de Peter Suber e publicado pela MIT Press. Infelizmente ele não possui tradução para o português mas está disponível no seguinte link: <<https://mitpress.mit.edu/books/open-access>> acessado em fevereiro de 2021.

Referências bibliográficas

- ABREU, Antônio Suárez. **O design da escrita: redigindo com criatividade e beleza, inclusive ficção**. 1ª reimpressão. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2008.
- ALPAYDIN, ETHEM. **Machine learning: the new AI**. Massachusetts Institute of Technology: The MIT Press, 2016.
- BORSUK, Amaranth. **The book**. Massachusetts Institute of Technology: The MIT Press, 2018.
- BORGES, Jorge Luis. **O livro de areia**. 1ª edição (Coleção Folha. Literatura ibero-americana). São Paulo: ME-DIAfashion, 2012.
- BORGES, Jorge Luis. **Ficções**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- CADÔR, Amir Brito. **O livro de artista e a enciclopédia visual**. Belo horizonte: Editora UFMG, 2016.
- CARDOSO, Rafael. **Design para um mundo complexo**. São Paulo: Ubu Editora, 2016.
- CORTÁZAR, Julio. **A volta ao dia em oitenta mundos, tomo I**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação**. 1ª reimpressão. São Paulo: Ubu Editora, 2017.
- FLUSSER, Vilém; BEC, Louis. **Vampyreuthis infernalis**. 1ª edição. São Paulo: Annablume, 2011.
- MANGUEL, Alberto. **O leitor como metáfora: o via-**

- jante, a torre e a traça.** 2ª reimpressão. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2017.
- MUNARI, Bruno. **Artista e designer.** Lisboa, Portugal: Edições 70, 2015.
- MUNARI, Bruno. **¿Cómo nacen los objetos?: Apuntes para una metodología proyectual.** 1ª edición, 10ª tirada. Barcelona: Editorial Gustavo Gilí, 2004.
- MUNARI, Bruno. **Design e comunicação visual: contribuição para uma metodologia didática.** 1ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- MUNARI, Bruno. **Drawing a tree.** Corraini Editore, 2004.
- PAIVA, Ana Paula Mathias de. **A aventura do livro experimental.** Belo Horizonte: Autêntica Editora; São Paulo: Edusp, 2010.
- PIGNATARI, Décio. **Informação, linguagem, comunicação.** 3ª edição. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2018.
- RIBEIRO, Ana Elisa. **Livro: edição e tecnologia no século XXI.** Belo Horizonte, MG: Moinhos; Contafios, 2018.
- TSCHICHOLD, Jan. **A forma do livro: ensaios sobre tipografia e estética do livro.** Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007.

Composto na tipografia
Crimson Pro

[illegible]

[illegible]

Anexos

Do livro como normalmente se apresenta.

Do livro com hipermetropia.

Do livro cujas colunas de texto dobram sobre si mesmas.

Do livro para ser lido no espelho.

Do livro que omite suas vogais.

Do livro quando torcido.

Do livro cuja frente espia o verso.

Do livro quando lido por um caleidoscópio.

Do livro contínuo.

Do livro cujas colunas de texto transcendem suas páginas.

Do livro em baixa resolução.

Do livro em zigue-zague.

Do livro como normalmente se apresenta.

A Igreja do Diabo

Machado de Assis

Capítulo I

De uma idéia mirífica

Conta um velho manuscrito beneditino que o Diabo, em certo dia, teve a idéia de fundar uma igreja. Embora os seus lucros fossem contínuos e grandes, sentia-se humilhado com o papel avulso que exercia desde séculos, sem organização, sem regras, sem cânones, sem ritual, sem nada. Vivia, por assim dizer, dos remanescentes divinos, dos descuidos e obséquios humanos. Nada fixo, nada regular. Por que não teria ele a sua igreja? Uma igreja do Diabo era o meio eficaz de combater as outras religiões, e destruí-las de uma vez.

— Vá, pois, uma igreja, concluiu ele. Escritura contra Escritura, breviário contra breviário. Terei a minha missa, com vinho e pão à farta, as minhas prédicas, bulas, novenas e todo o demais aparelho eclesiástico. O meu credo será o núcleo universal dos espíritos, a minha igreja uma tenda de Abraão. E depois, enquanto as outras religiões se combatem e se dividem, a minha igreja será única; não acharei diante de mim, nem Maomé, nem Lutero. Há muitos modos de afirmar; há só um de negar tudo.

Dizendo isto, o Diabo sacudiu a cabeça e estendeu os braços, com um gesto magnífico e varonil. Em seguida, lembrou-se de ir ter com Deus para comunicar-lhe a idéia, e desafiá-lo; levantou os olhos, acesos de ódio, ásperos de vingança, e disse consigo: — Vamos, é tempo.

E rápido, batendo as asas, com tal estrondo que abalou todas as províncias do abismo, arrancou da sombra para o infinito azul.

Capítulo II

Entre Deus e o Diabo

Deus recolhia um ancião, quando o Diabo chegou ao céu. Os serafins que engrinaldavam o recém-chegado, detiveram-se logo, e o Diabo deixou-se estar à entrada com os olhos no Senhor.

— Que me queres tu? perguntou este.

— Não venho pelo vosso servo Fausto, respondeu o Diabo rindo, mas por todos os Faustos do século e dos séculos.

— Explica-te.

— Senhor, a explicação é fácil; mas permiti que vos diga: recolhei primeiro esse bom velho; dai-lhe o melhor lugar, mandai que as mais afinadas cítaras e alaúdes o recebam com os mais divinos coros...

— Sabes o que ele fez? perguntou o Senhor, com os olhos cheios de doçura.

— Não, mas provavelmente é dos últimos que virão ter convosco. Não tarda muito que o céu fique semelhante a uma casa vazia, por causa do preço, que é alto. Vou edificar uma hospedaria barata; em duas palavras, vou fundar uma igreja. Estou cansado da minha desorganização, do meu reinado casual e adventício. É tempo de obter a

vitória final e completa. E então vim dizer-vos isto, com lealdade, para que me não acuseis de dissimulação... Boa idéia, não vos parece?

— Vieste dizê-la, não legitimá-la, advertiu o Senhor.

— Tendes razão, acudiu o Diabo; mas o amor-próprio gosta de ouvir o aplauso dos mestres. Verdade é que neste caso seria o aplauso de um mestre vencido, e uma tal exigência... Senhor, desço à terra; vou lançar a minha pedra fundamental.

— Vai.

— Quereis que venha anunciar-vos o remate da obra?

— Não é preciso; basta que me digas desde já por que motivo, cansado há tanto da tua desorganização, só agora pensaste em fundar uma igreja.

O Diabo sorriu com certo ar de escárnio e triunfo. Tinha alguma idéia cruel no espírito, algum reparo picante no alforje de memória, qualquer coisa que, nesse breve instante de eternidade, o fazia crer superior ao próprio Deus. Mas recolheu o riso, e disse:

— Só agora concluí uma observação, começada desde alguns séculos, e é que as virtudes, filhas do céu, são em grande número comparáveis a rainhas, cujo manto de veludo rematasse em franjas de algodão. Ora, eu proponho-me a puxá-las por essa franja, e trazê-las todas para minha igreja; atrás delas virão as de seda pura...

— Velho retórico! murmurou o Senhor.

— Olhai bem. Muitos corpos que ajoelham aos vossos pés, nos templos do mundo, trazem as anquinhas da sala

e da rua, os rostos tingem-se do mesmo pó, os lenços cheiram aos mesmos cheiros, as pupilas centelham de curiosidade e devoção entre o livro santo e o bigode do pecado. Vede o ardor, — a indiferença, ao menos, — com que esse cavalheiro põe em letras públicas os benefícios que liberalmente espalha, — ou sejam roupas ou botas, ou moedas, ou quaisquer dessas matérias necessárias à vida... Mas não quero parecer que me detenho em coisas miúdas; não falo, por exemplo, da placidez com que este juiz de irmandade, nas procissões, carrega piedosamente ao peito o vosso amor e uma comenda... Vou a negócios mais altos...

Nisto os serafins agitaram as asas pesadas de fastio e sono. Miguel e Gabriel fitaram no Senhor um olhar de súplica. Deus interrompeu o Diabo.

— Tu és vulgar, que é o pior que pode acontecer a um espírito da tua espécie, replicou-lhe o Senhor. Tudo o que dizes ou digas está dito e redito pelos moralistas do mundo. É assunto gasto; e se não tens força, nem originalidade para renovar um assunto gasto, melhor é que te cales e te retires. Olha; todas as minhas legiões mostram no rosto os sinais vivos do tédio que lhes dás. Esse mesmo ancião parece enjoado; e sabes tu o que ele fez?

— Já vos disse que não.

— Depois de uma vida honesta, teve uma morte sublime. Colhido em um naufrágio, ia salvar-se numa tábua; mas viu um casal de noivos, na flor da vida, que se debatiam já com a morte; deu-lhes a tábua de salvação e mergulhou na eternidade. Nenhum público: a água e o

céu por cima. Onde achas aí a franja de algodão?

— Senhor, eu sou, como sabeis, o espírito que nega.

— Negas esta morte?

— Nego tudo. A misantropia pode tomar aspecto de caridade; deixar a vida aos outros, para um misantropo, é realmente aborrecê-los...

— Retórico e sutil! exclamou o Senhor. Vai, vai, funda a tua igreja; chama todas as virtudes, recolhe todas as franjas, convoca todos os homens... Mas, vai! vai!

Debalde o Diabo tentou proferir alguma coisa mais. Deus impusera-lhe silêncio; os serafins, a um sinal divino, encheram o céu com as harmonias de seus cânticos. O Diabo sentiu, de repente, que se achava no ar; dobrou as asas, e, como um raio, caiu na terra.

Capítulo III

A boa nova aos homens

Uma vez na terra, o Diabo não perdeu um minuto. Deu-se pressa em enfiar a cogula beneditina, como hábito de boa fama, e entrou a espalhar uma doutrina nova e extraordinária, com uma voz que reboava nas entranhas do século. Ele prometia aos seus discípulos e fiéis as delícias da terra, todas as glórias, os deleites mais íntimos. Confessava que era o Diabo; mas confessava-o para retificar a noção que os homens tinham dele e desmentir as histórias que a seu respeito contavam as velhas beatas.

— Sim, sou o Diabo, repetia ele; não o Diabo das noites sulfúreas, dos contos soníferos, terror das crianças, mas o Diabo verdadeiro e único, o próprio gênio da natureza, a que se deu aquele nome para arredá-lo do coração dos homens. Vede-me gentil e airoso. Sou o vosso verdadeiro pai. Vamos lá: tomai daquele nome, inventado para meu desdouro, fazei dele um troféu e um lábaro, e eu vos darei tudo, tudo, tudo, tudo, tudo, tudo...

Era assim que falava, a princípio, para excitar o entusiasmo, espertar os indiferentes, congregar, em suma, as multidões ao pé de si. E elas vieram; e logo que vieram, o Diabo passou a definir a doutrina. A doutrina era a que podia ser na boca de um espírito de negação. Isso quanto à substância, porque, acerca da forma, era umas vezes sutil, outras cínica e deslavada.

Clamava ele que as virtudes aceitas deviam ser substituídas por outras, que eram as naturais e legítimas. A soberba, a luxúria, a preguiça foram reabilitadas, e assim também a avareza, que declarou não ser mais do que a mãe da economia, com a diferença que a mãe era robusta, e a filha uma esgalgada. A ira tinha a melhor defesa na existência de Homero; sem o furor de Aquiles, não haveria a *Ilíada*: “Musa, canta a cólera de Aquiles, filho de Peleu...” O mesmo disse da gula, que produziu as melhores páginas de Rabelais, e muitos bons versos de *Hissope*; virtude tão superior, que ninguém se lembra das batalhas de Luculo, mas das suas ceias; foi a gula que realmente o fez imortal. Mas, ainda pondo de lado essas razões de

ordem literária ou histórica, para só mostrar o valor intrínseco daquela virtude, quem negaria que era muito melhor sentir na boca e no ventre os bons manjares, em grande cópia, do que os maus bocados, ou a saliva do jejum? Pela sua parte o Diabo prometia substituir a vinha do Senhor, expressão metafórica, pela vinha do Diabo, locução direta e verdadeira, pois não faltaria nunca aos seus com o fruto das mais belas cepas do mundo. Quanto à inveja, pregou friamente que era a virtude principal, origem de propriedades infinitas; virtude preciosa, que chegava a suprir todas as outras, e ao próprio talento.

As turbas corriam atrás dele entusiasmadas. O Diabo incutia-lhes, a grandes golpes de eloquência, toda a nova ordem de coisas, trocando a noção delas, fazendo amar as perversas e detestar as sãs.

Nada mais curioso, por exemplo, do que a definição que ele dava da fraude. Chamava-lhe o braço esquerdo do homem; o braço direito era a força; e concluía: Muitos homens são canhotos, eis tudo. Ora, ele não exigia que todos fossem canhotos; não era exclusivista. Que uns fossem canhotos, outros destros; aceitava a todos, menos os que não fossem nada. A demonstração, porém, mais rigorosa e profunda, foi a da venalidade. Um casuísta do tempo chegou a confessar que era um monumento de lógica. A venalidade, disse o Diabo, era o exercício de um direito superior a todos os direitos. Se tu podes vender a tua casa, o teu boi, o teu sapato, o teu chapéu, coisas que são tuas por uma razão jurídica e legal, mas que, em todo caso, estão

fora de ti, como é que não podes vender a tua opinião, o teu voto, a tua palavra, a tua fé, coisas que são mais do que tuas, porque são a tua própria consciência, isto é, tu mesmo? Negá-lo é cair no absurdo e no contraditório. Pois não há mulheres que vendem os cabelos? não pode um homem vender uma parte do seu sangue para transfundi-lo a outro homem anêmico? e o sangue e os cabelos, partes físicas, terão um privilégio que se nega ao caráter, à porção moral do homem? Demonstrado assim o princípio, o Diabo não se demorou em expor as vantagens de ordem temporal ou pecuniária; depois, mostrou ainda que, à vista do preconceito social, conviria dissimular o exercício de um direito tão legítimo, o que era exercer ao mesmo tempo a venalidade e a hipocrisia, isto é, merecer duplicadamente.

E descia, e subia, examinava tudo, retificava tudo. Está claro que combateu o perdão das injúrias e outras máximas de brandura e cordialidade. Não proibiu formalmente a calúnia gratuita, mas induziu a exercê-la mediante retribuição, ou pecuniária, ou de outra espécie; nos casos, porém, em que ela fosse uma expansão imperiosa da força imaginativa, e nada mais, proibia receber nenhum salário, pois equivalia a fazer pagar a transpiração. Todas as formas de respeito foram condenadas por ele, como elementos possíveis de um certo decoro social e pessoal; salva, todavia, a única exceção do interesse. Mas essa mesma exceção foi logo eliminada, pela consideração de que o interesse, convertendo o respeito em simples adulação, era este o sentimento aplicado e não aquele.

Para rematar a obra, entendeu o Diabo que lhe cumpria cortar por toda a solidariedade humana. Com efeito, o amor do próximo era um obstáculo grave à nova instituição. Ele mostrou que essa regra era uma simples invenção de parasitas e negociantes insolváveis; não se devia dar ao próximo senão indiferença; em alguns casos, ódio ou desprezo. Chegou mesmo à demonstração de que a noção de próximo era errada, e citava esta frase de um padre de Nápoles, aquele fino e letrado Galiani, que escrevia a uma das marquesas do antigo regime: “Leve a breca o próximo! Não há próximo!” A única hipótese em que ele permitia amar ao próximo era quando se tratasse de amar as damas alheias, porque essa espécie de amor tinha a particularidade de não ser outra coisa mais do que o amor do indivíduo a si mesmo. E como alguns discípulos achassem que uma tal explicação, por metafísica, escapava à compreensão das turbas, o Diabo recorreu a um apólogo: — Cem pessoas tomam ações de um banco, para as operações comuns; mas cada acionista não cuida realmente senão nos seus dividendos: é o que acontece aos adúlteros. Este apólogo foi incluído no livro da sabedoria.

Capítulo IV

Franjas e franjas

A previsão do Diabo verificou-se. Todas as virtudes cuja capa de veludo acabava em franja de algodão, uma vez

puxadas pela franja, deitavam a capa às urtigas e vinham alistar-se na igreja nova. Atrás foram chegando as outras, e o tempo abençoou a instituição. A igreja fundara-se; a doutrina propagava-se; não havia uma região do globo que não a conhecesse, uma língua que não a traduzisse, uma raça que não a amasse. O Diabo alçou brados de triunfo.

Um dia, porém, longos anos depois notou o Diabo que muitos dos seus fiéis, às escondidas, praticavam as antigas virtudes. Não as praticavam todas, nem integralmente, mas algumas, por partes, e, como digo, às ocultas. Certos glutões recolhiam-se a comer frugalmente três ou quatro vezes por ano, justamente em dias de preceito católico; muitos avaros davam esmolas, à noite, ou nas ruas mal povoadas; vários dilapidadores do erário restituíam-lhe pequenas quantias; os fraudulentos falavam, uma ou outra vez, com o coração nas mãos, mas com o mesmo rosto dissimulado, para fazer crer que estavam embaçando os outros.

A descoberta assombrou o Diabo. Meteu-se a conhecer mais diretamente o mal, e viu que lavrava muito. Alguns casos eram até incompreensíveis, como o de um droguista do Levante, que envenenara longamente uma geração inteira, e, com o produto das drogas, socorria os filhos das vítimas. No Cairo achou um perfeito ladrão de camelos, que tapava a cara para ir às mesquitas. O Diabo deu com ele à entrada de uma, lançou-lhe em rosto o procedimento; ele negou, dizendo que ia ali roubar o camelo de um drogoma-

no; roubou-o, com efeito, à vista do Diabo e foi dá-lo de presente a um muezim, que rezou por ele a Alá. O manuscrito beneditino cita muitas outras descobertas extraordinárias, entre elas esta, que desorientou completamente o Diabo. Um dos seus melhores apóstolos era um calabrés, varão de cinqüenta anos, insigne falsificador de documentos, que possuía uma bela casa na campanha romana, telas, estátuas, biblioteca, etc. Era a fraude em pessoa; chegava a meter-se na cama para não confessar que estava são. Pois esse homem, não só não furtava ao jogo, como ainda dava gratificações aos criados. Tendo angariado a amizade de um cônego, ia todas as semanas confessar-se com ele, numa capela solitária; e, conquanto não lhe desvendasse nenhuma das suas ações secretas, benzia-se duas vezes, ao ajoelhar-se, e ao levantar-se. O Diabo mal pôde crer tamanha aleivosia. Mas não havia que duvidar; o caso era verdadeiro.

Não se deteve um instante. O pasmo não lhe deu tempo de refletir, comparar e concluir do espetáculo presente alguma coisa análoga ao passado. Voou de novo ao céu, trêmulo de raiva, ansioso de conhecer a causa secreta de tão singular fenômeno. Deus ouviu-o com infinita complacência; não o interrompeu, não o repreendeu, não triunfou, sequer, daquela agonia satânica. Pôs os olhos nele, e disse-lhe:

— Que queres tu, meu pobre Diabo? As capas de algodão têm agora franjas de seda, como as de veludo tiveram franjas de algodão. Que queres tu? É a eterna contradição humana.

fonte
Crimson Pro

Do livro com hipermetropia.

A Igreja do Diabo

Machado de Assis

Capítulo I

De uma idéia mirífica

Conta um velho manuscrito beneditino que o Diabo, em certo dia, teve a idéia de fundar uma igreja. Embora os seus lucros fossem contínuos e grandes, sentia-se humilhado com o papel avulso que exercia desde séculos, sem organização, sem regras, sem cânones, sem ritual, sem nada. Vivía, por assim dizer, dos remanescentes divinos, dos descuidos e obsequios humanos. Nada fixo, nada regular. Por que não teria ele a sua igreja? Uma igreja do Diabo era o meio eficaz de combater as outras religiões, e destruí-las de uma vez.

— Vê, pois, uma igreja, concluiu ele. Escritura contra Escritura, breviário contra breviário. Terei a minha missa, com vinho e pão à farta, as minhas prédicas, bulas, novenas e todo o demais aparelho eclesiástico. O meu credo será o núcleo universal dos espíritos, a minha igreja uma tenda de Abraão. E depois, enquanto as outras religiões se combatem e se dividem, a minha igreja será única; não acharei diante de mim, nem Maomé, nem Lutero. Há muitos modos de afirmar; há só um de negar tudo.

Dizendo isto, o Diabo sacudiu a cabeça e estendeu os braços, com um gesto magnífico e varonil. Em seguida, lembrou-se de ir ter com Deus para comunicar-lhe a idéia, e desafiá-lo; levantou os olhos, acesos de ódio, ímpetos de vingança, e disse consigo: — Vamos, é tempo.

E rápido, batendo as asas, com tal estrondo que abalou todas as províncias do abismo, arrancou da sombra para o infinito azul.

Capítulo II

Entre Deus e o Diabo

Deus recolhia um anjelo, quando o Diabo chegou ao céu. Os serafins que engrinaldavam o recém-chegado, detiveram-se logo, e o Diabo deixou-se estar à entrada com os olhos no Senhor.

— Que me queres tu? perguntou este.

— Não venho pelo vosso servo Fausto, respondeu o Diabo rindo, mas por todos os Faustos do século e dos séculos.

— Explica-te.

— Senhor, a explicação é fácil; mas permiti que vos diga: recolhei primeiro esse bom velho; dai-lhe o melhor lugar, mandai que as mais afinadas cítaras e alaúdes o recebam com os mais divinos sons...

— Sabes o que ele fez? perguntou o Senhor, com os olhos cheios de doçura.

— Não, mas provavelmente é dos últimos que virão ter convosco. Não tarda muito que o céu fique semelhante a uma casa vazia, por causa do preço, que é alto. Vou edificar uma hospedaria barata; em duas palavras, vou fundar uma igreja. Estou cansado da minha desorganização, do meu reinado casual e adventício. É tempo de obter a

vitória final e completa. E então vim dizer-vos isto, com lealdade, para que me não acuseis de dissimulação... Boa idéia, não vos parece?

— Viente diab-la, não legitimá-la, advertiu o Senhor.

— Tendes razão, acudiu o Diabo; mas o amor-próprio gosta de ouvir o aplauso dos mestres. Verdade é que neste caso seria o aplauso de um mestre vencido, e uma tal exigência... Senhor, desço à terra; vou lançar a minha pedra fundamental.

— Vai.

— Quereis que venha anunciar-vos o remate da obra?

— Não é preciso; basta que me digas desde já por que motivo, cansado há tanto da tua desorganização, só agora pensaste em fundar uma igreja.

O Diabo sorriu com certo ar de escárnio e triunfo. Tinha alguma idéia cruel no espírito, algum reparo picante no alforje de memória, qualquer coisa que, nesse breve instante de eternidade, o fazia crer superior ao próprio Deus. Mas recolheu o riso, e disse:

— Só agora concluí uma observação, começada desde alguns séculos, e é que as virtudes, filhas do céu, são em grande número comparáveis a rainhas, cujo manto de veludo rematasse em franjas de algodão. Ora, eu proponho-me a puxá-las por essa franja, e trazê-las todas para minha igreja; atrás delas virão as de seda pura...

— Velho retórico! murmurou o Senhor.

— Olhai bem. Muitos corpos que ajoelham aos vossos pés, nos templos do mundo, trazem as anquinhas da sala

e da rua, os rostos tingem-se do mesmo pó, os lenços cheiram aos mesmos cheiros, as pupilas centelham de curiosidade e devoção entre o livro santo e o bigode do pecado. Vede o ardor, — a indiferença, ao menos, — com que esse cavalheiro põe em letras públicas os benefícios que liberalmente espalha, — ou sejam roupas ou botas, ou moedas, ou quaisquer dessas matérias necessárias à vida... Mas não quero parecer que me detenho em coisas miúdas; não falo, por exemplo, da placidez com que este juiz de irmandade, nas procissões, carrega piedosamente ao peito o vosso amor e uma comenda... Vou a negócios mais altos...

Nisto os serafins agitaram as asas pesadas de fastio e sono. Miguel e Gabriel fitaram no Senhor um olhar de súplica. Deus interrompeu o Diabo.

— Tu és vulgar, que é o pior que pode acontecer a um espírito da tua espécie, replicou-lhe o Senhor. Tudo o que dizes ou digas está dito e redito pelos moralistas do mundo. É assunto gasto; e se não tens força, nem originalidade para renovar um assunto gasto, melhor é que te cales e te retires. Olha; todas as minhas legiões mostram no rosto os sinais vivos do tédio que lhes dás. Esse mesmo ancão parece enjoados; e sabes tu o que ele fez?

— Já vos disse que não.

— Depois de uma vida honesta, teve uma morte sublime. Colhido em um naufrágio, ia salvar-se numa tábuas; mas viu um casal de noivos, na flor da vida, que se debatiam já com a morte; deu-lhes a tábua de salvação e mergulhou na eternidade. Nenhum publico: a água e o

céu por cima. Onde achas aí a franja de algodão?

— Senhor, eu sou, como sabeis, o espírito que nega.

— Negas esta morte?

— Nego tudo. A misantropia pode tomar aspecto de caridade; deixar a vida aos outros, para um misantropo, é realmente aborrecê-los...

— Retórico e sutil! exclamou o Senhor. Vai, vai, funda a tua igreja; chama todas as virtudes, recolhe todas as franjas, convoca todos os homens... Mas, vai! vai!

Debalde o Diabo tentou proferir alguma coisa mais. Deus impusera-lhe silêncio; os serafins, a um sinal divino, encheram o céu com as harmonias de seus cânticos. O Diabo sentiu, de repente, que se achava no ar; dobrou as asas, e, como um raio, caiu na terra.

Capítulo III

A boa nova aos homens

Uma vez na terra, o Diabo não perdeu um minuto. Deu-se pressa em enfiar a cogula beneditina, como hábito de boa fama, e entrou a espalhar uma doutrina nova e extraordinária, com uma voz que reboava nas entranhas do século. Ele prometia aos seus discípulos e fêz as delícias da terra, todas as glórias, os deleites mais íntimos. Confessava que era o Diabo; mas confessava-o para retificar a noção que os homens tinham dele e desmentir as histórias que a seu respeito contavam as velhas beatas.

— Sim, sou o Diabo, repetia ele; não o Diabo das noites sulfúreas, dos contos soníferos, terror das crianças, mas o Diabo verdadeiro e único, o próprio gênio da natureza, a que se deu aquele nome para arredá-lo do coração dos homens. Vede-me gentil e airoso. Sou o vosso verdadeiro pai. Vamos lá: tomai daquele nome, inventado para meu desdouro, fazei dele um troféu e um lábaro, e eu vos darei tudo, tudo, tudo, tudo, tudo, tudo...

Era assim que falava, a princípio, para excitar o entusiasmo, despertar os indiferentes, congregar, em suma, as multidões ao pé de si. E elas vieram; e logo que vieram, o Diabo passou a definir a doutrina. A doutrina era a que podia ser na boca de um espírito de negação. Isso quanto à substância, porque, acerca da forma, era umas vezes sutil, outras cínica e deslavada.

Clamava ele que as virtudes aceitas deviam ser substituídas por outras, que eram as naturais e legítimas. A soberba, a luxúria, a preguiça foram reabilitadas, e assim também a avareza, que declarou não ser mais do que a mãe da economia, com a diferença que a mãe era robusta, e a filha uma esgalgada. A ira tinha a melhor defesa na existência de Homero; sem o furor de Aquiles, não haveria a *Iliade*: "Musa, canta a cólera de Aquiles, filho de Peleu..." O mesmo disse da gula, que produziu as melhores páginas de Rabelais, e muitos bons versos de *Hinope*; virtude tão superior, que ninguém se lembra das batalhas de Luculo, mas das suas ceias; foi a gula que realmente o fez imortal. Mas, ainda pondo de lado essas razões de

razões de ordem literária ou histórica, para só mostrar o valor intrínseco daquela virtude, quem negaria que era muito melhor sentir na boca e no ventre os bons manjares, em grande cópia, do que os maus bocados, ou a saliva do jejum? Pela sua parte o Diabo prometia substituir a vinha do Senhor, expressão metafórica, pela vinha do Diabo, locução direta e verdadeira, pois não faltaria nunca aos seus com o fruto das mais belas cepas do mundo. Quanto à inveja, pregou friamente que era a virtude principal, origem de propriedades infinitas; virtude preciosa, que chegava a suprir todas as outras, e ao próprio talento.

As turbas corriam atrás dele entusiasmadas. O Diabo incutia-lhes, a grandes golpes de eloquência, toda a nova ordem de coisas, trocando a noção delas, fazendo amar as perversas e detestar as sãs.

Nada mais curioso, por exemplo, do que a definição que ele dava da fraude. Chamava-lhe o braço esquerdo do homem; o braço direito era a força; e concluía: Muitos homens são canhotos, eis tudo. Ora, ele não exigia que todos fossem canhotos; não era exclusivista. Que uns fossem canhotos, outros destros; aceitava a todos, menos os que não fossem nada. A demonstração, porém, mais rigorosa e profunda, foi a da venalidade. Um casuista do tempo chegou a confessar que era um monumento de lógica. A venalidade, disse o Diabo, era o exercício de um direito superior a todos os direitos. Se tu podes vender a tua casa, o teu boi, o teu sapato, o teu chapéu, coisas que são tuas por uma razão jurídica e legal, mas que, em todo caso, estão

fora de ti, como é que não podes vender a tua opinião, o teu voto, a tua palavra, a tua fé, coisas que são mais do que tuas, porque são a tua própria consciência, isto é, tu mesma? Negá-lo é cair no absurdo e no contraditório. Pois não há mulheres que vendem os cabelos? não pode um homem vender uma parte do seu sangue para transfundi-lo a outro homem anémico? e o sangue e os cabelos, partes físicas, terão um privilégio que se nega ao carácter, à porção moral do homem? Demonstrado assim o princípio, o Diabo não se demorou em expor as vantagens de ordem temporal ou pecuniária; depois, mostrou ainda que, à vista do preconceito social, conviria dissimular o exercício de um direito tão legítimo, o que era exercer ao mesmo tempo a venalidade e a hipocrisia, isto é, merecer duplicadamente.

E desceu, e subia, examinava tudo, retificava tudo. Está claro que combateu o perdão das injúrias e outras máximas de brandura e cordialidade. Não proibiu formalmente a cabine gratuita, mas induziu a exercê-la mediante retribuição, ou pecuniária, ou de outra espécie; nos casos, porém, em que ela fosse uma expansão imperiosa da força imaginativa, e nada mais, proibiu receber nenhum salário, pois equivalia a fazer pagar a transpiração. Todas as formas de respeito foram condenadas por ele, como elementos possíveis de um certo decoro social e pessoal; salva, todavia, a única exceção do interesse. Mas essa mesma exceção foi logo eliminada, pela consideração de que o interesse, convertendo o respeito em simples adulação, era este o sentimento aplicado e não aquele.

Para rematar a obra, entendeu o Diabo que lhe cumpria cortar por toda a solidariedade humana. Com efeito, o amor do próximo era um obstáculo grave à nova instituição. Ele mostrou que essa regra era uma simples invenção de parasitas e negociantes insolúveis; não se devia dar ao próximo senão indiferença; em alguns casos, ódio ou desprezo. Chegou mesmo à demonstração de que a noção de próximo era errada, e citava esta frase de um padre de Nápoles, aquele fino e letrado Galiani, que escrevia a uma das marquesas do antigo regime: "Leve a breca o próximo! Não há próximo!" A única hipótese em que ele permitia amar ao próximo era quando se tratasse de amar as damas albeias, porque essa espécie de amor tinha a particularidade de não ser outra coisa mais do que o amor do indivíduo a si mesmo. E como alguns discípulos achessem que uma tal explicação, por metafísica, escapava à compreensão das turbas, o Diabo recorreu a um apólogo: — Com pessoas tomam ações de um banco, para as operações comuns; mas cada acionista não cuida realmente senão nos seus dividendos; é o que acontece aos adúlteros. Este apólogo foi incluído no livro da sabedoria.

Capítulo IV

Franjas e franjas

A previsão do Diabo verificou-se. Todas as virtudes cuja capa de veludo acabava em franja de algodão, uma vez

puxadas pela franja, deitavam a capa às urtigas e vinham alistar-se na igreja nova. Atrás foram chegando as outras, e o tempo abençoou a instituição. A igreja fundara-se; a doutrina propagava-se; não havia uma região do globo que não a conhecesse, uma língua que não a traduzisse, uma raça que não a amasse. O Diabo alçou brados de triunfo.

Um dia, porém, longos anos depois notou o Diabo que muitos dos seus fiéis, as escondidas, praticavam as antigas virtudes. Não as praticavam todas, nem integralmente, mas algumas, por partes, e, como digo, as ocultas. Certos glutões recolhiam-se a comer frugalmente três ou quatro vezes por ano, justamente em dias de preceito católico; muitos avaros davam esmolas, à noite, ou nas ruas mal povoadas; vários dissipadores do erário restituíam-lhe pequenas quantias; os fraudulentos falavam, uma ou outra vez, com o coração nas mãos, mas com o mesmo rosto dissimulado, para fazer crer que estavam embaçando os outros.

A descoberta assombrou o Diabo. Meteu-se a conhecer mais diretamente o mal, e viu que lavrava muito. Alguns casos eram até incompreensíveis, como o de um drogista do Levante, que envenenara longamente uma geração inteira, e, com o produto das drogas, soccorria os filhos das vítimas. No Cairo achou um perfeito ladrão de camelos, que tapava a cara para ir às mesquitas. O Diabo deu com ele à entrada de uma, lançou-lhe em rosto o procedimento; ele negou, dizendo que ia ali rodar o camelo de um drogoma-

no; roubou-o, com efeito, à vista do Diabo e foi dá-lo de presente a um museum, que renou por ele a Alá. O manuscrito beneditino cita muitas outras descobertas extraordinárias, entre elas esta, que desorientou completamente o Diabo. Um dos seus melhores apóstolos era um calabre, varão de cinquenta anos, insigne falsificador de documentos, que possuía uma bela casa na campanha romana, telas, estatuas, biblioteca, etc. Era a fraude em pessoa; chegava a meter-se na cama para não confessar que estava sô. Pois esse homem, não só não furtava ao jogo, como ainda dava gratificações aos criados. Tendo angariado a amizade de um clérigo, ia todas as semanas confessar-se com ele, numa capela solitária; e, conquanto não lhe desvendasse nenhuma das suas ações secretas, benzia-se duas vezes, ao ajoelhar-se, e ao levantar-se. O Diabo mal pôde crer tamanha aleivosia. Mas não havia que duvidar; o caso era verdadeiro.

Não se deteve um instante. O pasmo não lhe deu tempo de refletir, comparar e concluir do espetáculo presente alguma coisa análoga ao passado. Voou de novo ao céu, trêmulo de raiva, ansioso de conhecer a causa secreta de tão singular sentimento. Deus ouviu-o com infinita complacência; não o interrompeu, não o repreendeu, não triunfou, sequer, daquela agonia satânica. Pôs os olhos nele, e disse-lhe:

— Que queres tu, meu pobre Diabo? As capas de algodão têm agora franjas de seda, como as de veludo tiveram franjas de algodão. Que queres tu? É a eterna contradição humana.

**Do livro cujas
colunas de texto
dobram sobre
si mesmas.**

A Igreja do Diabo

Machado de Assis

Capítulo I

De uma idéia mirífica

Conta um velho manuscrito beneditino que o Diabo, em certo dia, teve a idéia de fundar uma igreja. Embora os seus lucros fossem contínuos e grandes, sentia-se humilhado com o papel avulso que exercia desde séculos, sem organização, sem regras, sem cânones, sem ritual, sem nada. Vivia, por assim dizer, dos remanescentes divinos, dos descuidos e obséquios humanos. Nada fixo, nada regular. Por que não teria ele a sua igreja? Uma igreja do Diabo era o meio eficaz de combater as outras religiões, e destruí-las de uma vez.

— Vá, pois, uma igreja, concluiu ele. Escritura contra Escritura, breviário contra breviário. Terei a minha missa, com vinho e pão à farta, as minhas prédicas, bulas, novenas e todo o demais aparelho eclesiástico. O meu templo será o núcleo universal dos espíritos, a minha igreja a tenda de Abraão. E depois, enquanto as outras religiões se combatem e se dividem, a minha igreja se não acharei diante de mim, nem Maomé nem Jesus. Há muitos modos de afirmar; há só um de negar.

Dizendo isto, o Diabo sacudiu a cabeça e abriu os braços, com um gesto magnífico e como de triunfo. Lembrou-se de ir ter com Deus ao tempo da criação, e desafiá-lo; levantou os olhos e os ombros peros de vingança, e disse consigo:

E rápido, batendo as asas, tal estrondo que abalou todas as províncias do abismo, arrancou da sombra para o infinito azul.

Capítulo II

Entre Deus e o Diabo

Deus recolhia um ancião quando o Diabo chegou ao céu. Os serafins que engrinaldavam o recém-chegado, detiveram-se logo, e o Diabo deu-se a entrar à entrada com os olhos no Senhor.

— Que me queres tu? perguntou este.

— Não venho pelo vosso Fausto, respondeu o Diabo rindo, mas por todos os séculos do século e dos séculos.

— Explica-te.

— Senhor, a explicação é fácil; mas permiti que vos diga: recolhei primeiro o velho; dai-lhe o melhor lugar, mandai que as afinadas cítaras e alaúdes o recebam com os mais dinásticos...

— Sabes o que ele perguntou o Senhor, com os olhos cheios de doçura.

— Não, mas provavelmente é dos últimos que virão ter convosco. Não tarda muito que o céu fique semelhante a uma casa vazia, por causa do preço, que é alto. Vou edificar uma hospedaria baseada em duas palavras, vou fundar uma igreja. Estou cansado da minha desorganização, do meu reinado casual e inventício. É tempo de obter a

vitória final e o

lealdade para a

ideia não em pa-

— Vieste o zê a

— Tendes o faz a

gosta de ouvir o que isto, com

te caso seria o apla... Boa

exigência o Senhor, a

dra fumaça do Senhor.

— Não é o próprio

— Queréis que não

— Não é a minha

motivo, cansado na tanta

ra pensaste em fundar um

O Diabo sou eu com cert

nha alguma ideia cruel no e

no alforje de memórias, qual

instante de eternidade o faz

Deus. Mas recolheu o riso, e d

— Su agora conclui uma ob

alguns séculos, e é que as virt

grande número comparáveis a

veludo rematasse em franjas de

nho-me a pua-las por esse franja

minha igreja: atrás das vitra

— Velho retorico, murmurou o

— Olhai bem muitos corpos que

pés, nos templos do mundo, trazem a

smo pó, os lenços chei-
das centelham de curio-
sidade o bigode do pecado.
Ao mentir com que esse
seja os benefícios que liberal-
roupas ou bonas, ou meedas,
as necessárias à vida... Mas não
entrem coisas míticas, não falo,
com que este juiz de irmandade
regateio dosamente ao peito o vosso
vou a negócios mais altos.

agitaram as asas pesadas de fastio e
prietaram no Senhor um olhar de sú-

bito. O Deus
que eu me queira, pode acontecer a um
passo, e o mundo he o Senhor. Tendo o que
esse acto e redito pelo moralista do mun-
do, e não reforça nem originalida-
de a sua obra, o melhor é que te cales
as tuas mãos, e não te mostres no
céu que lhe des. E esse mesmo
es tu que de

ta, e de uma morte su-
salva numa tá-
cor da vida, que se
ua de salvação
o: a água e o

céu por cima. Onde achas aí a franja de algodão?

— Senhor, eu sou, como sabeis, o espírito que nega.

— Negas esta morte?

— Nego tudo. A misantropia pode tomar aspecto de caridade; deixar a vida aos outros, para um misantropo é realmente aborrecê-los...

— Retórico e sutil! exclamou o Senhor. Vão vinda a tua igreja; chama todas as virtudes, recolhe as franjas, convoca todos os homens. Mas, sai!

De repente o Diabo tentou proferir alguma

palavra, mas Deus impusera-lhe silêncio; os serafins,

no entanto, enchiam o céu com as harmonias

do coro. O Diabo sentiu, de repente, que se

despedaçava como um raio, caiu na

Capítulo III

A boa nova aos homens

Uma vez na terra,

se pressa em enfiar

na família,

na vida ordinária

do século. E

da terra

fossa

— Sim, sou o Diabo, repetia ele; não o Diabo das noites sulfúreas, dos contos soníferos, terror das crianças, mas o Diabo verdadeiro e único, o próprio gênio da natureza; a que se deu aquele nome para arredar a colocação dos homens. Vede-me gentil e afoso. Sou o vosso verdadeiro

homens. Vede-me, então, a todos. Sou o vosso verdadeiro pai.

6. **Alimentação** – A alimentação deve ser adequada para o animal, com ração de qualidade e água fresca. Evitar a alimentação com restos de comida humana, especialmente alimentos gordurosos e salgados.

de la va, principio, para excitar con-
indicare de este congeg, para

1. **Introduction**
 2. **Background**
 3. **Methodology**
 4. **Results**
 5. **Discussion**
 6. **Conclusion**
 7. **References**
 8. **Appendix**
 9. **Index**
 10. **Table of Contents**
 11. **Abstract**
 12. **Summary**
 13. **Key Words**
 14. **Keywords**
 15. **Subject**
 16. **Topic**
 17. **Field**
 18. **Area**
 19. **Discipline**
 20. **Branch**
 21. **Department**
 22. **Faculty**
 23. **School**
 24. **College**
 25. **University**
 26. **Institution**
 27. **Organization**
 28. **Company**
 29. **Enterprise**
 30. **Business**
 31. **Industry**
 32. **Market**
 33. **Trade**
 34. **Commerce**
 35. **Industry**
 36. **Market**
 37. **Trade**
 38. **Commerce**
 39. **Industry**
 40. **Market**
 41. **Trade**
 42. **Commerce**
 43. **Industry**
 44. **Market**
 45. **Trade**
 46. **Commerce**
 47. **Industry**
 48. **Market**
 49. **Trade**
 50. **Commerce**
 51. **Industry**
 52. **Market**
 53. **Trade**
 54. **Commerce**
 55. **Industry**
 56. **Market**
 57. **Trade**
 58. **Commerce**
 59. **Industry**
 60. **Market**
 61. **Trade**
 62. **Commerce**
 63. **Industry**
 64. **Market**
 65. **Trade**
 66. **Commerce**
 67. **Industry**
 68. **Market**
 69. **Trade**
 70. **Commerce**
 71. **Industry**
 72. **Market**
 73. **Trade**
 74. **Commerce**
 75. **Industry**
 76. **Market**
 77. **Trade**
 78. **Commerce**
 79. **Industry**
 80. **Market**
 81. **Trade**
 82. **Commerce**
 83. **Industry**
 84. **Market**
 85. **Trade**
 86. **Commerce**
 87. **Industry**
 88. **Market**
 89. **Trade**
 90. **Commerce**
 91. **Industry**
 92. **Market**
 93. **Trade**
 94. **Commerce**
 95. **Industry**
 96. **Market**
 97. **Trade**
 98. **Commerce**
 99. **Industry**
 100. **Market**
 101. **Trade**
 102. **Commerce**
 103. **Industry**
 104. **Market**
 105. **Trade**
 106. **Commerce**
 107. **Industry**
 108. **Market**
 109. **Trade**
 110. **Commerce**
 111. **Industry**
 112. **Market**
 113. **Trade**
 114. **Commerce**
 115. **Industry**
 116. **Market**
 117. **Trade**
 118. **Commerce**
 119. **Industry**
 120. **Market**
 121. **Trade**
 122. **Commerce**
 123. **Industry**
 124. **Market**
 125. **Trade**
 126. **Commerce**
 127. **Industry**
 128. **Market**
 129. **Trade**
 130. **Commerce**
 131. **Industry**
 132. **Market**
 133. **Trade**
 134. **Commerce**
 135. **Industry**
 136. **Market**
 137. **Trade**
 138. **Commerce**
 139. **Industry**
 140. **Market**
 141. **Trade**
 142. **Commerce**
 143. **Industry**
 144. **Market**
 145. **Trade**
 146. **Commerce**
 147. **Industry**
 148. **Market**
 149. **Trade**
 150. **Commerce**
 151. **Industry**
 152. **Market**
 153. **Trade**
 154. **Commerce**
 155. **Industry**
 156. **Market**
 157. **Trade**
 158. **Commerce**
 159. **Industry**
 160. **Market**
 161. **Trade**
 162. **Commerce**
 163. **Industry**
 164. **Market**
 165. **Trade**
 166. **Commerce**
 167. **Industry**
 168. **Market**
 169. **Trade**
 170. **Commerce**
 171. **Industry**
 172. **Market**
 173. **Trade**
 174. **Commerce**
 175. **Industry**
 176. **Market**
 177. **Trade**
 178. **Commerce**
 179. **Industry**
 180. **Market**
 181. **Trade**
 182. **Commerce**
 183. **Industry**
 184. **Market**
 185. **Trade**
 186. **Commerce**
 187. **Industry**
 188. **Market**
 189. **Trade**
 190. **Commerce**
 191. **Industry**
 192. **Market**
 193. **Trade**
 194. **Commerce**
 195. **Industry**
 196. **Market**
 197. **Trade**
 198. **Commerce**
 199. **Industry**
 200. **Market**
 201. **Trade**
 202. **Commerce**
 203. **Industry**
 204. **Market**
 205. **Trade**
 206. **Commerce**
 207. **Industry**
 208. **Market**
 209. **Trade**
 210. **Commerce**
 211. **Industry**
 212. **Market**
 213. **Trade**
 214. **Commerce**
 215. **Industry**
 216. **Market**
 217. **Trade**
 218. **Commerce**
 219. **Industry**
 220. **Market**
 221. **Trade**
 222. **Commerce**
 223. **Industry**
 224. **Market**
 225. **Trade**
 226. **Commerce**
 227. **Industry**
 228. **Market**
 229. **Trade**
 230. **Commerce**
 231. **Industry**
 232. **Market**
 233. **Trade**
 234. **Commerce**
 235. **Industry**
 236. **Market**
 237. **Trade**
 238. **Commerce**
 239. **Industry**
 240. **Market**
 241. **Trade**
 242. **Commerce**
 243. **Industry**
 244. **Market**
 245. **Trade**
 246. **Commerce**
 247. **Industry**
 248. **Market**
 249. **Trade**
 250. **Commerce**
 251. **Industry**
 252. **Market**
 253. **Trade**
 254. **Commerce**
 255. **Industry**
 256. **Market**
 257. **Trade**
 258. **Commerce**
 259. **Industry**
 260. **Market**
 261. **Trade**
 262. **Commerce**
 2

forma, e uma vez que a

form, and a unique vector

[illegible]

the negative impact of the pandemic on the economy and the environment, the government has implemented various measures to support the economy and the environment. The government has implemented various measures to support the economy and the environment.

...? pois muitos
sua de
mostrar o

...e as suas
manjares
que eis m
o valor

do Dispo
r s aimp
as do je-
gres, em
o muito
por in-

spp,
le-
w

[illegible]

fora de ti, como eu poder a tua opinião, o teu voto, a tua palavra, que são mais do que tuas, porque são consciência, isto é, tu mesmo? Negá-lo é cair no contraditório. Pois não há mulheres que bebam? não pode um homem vender um sapato para transfundi-lo a outro homem anêmico e os cabelos, partes físicas, terão um princípio ao caráter, à porção moral do homem. Não desim o princípio, o Diabo não se demora a vantagens de ordem temporal ou pecuniária, ainda que, à vista do preconceito social, proibir o exercício de um direito tão legítimo, mesclar ao mesmo tempo a venalidade e a hipocrisia, parecer duplicadamente.

E descia, e subia, tudo, retificava tudo. Está claro que combate as injúrias e outras máximas de brandura de Deus. Não proibiu formalmente a calúnia gratuita, a exercê-la mediante retribuição, ou penhora de outra espécie; nos casos, porém, em que a expansão imperiosa da força imaginativa, não proibia receber nenhum salário, pois equivalia a transpiração. Todas as formas de respeito ordenadas por ele, como elementos possíveis de decoro social e pessoal; salva, todavia, a exceção do interesse. Mas essa mesma exceção foi feita, pela consideração de que o interesse, com respeito em simples adulação, era este o senão complicado e não aquele.

Para rematar a sua elegância, o Diabo devia cortar por toda a sua vida, o amor do próximo, a sua instituição. Ele mostrou que essa invenção de parasitas e negociantes devia dar ao próximo sem o indiferença, sem os, ódio ou desprezo. Chegou a mesma demonstração que a noção de próximo era errada, e citava esta frase de um padre de Nápoles, aquele fino e letreado Gaetano, que escrevia a uma das marquesas do antigo regime: “Leve a breca o próximo! Não há próximo”. A única hipótese em que ele permitia amar ao próximo era quando se tratasse de amar as damas alheias, porque essa espécie de amor tinha a particularidade de não ser outra coisa mais do que o amor do indivíduo a si mesmo. E como alguns discípulos achassem que uma tal explicação, por metafísica, escapava à compreensão das turbas, o Diabo recorreu a um apólogo: — Cem pessoas tomam ações de um banco, para as operações comuns; mas cada acionista não cuida realmente senão nos seus dividendos: é o que acontece aos adúlteros. Este apólogo foi incluído no livro da sabedoria.

Capítulo IV

Franjas e franjas

A previsão do Diabo verificou-se. Todas as virtudes cuja capa de veludo acabava em franja de algodão, uma vez

puxada de urtigas e vinham chegando as aspersões. A igreja fundara-se, porém havia uma região do globo que não a tradição sabia. O Diabo alçou brados de triunfo

Um dia pôs o Diabo que muitos satanistas praticavam as antigas artes, nem integralmente, mas de algum modo. Certos homens tinham três ou quatro dias de preceito católico, à noite, ou nas ruas, onde os do erário restituíam, os fraudulentos falavam, uma noite, mas com o mesmo firmeza que estavam embaçando

A Diabla fez-se a conhecer mais profundamente. Alguns casos, onde um droguista do Lugar era uma geração inteira, os filhos das vítimas do tráfico de camelos, que taparam o Diabo deu com ele à entrada do procedimento; ele negociou de um drogoma-

no; roubou-o.

sente a uma multa do Di-
benedictino, e foi dá-lo de pre-
entre elas entra a. O manuscrito
Um dos seus filhos descobriu
cinquenta anos, e era uma
possuía uma biblioteca de
tuas, biblioteca. E, ha ro-
ter-se na cama par não
homem, não só não fuma estav-
tificações aos criados. Te como a
cônego, ia todas as vezes a an-
capela solitária; e, con-
ma das suas ações secretas, desvend-
lhar-se, e ao levantar-se, e das vez
aleivosia. Mas não havia quem de cre-
manha

Não se deteve um instante só era v-
po de refletir, comparar e com-
te alguma coisa análoga aos parácu-
céu, trêmulo de raiva, ansioso de
ta de tão singular fenômeno. De a causa
complacência; não o interrompeu, com-
triumfou, sequer, daquela agonia, e
nele, e disse-lhe:

— Que queres tu, meu pobre Diabo?
dão têm agora franjas de seda, com-
ram franjas de algodão. Que queres tu
tradição humana.

Do livro para ser lido no espelho.

A Igreja do Diabo

Machado de Assis

Capítulo I

De uma igreja mística

Conta um velho manuscrito beneditino que o Diabo, em certo dia, teve a idéia de fundar uma igreja. Embora os seus lucros fossem contínuos e grandes, sentia-se humilhado com o papel avulso que exercia desde séculos, sem organização, sem regras, sem cânones, sem ritual, sem nada. Vivia, por assim dizer, dos remanescentes divinos dos descuridos e opressos humanos. Nada fixo, nada regular. Por que não teria ele a sua igreja? Uma igreja do Diabo era o meio eficaz de combater as outras religiões, e destruí-las de uma vez.

— Vá, pois, uma igreja, concluiu ele. Escritura contra Escritura, pregação contra pregação. Terei a minha missa, com vinho e pão á farar, as minhas prédicas, bulas, novenas e todo o demais aparelho eclesiástico. O meu credo será o núcleo universal dos espiritos, a minha igreja uma tenda de Abrão. E depois, endurento as outras religiões, se combatem e se dividem, a minha igreja será única; não acharei diante de mim, nem Maomé, nem Lutero. Há muitos modos de afirmar; há só um de negar tudo.

Dizendo isto, o Diabo sacudiu a cabeça e estendeu os braços, com um gesto magnífico e varonil. Em seguida, lembrou-se de ir ter com Deus para comunicar-lhe a idéia, e desafiá-lo; levantou os olhos, acesos de ódio, aos berros de vingança, e disse consigo: — Vamos, é tempo.

E tãpido, batendo as asas, com tal estrondo due apalou todas as províncias do abismo, arrancou da sombra para o infinito azul.

Capítulo II

Entre Deus e o Diabo

Deus recolhia um anjo, quando o Diabo chegou ao céu. Os serafins due engrinaldavam o recém-chegado, deitavam-se logo, e o Diabo deixou-se estar á entada com os olhos no Senhor.

— Que me dures tu, bergnuto este.

— Não venho pelo vosso servo Fausto, respondem o Diabolo rindo, mas por todos os Faustos do século e dos séculos. — Explica-te.

— Senhor, a explicação è fácil; mas permiti due diga: recolhei primeiro esse bom velho; dai-lhe o melhor lugar, mandai due as mais agnadas cistas e alardes o recebam com os mais divinos cores...

— Sabes o due ele fez bergnuto o Senhor, com os olhos cheios de docura.

— Não, mas provavelmente è dos últimos due virão ter connosco. Não tarda muito due o céu fide semelhante a uma casa vazia, por causa do preço, due è alto. Vou edificar uma hospedaria para; em duas balvas, vou fundar uma igreja. Estou causado da minha desorganização do meu reinado casual e adventicio. È tempo de obter a

des, nos templos do mundo, trazeu as andaimas das

— Olhai bem. Muitos corpos que ajoelham aos vossos

— Velho retórico! murmurou o Senhor.

minha igreja; atrás delas virão as de sedes puras...

nhom-me a buxá-las por essa fraja, e traze-las todas para
veludo remansado em frajas de algodão. Ora, eu propo-
grande número comparáveis a rainhas, cujo manto de
alguns séculos, e é de que as virtudes, filhas do céu, são em
— So agora conclui uma observação, começada desde

Deus. Mas recolheu o riso e disse:

instante de eternidade, o fazis crer superior ao próprio
no afonje de memória, duplicar coisa que, nesse breve
nha alguma idéa cruel no espírito, algum rebato picante
O Diabo sorriu com certo ar de escárnio e triunfo. Ti-
ra deusasse em tudo uma igreja.

motivo causado há tanto da tua desorganização, só ago-
— Não é preciso; basta que me digas desde já por que
— Quereis que venha annunciar-vos o remate da obra?

— Vai.

tra fundamental.

exigência... Senhor, desço á terra; vou lançar a minha be-
te caso seria o aplauso de um mestre vençido, e uma tal
gosta de ouvir o aplauso dos mestres. Verdade é que nes-
— Tendes razão, acudiu o Diabo; mas o amor-próprio
— Viste de dizê-las, não legitimas-las, advertiu o Senhor.

idéas, não vos parece?

lealdade para que me não acuseis de dissimulação... Bos
victória final e completa. E então vim dizer-vos isto, com

e das ruas, os rostos tingem-se do mesmo pô, os lenços chei-
tam aos mesmos cheiros, as pupilas centelham de curio-
sidade e devolução entre o livro sauto e o pigode do decado.
Vede o ardor, — a indifferença, ao menos, — com que esse
cavalheiro põe em letras públicas os benefícios que liberal-
mente espalha, — ou sejam roupas ou botas, ou moedas,
ou quaisquer dessas matérias necessárias á vida! Mas não
dueto parece que me detenho em coisas miúdas; não falô,
por exemplo, das plaçiques com que este juiz de irmança-
de, nas procissões, carrega piedosamente ao deito o vosso
amor e uma comenda... Vou a negócios mais altos...

Nisto os serafims agitaram as asas pesadas de fastio e
sono. Miguel e Gabriel fitaram no Senhor um olhar de su-
plicas. Deus interromben o Dispo.

— Tu és vulgar, que é o pior que pode acontecer a um
espírito da tua espécie, replicou-lhe o Senhor. Tudo o que
dizes ou digas esta dito e redito pelos moralistas do mun-
do. É assumto gasto; e se não tens força, nem originalida-
de para renovar um assumto gasto, melhor è que te cales
e te retires. Olha; todas as minhas legiões mostram no
rostro os sinais vivos do tedio que lhes dá. Esse mesmo
anção parece enjoados; e sabes tu o que ele fez?

— Já vos disse que não.

— Depois de uma vida honesta, teve uma morte su-
plime. Colhido em um naufrágio, ia salvar-se numa ta-
bua; mas viu um casal de noivos, na flor da vida, que se
debatiam já com a morte; deu-lhes a tábua de salvação
e mergulhou na eternidade. Nenhum duplico: a água e o

as asas, e' como um raio, caiu na terra.

O Diabo sentiu' de repente, que se achava no ar; dobrou no, encheram o cén com as harmonias de seus cânticos. Deus impusera-lhe silêncio; os seus, a um sinal divi-Depalqe o Diabo tentou proferir alguma coisa mais. fânjias convocou todos os homens... Mas! vai! vai!

da a tua igreja; chama todas as virtudes, recolhe todas as — Retórico e sutil! exclamou o Senhor. Vai, vai, tu-é realmente aporrecê-los...

caridades; deixar a vida aos outros, para um misantropo, — Nego tudo. A misantropia pode tomar aspecto de

— Negas esta morte?

— Senhor, eu sou, como sabeis, o espírito de uma nega-

cén por cima. Onde achas aí a fânjia de alagôas?

Capítulo III

A dos novas os homens

histórias que a seu respeito contavam as velhas bestas. ar a noção que os homens tinham dele e desmentir as fessava que era o Diabo; mas confessava-o para retific- da terra, todas as glórias, os delírios mais intimos. Con- século. Ele prometia aos seus discípulos e fiéis as delicias tratorquias, com uma voz que repovava nas entranhas do bos famas, e entrava a espalhar uma doutrina nova e ex- se pressa em eugar a cògula beneditina, como hábito de Uma vez na terra, o Diabo não perdeu um minuto. Den-

— Sim, sou o Diabo, rebetia ele; não o Diabo das noites
sulfúreas, dos contos sombrios, terror das crianças, mas
o Diabo verdadeiro e único, o próprio gênio da natureza,
a que se deu aquele nome para atreva-lo do coraço dos
homens. Vede-me gentil e airoso. Sou o vossso verdadeiro
pai. Vamos lá: tomai daquele nome, inventado para me
desdourar, fazei dele um troféu e um lábaro, e eu vos darei
tudo, tudo, tudo, tudo, tudo...

Era assim que falava, a principio, para excitar o entu-
siasmo, despertar os indifferentes, convencer, em suma, as
mulheres ao de de si. E elas viam; e logo que viam, o
Diabo passou a definir a doutrina. A doutrina era a que
bodia ser na boca de um espirito de negação. Isso dan-
to á substância, porque, acerca da forma, era muitas vezes
nuit, outras cínica e deslavada.

Clamava ele que as virtudes aceitas deviam ser sub-
stituidas por outras, que eram as naturais e legítimas. A
sobrepa, a luxúria, a preguiça foram reabilitadas, e assim
também a avareza, que declarou não ser mais do que a
mãe da economia, com a differença que a mãe era robu-
ta, e a filha uma esgalgada. A ira tinha a melhor defesa na
existência de Homero; sem o furor de Aquiles, não havi-
ria a Ilíada: "Musa, canta a colera de Aquiles, filho de Pe-
leu...". O mesmo disse da gula, que produzia as melhores
páginas de Rabelais, e muitos bons versos de Hissop; vir-
tude tão superior, que ninguém se lembra das batallas
de Luculo, mas das suas ceias; foi a gula que realmente
o fez immortal. Mas, ainda pouco de lado essas razões de

uma razão jurídica e legal, mas que, em todo caso, estão
nem por, o teu chapéu, coisas que são tuas por
perior a todos os direitos. Se tu poderes vender a tua casa, o
venalidade, disse o Diabo, era o exercício de um direito su-
chegou a confessar que era um monumento de lógica. A
e profunhas, foi a da venalidade. Um casamento do tempo
não fossem nada. A demoração, porém, mais rigorosa
capitos, outros gestos; aceitava a todos, menos os que
fossem capitos; não era exclusivista. Que uns fossem
meus são capitos, eis tudo. Ora, ele não exigia que todos
nem; o preço direito era a força; e conclui: Muitos ho-
ele dava da tirada. Chamava-lhe o preço esmurçado do ho-
Nada mais curioso, por exemplo, do que a definição que

as deverias e detestas as sãs.
ordem de coisas, trocando a noção delas, fazendo amar
incutia-lhes, a grandes golpes de eloquência, toda a nova

As turmas corriam atrás dele entusiasmas. O Diabo
chegava a subir todas as outras, e ao próprio talento.
origem de propriedades infinitas; virtude preciosa, que
to á inveja, pregou firmemente que era a virtude principal,
seus com o futuro das mais belas coisas do mundo. Quan-
locução direta e verdadeiras, pois não faltaria nunca aos
do senhor, expressão metafórica, bela vinha do Diabo,
juntou. Pela sua parte o Diabo prometia substituir a vinha
grande cópia, do que os mais bocados, ou a salivas do je-
melhor sentir na boca e no ventre os bons manjares, em
trussecos das belas virtudes, quem negaria que era muito
ordem literária ou histórica, para só mostrar o valor in-

lãçõe, eta este o sentimento aplicando e não apenas. A
mesma exceção foi logo eliminada da consideração de
as coisas, todavia, a única exceção do interesse. Mas essa
elementos possíveis de um certo decoro social e de so-
as formas de respeito foram conquistadas por ele, como
salário, pois eliminava a fazer pagar a transigência. Todas
forças imaginativas e nada mais próprias receber nem um
dos, porém, em que ela fosse uma expressão imbuída de
retribuição, ou de remuneração, ou de outras coisas; nos ca-
e a calúnia gratuita, mas indubitavelmente a mediantes
mas de transgressão e corajosamente. Não proibiu formalmen-
claro que comparessen o poder das injúrias e outras máxi-
E desca, e suba, examinava tudo, refletia tudo. Esta
venalidade e a hipocrisia, isto é, merecer duplicadamente.
direito tão legítimo, o que era exercer ao mesmo tempo a
reconhecimento social, convivia dissimular o exercício de um
poder ou de remuneração; depois, mostrava-se a vista de
do não se detinha em expor as vantagens de ordem tem-
moral do homem? Demonstrado assim o princípio, o Dis-
físicas, tendo um privilégio que se nega ao caráter, á porção
a outro homem anêmico e o sangue e os cabelos, partes
nem vender uma parte do seu sangue para transgredir-lo.
há mulheres que vendem os cabelos? Não pode um ho-
mo? Negá-lo é cair no absurdo e no contraditório. Pois não
mas, portanto a uma proibição conscienciosa, isto é, um mes-
em novo, a uma palavra, a uma coisa, uma coisa mas do que
fora de si, como é que não pode vender a sua opinião, o

capa de veludo acapava em franja de algodão, uma vez a previsão do Diabo verificou-se. Todas as virtudes cujas

Franjas e franjas

Capítulo IV

adulteros. Este capítulo foi incluído no livro da sabedoria. mente serão nos seus dividendos: é o que acontece aos as operações comuns; mas cada acionista não cria real- capítulo: — Com pessoas toman ações de um banco. Para capava a compreensão das turbas, o Diabo recorreu a um los achassem que uma tal explicação, por metafísica, es- o amor do indivíduo a si mesmo. E como alguns disquir- tinha a particularidade de não ser outra coisa mais do que de amar as damas alheias, porque essa espécie de amor que ele permitia amar ao próximo era muito se tratasse precis o próximo! Não há próximo!” A única hipótese em escreveu a uma das mães de família do antigo regime: “Leve a um padre de Nãpoles, aduque-o ao fim e ao cabo, e cite a doutrina de Nãpoles de próximo. Chegou mesmo a demonstrar que devia dar ao próximo senão indiferença; em alguns casos, investimentos e negociações isoláveis; não se instituiu. Ele mostrou que essa regra era uma simples, o amor do próximo era um obstáculo grave à nova prisa cortar por toda a solidiedade humana. Com efeito, para rematar a obra, entendem o Diabo que lhe cum-

prados de trunfo. O Diabo alçou uma raça que não a amasse. Certos glútes recolhiam-se a comer frugalmente três ou quatro vezes por ano, instantemente em dias de preceito católico; muitos aviaos davam esmolas, á noite, no nas suas mal povoadas; vários dilapidadores do erário restituiram-lhe pedrenhas durantas; os tranqueletos falavam uma ou outra vez, com o coração nas mãos, mas com o mesmo rosto dissimulado, para fazer crer que estavam empacçando os outros.

Um dia, porém, longos anos depois notou o Diabo que muitos dos seus fiéis, ás escondidas, praticavam as antigas virtudes. Não as praticavam todas, nem inteiramente, mas algumas, por partes, e como digos, ás ocultas. Certos glútes recolhiam-se a comer frugalmente três ou quatro vezes por ano, instantemente em dias de preceito católico; muitos aviaos davam esmolas, á noite, no nas suas mal povoadas; vários dilapidadores do erário restituiram-lhe pedrenhas durantas; os tranqueletos falavam uma ou outra vez, com o coração nas mãos, mas com o mesmo rosto dissimulado, para fazer crer que estavam empacçando os outros.

A descoberta assombrou o Diabo. Meteu-se a conhecer mais distatamente o mal, e viu que lavrava muito. Alguns casos eram até incompreensíveis, como o de um drogista do Levante, que envenenara longamente uma geração inteira, e com o produto das drogas, socorria os filhos das vítimas. No Cairo achou um peiteiro lação de camelos, que tapava a cara para ir ás mesquitas. O Diabo deu com ele á entrada de uma, laçou-lhe em rosto o procedimento; ele negou, dizendo que ia ali comprar o camelo de um drogoma-

tradição humana.
 tam fânjas de algodão. Que dueres tu? É a eterna con-
 dição agora fânjas de seda, como as de veludo tive-
 — Que dueres tu, meu Doble Diabo? As cabas de algo-
 nede e disse-lhe:
 trunfo, sedner, qadneta agonia satânica. Pôz os olhos
 compiacência; não o interromber, não o interromper, não
 ta de tão singular fenómeno. Deus ouvir-o com infinita
 cên, tremulo de raiva, ansioso de conhecer a causa secre-
 te alguma coisa análoga ao passado. Voo de novo ao
 po de reflectir, comparar e concluir do esbôço de presen-
 Não se deteve um instante. O basto não lhe deu tem-
 aleivosia. Mas não havia duvidar; o caso era verdadeiro.
 llar-se, e ao levantar-se. O Diabo mal pôde crer tamanha
 ma das suas ações secretas, benzia-se duas vezes, ao ajo-
 cabela solitária; e confundido não lhe desavergasse nem ha-
 cõnego, ia todas as semanas confessar-se com ele, numa
 titificação aos ctizos. Tendo agarrado a amizade de um
 homem, não se pôde furtar ao jogo, como ainda dava gra-
 tesse na cama para não confessar que estava só. Pois esse
 mas, bibliotheca, etc. Era a fôrma em pesos; chegava a me-
 possuir uma bela casa na campanha romana, telas, está-
 cindpntes anos, insignie falsificador de documentos, que
 Um dos seus melhores adôscitos era um calabrês, varão de
 entre elas, que desorientou completamente o Diabo.
 beneditino cita muitas outras descobertas extraordinárias,
 senre a um muezim, que rexon por ele a Alá. O manuscripto
 no; tornou-o, com efeito, á vista do Diabo e foi dâ-lo de pre-

Do livro que omite suas vogais.

A Igreja do Diabo

Machado de Assis

C p t l

D m d m r f c

C nt m v l h m n s c r t b n d t n q D b , m
c r t d , t v d d f n d r m g r j . m b r s
s s l c r s f s s m c n t n s g r n d s , s n t - s h m
l h d c m p p l v l s q x r c d s d s c l s , s m
r g n z ç , s m r g r s , s m c n n s , s m r t l , s m
n d . V v , p r s s m d z r , d s r m n s c n t s d v n s ,
d s d s c d s b s q s h m n s . N d f x , n d r
g l r . P r q n t r l s g r j ? m g r j d
D b r m f c z d c m b t r s t r s r l g s ,
d s t r - l s d m v z .

— V , p s , m g r j , c n c l l . s c r t r c n t r
s c r t r , b r v r c n t r b r v r . T r m n h m s s ,
c m v n h p f r t , s m n h s p r d c s , b l s , n
v n s t d d m s p r l h c l s s t c . m c r d
s r n c l n v r s l d s s p r t s , m n h g r j m
t n d d b r . d p s , n q n t s t r s r l g s s
c m b t m s d v d m , m n h g r j s r n c ; n
c h r d n t d m m , n m M m , n m L t r . H m
t s m d s d f r m r ; h s m d n g r t d .

D z n d s t , D b s c d c b ç s t n d s
b r ç s , c m m g s t m g n f c v r n l . m s g d ,
l m b r - s d r t r c m D s p r c m n c r - l h d ,
d s f - l ; l v n t s l h s , c s s d d , s p r s d
v n g n ç , d s s c n s g : — V m s , t m p . r p d , b

t nd s s s, c mt l str nd q b l t d s spr v n-
c sd b sm , rr nc d s mbr p r nf nt z l.

C p t l

ntr D s D b

D s r c lh m nc , q nd D b ch g c .
s s r f ns q ngr n ld v m r c m-ch g d , d t v
r m-s l g , D b d x -s st r ntr d c m s
lh sn S nh r.

—Q m q r st ? p rg nt st .

—N v nh p l v ss s rv F st , r sp nd D b
r nd , m sp rt d s s F st sd s c l d ss c l s.

— xpl c -t .

—S nh r, xpl c ç f c l; m s p rm t q v s
d g : r c lh pr m r ss b m v lh ; d -lh m lh r
l g r, m nd q sm s f n d s c t r s l d s r
c b m c m sm s d v n s c r s...

—S b s q l f z? p rg nt S nh r, c m s lh s
ch sd d ç r .

—N , m spr v v lm nt d s lt m sq v r t r
c nv sc . N t rd m t q c f q s m lh nt
m c s v z , p r c s d pr ç , q lt . V d f
c r m h sp d r b r t ; m d sp l vr s, v f nd r
m gr j . st c ns d d m nh d s rg n z ç , d
m r n d c s l dv nt c . t mp d bt r v t r
f n l c mpl t . nt v m d z r-v s st , c m l ld d ,

p r q m n c s s d d s s m l ç ... B d , n
v s p r c ?

— V s t d z -l , n l g t m -l , d v r t S n h r .

— T n d s r z , c d D b ; m s m r - p r p r
g s t d v r p l s d s m s t r s . V r d d q n s t
c s s r p l s d m m s t r v n c d , m t l x
g n c ... S n h r , d s ç t r r ; v l n ç r m n h p d r
f n d m n t l .

— V .

— Q r s q v n h n n c r - v s r m t d b r ?

— N p r c s ; b s t q m d g s d s d j p r q
m t v , c n s d h t n t d t d s r g n z ç , s g r
p n s t m f n d r m g r j .

D b s r r c m c r t r d s c r n t r n f . T n h
l g m d c r l n s p r t , l g m r p r p c n t n
l f r j d m m r , q l q r c s q , n s s b r v n s -
t n t d t r n d d , f z c r r s p r r p r p r D s .
M s r c l h r s , d s s :

— S g r c n c l m b s r v ç , c m ç d d s d
l g n s s c l s , q s v r t d s , f l h s d c , s m
g r n d n m r c m p r v s r n h s , c j m n t d v
l d r m t s s m f r n j s d l g d . r , p r p n h
- m p x - l s p r s s f r n j , t r z l s t d s p r m
n h g r j ; t r s d l s v r s d s d p r ...

— V l h r t r c ! m r m r S n h r .

— l h b m . M t s c r p s q j l h m s v s s s
p s , n s t m p l s d m n d , t r z m s n q n h s d s l
d r , s r s t s t n g m - s d m s m p , s l n ç s c h r m

sm sm sch r s, sp pl sc nt lh md cr s d d
dv ç ntr lvr s nt bg d d p c d . V d r-
dr,— nd fr nç , m n s,— c m q ss c v lh r
p ml tr sp bl c s sb n f c sq l b r lm nt sp
lh,— s j m r p s b t s, m d s, q sq r
d ss sm tr sn c ss r s v d ... M sn q r p r c r
q m d t nh m c s sm d s; n f l , p r x mpl ,
d pl c d z c m q st j z d rm nd d , n spr c ss s,
c rr g p d s m nt p t v ss m r m c m n-
d ... V ng c sm s lt s...

N st s s r f ns g t r m s s s p s d s d f st
s n . M g l G br l f t r m n S nh r m lh r d s
pl c . D s nt rr mp D b .

— T s v lg r, q p r q p d c nt c r m
spr t d t sp c , r pl c -lh S nh r . T d q
d z s dg s st d t r d t pl sm r l st s d m n-
d . ss nt g st ; s n t ns f rç , n m r g n l d d
p r r n v r m ss nt g st , m lh r q t c l s t
r t r s . lh ; t d s sm nh s l g sm str m n r st
s s n s v v s d t d q lh s d s . ss m sm nc
p r c nj d ; s b st q l f z ?

— J v s d ss q n .

— D p s d m v d h n st , t v m m rt s bl
m . C lh d m m n fr g , s lv r-s n m t b ;
m sv m c s l d n v s , n fl r d v d , q s d b
t m j c m m rt ; d -lh s t b d s lv ç m r-
g lh n t r n d d . N nh mp bl c : g c p r
c m . nd ch s fr nj d lg d ?

—S nh r, s ,c m s b s, spr t q ng .

—N g s st m rt ?

—N g t d . m s ntr p p d t m r sp ct d c
r d d ;d x r v d s tr s, p r m m s ntr p ,
r lm nt b rr c -l s...

—R t r c s t l! xcl m S nh r.V ,v ,f nd
t gr j ;ch m t d s sv rt d s,r c lh t d s sfr n-
j s,c nv c t d s sh m ns...M s,v !v !

D b ld D b t nt pr f r r lg m c s m s.
D s mp sr -lh sl nc ; s s r f ns, m s n l d v
n , nch r m c c m sh rm n s d s s c nt c s.
D b s nt ,d r p nt ,q s ch v n r ;d br s
s s ,c m mr ,c n t rr .

C p t l

b n v sh m ns

m v z n t rr , D b n pr d m m n t .D -
s pr ss m nf r c gl b n d t n ,c m h b t d
b f m , ntr sp lh r m d tr n n v x-
tr rd n r ,c m m v z q r b v n s ntr nh s d
s c l . l pr m t s s s d s c p l s f s s d l c s
d t rr ,t d s s gl r s, s d l t s m s nt m s .C n-
f ss v q r D b ;m s c n f ss v - p r r t f c r
n ç q sh m nst nh m d l d sm ntr sh st r s
q s r sp t c nt v m sv lh sb t s.

—S m,s D b ,r p t l ;n D b d s n t s

s l f r s, d s c n t s s n f r s, t r r r d s c r n ç s, m s
D b v r d d r n c, p r p r g n d n t r z,
q s d q l n m p r r r d -l d c r ç d s
h m n s. V d -m g n t l r s. S v s s v r d d r
p . V m s l : t m d q l n m, n v n t d p r m
d s d r, f z d l m t r f m l b r, v s d r
t d, t d, t d, t d, t d, t d ...

r s s m q f l v, p r n c p, p r x c t r n t
s s m, s p r t r s n d f r n t s, c n g r g r, m s m, s
m l t d s p d s. l s v r m; l g q v r m,
D b p s s d f n r d t r n. d t r n r q
p d s r n b c d m s p r t d n g ç. s s q n t
s b s t n c, p r q, c r c d f r m, r m s v z s s t l,
t r s c n c d s l v d.

C l m v l q s v r t d s c t s d v m s r s b s-
t t d s p r t r s, q r m s n t r s l g t m s.
s b r b, l x r, p r g ç f r m r b l t d s, s s m
t m b m v r z, q d c l r n s r m s d q
m d c n m, c m d f r n ç q m r r b s t,

f l h m s g l g d. r t n h m l h r d f s n
x s t n c d H m r; s m f r r d q l s, n h v r
l d : "M s, c n t c l r d q l s, f l h d P l ..."

m s m d s s d g l, q p r d z s m l h r s p g n s
d R b l s, m t s b n s v r s s d H s s p; v r t d t
s p r r, q n n g m s l m b r d s b t l h s d L c l,
m s d s s s c s; f g l q r l m n t f z m r t l.
M s, n d p n d d l d s s s r z s d r d m l t r r
h s t r c, p r s m s t r r v l r n t r n s c d q

l v r t d , q m n g r q r m t m l h r s n t r n
b c n v n t r s b n s m n j r s , m g r n d c p , d
q s m s b c d s , s l v d j j m ? P l s p r t
D b p r m t s b s t t r v n h d S n h r , x p r s s
m t f r c , p l v n h d D b , l c ç d r t v r d
d r , p s n f l t r n n c s s s c m f r t d s
m s b l s c p s d m n d . Q n t n v j , p r g f r
m n t q r v r t d p r n c p l , r g m d p r p r d d s
n f n t s ; v r t d p r c s , q c h g v s p r r t d s s
t r s , p r p r t l n t .

s t r b s c r r m t r s d l n t s s m d s . D b
n c t - l h s , g r n d s g l p s d l q ü n c , t d n v
r d m d c s s , t r c n d n ç d l s , f z n d m r s
p r v r s s d t s t r s s s .

N d m s c r s , p r x m p l , d q d f n ç q
l d v d f r d . C h m v - l h b r ç s q r d d h
m m ; b r ç d r t r f r ç ; c n c l : M t s h m n s
s c n h t s , s t d . r , l n x g q t d s f s s m
c n h t s ; n r x c l s v s t . Q n s f s s m c n h t s ,
t r s d s t r s ; c t v t d s , m n s s q n f s s m
n d . d m n s t r ç , p r m , m s r g r s p r f n d ,
f d v n l d d . m c s s t d t m p c h g c n f s -
s r q r m m n m n t d l g c . v n l d d , d s s
D b , r x r c c d m d r t s p r r t d s s d
r t s . S t p d s v n d r t c s , t b , t s p t ,
t c h p , c s s q s t s p r m r z j r d c
l g l , m s q , m t d c s , s t f r d t , c m q n
p d s v n d r t p n , t v t , t p l v r , t

f , c s s q s m s d q t s , p r q s t p r p r
c n s c n c , s t , t m s m ? N g - l c r n b s r d
n c n t r d t r . P s n h m l h r s q v n d m s c b
l s ? n p d m h m m v n d r m p r t d s s n g
p r t r n s f n d - l t r h m m n m c ? s n g s
c b l s , p r t s f s c s , t r m p r v l g q s n g
c r t r , p r ç m r l d h m m ? D m n s t r d s s m
p r n c p , D b n s d m r m x p r s v n t g n s
d r d m t m p r l p c n r ; d p s , m s t r n -
d q , v s t d p r c n c t s c l , c n v r d s s m l r
x r c c d m d r t t l g t m , q r x r c r
m s m t m p v n l d d h p c r s , s t , m r c r
d p l c d m n t .

d s c , s b , x m n v t d , r t f c v t d . s t
c l r q c m b t p r d d s n j r s t r s m x
m s d b r n d r c r d l d d . N p r b f r m l m n -
t c l n g r t t , m s n d z x r c - l m d n t
r t r b ç , p c n r , d t r s p c ; n s c s s ,
p r m , m q l f s s m x p n s m p r s d f r ç
m g n t v , n d m s , p r b r c b r n n h m s l
r , p s q v l f z r p g r t r n s p r ç . T d s s
f r m s d r s p t f r m c n d n d s p r l , c m l
m n t s p s s v s d m c r t d c r s c l p s s l ; s l -
v , t d v , n c x c ç d n t r s s . M s s s m s m
x c ç f l g l m n d , p l c n s d r ç d q n -
t r s s , c n v r t n d r s p t m s m p l s d l ç , r
s t s n t m n t p l c d n q l .

P r r m t r b r , n t n d D b q l h c m -

pr c r t r p r t d s l d r d d h m n . C m f t ,
 m r d p r x m r m b s t c l g r v n v n s t t
 ç . l m s t r q s s r g r r m s m p l s n v n ç
 d p r s t s n g c n t s n s l v v s ; n s d v d r
 p r x m s n n d f r n ç ; m l g n s c s s , d d s -
 p r z . C h g m s m d m n s t r ç d q n ç d
 p r x m r r r d , c t v s t f r s d m p d r d N
 p l s , q l f n l t r d G l n , q s c r v m d s
 m r q s s d n t g r g m : “ L v b r c p r x m ! N
 h p r x m ! ” n c h p t s m q l p r m t m r
 p r x m r q n d s t r t s s d m r s d m s l h s ,
 p r q s s s p c d m r t n h p r t c l r d d d n
 s r t r c s m s d q m r d n d v d s m s -
 m . c m l g n s d s c p l s c h s s m q m t l x p l
 c ç , p r m t f s c , s c p v c m p r n s d s t r b s ,
 D b r c r r m p l g : — C m p s s s t m m
 ç s d m b n c , p r s p r ç s c m n s ; m s c d
 c n s t n c d r l m n t s n n s s s d v d n d s :
 q c n t c s d l t r s . s t p l g f n c l d n
 l v r d s b d r .

C p t l v

Fr n j s fr n j s

p r v s d D b v r f c - s . T d s s v r t d s c j
 c p d v l d c b v m f r n j d l g d , m v z
 p x d s p l f r n j , d t v m c p s r t g s v n -

h m l st r-s n gr j n v . tr s f r m ch g nd s
tr s, t mp b nç nst t ç . gr j f nd
r -s; d tr n pr p g v -s; n h v m r g d
gl b q n c nh c ss, m lng q n tr d
z ss, m r ç q n m ss . D b lç br d s
d tr nf .

m d , p r m, l ng s n s d p s n t D b q
m t s d s s s f s, s sc nd d s, pr t c v m s n-
t g s v r t d s. N s pr t c v m t d s, n m nt gr l-
m nt, m s lg m s, p r p r t s, , c m d g, s c lt s.
C r t s gl t s r c lh m-s c m r fr g lm nt tr s
q tr v z s p r n, j st m nt m d s d pr c t c
t l c; m t s v r s d v m sm l s, n t, n s r s
m l p v d s; v r s d l p d d r s d r r r st t m-
-lh p q n s q nt s; sfr d l nt s f l v m, m
tr v z, c m c r ç n sm s, m sc m m sm r s-
t d ss m l d, p r f z r c r r q st v m mb ç nd
s tr s.

d sc b r t ss mbr D b . M t -s c nh c r
m s d r t m nt m l, v q l v r v m t . lg nsc
s s r m t nc mpr ns v s, c m d m dr g st d
L v nt, q nv n n r lng m nt m gr ç nt r,
, c m pr d t d s dr g s, s c rr s f l h s d s v t m s.
N C r ch mp r f t l dr d c m l s, q t p v
c r p r r sm sq t s. D b d c m l ntr d d
m, l nç -lh m r st pr c d m nt; l ng, d z nd
q l r b r c m l d m dr g m n; r b -, c m
f t, v st d D b f d -l d pr s nt mm zm,

q r z p r l l . m n s c r t b n d t n c t m
t s t r s d s c b r t s x t r r d n r s , n t r l s s t , q
d s r n t c m p l t m n t D b . m d s s s m l h r s
p s t l s r m c l b r s , v r d c n q ü n t n s , n s g -
n f l s f c d r d d c m n t s , q p s s m b l c s
n c m p n h r m n , t l s , s t t s , b b l t c , t c . r
f r d m p s s ; c h g v m t r s n c m p r n c n -
f s s r q s t v s . P s s s h m m , n s n f r t v
j g , c m n d d v g r t f c ç s s c r d s . T n d n -
g r d m z d d m c n g , t d s s s m n s c n -
f s s r - s c m l , n m c p l s l t r ; , c n q n t n
l h d s v n d s s n n h m d s s s ç s s c r t s , b n z
- s d s v z s , j l h r - s , l v n t r - s . D b m l
p d c r r t m n h l v s . M s n h v q d v d r ;
c s r v r d d r .

N s d t v m n s t n t . p s m n l h d t m p
d r f l t r , c m p r r c n c l r d s p t c l p r s n t l -
g m c s n l g p s s d . V d n v c , t r
m l d r v , n s s d c n h c r c s s c r t d t
s n g l r f n m n . D s v - c m n f n t c m p l
c n c ; n n t r r m p , n r p r n d , n t r n f ,
s q r , d q l g n s t n c . P s s l h s n l , d s -
s - l h :

— Q q r s t , m p b r D b ? s c p s d l g
d t m g r f r n j s d s d , c m s d v l d t v r m
f r n j s d l g d . Q q r s t ? t r n c n t r d ç
h m n .

f nt

Cr ms n Pr

Do livro quando torcido.

A Igreja do Diabo

Machado de Assis

peros de vingança, e disse consigo: — Vamos, é tempo. idêa, e desafiá-lo; levantou os olhos, acesos de ódio, às- da, lembrou-se de ir ter com Deus para comunicar-lhe a praços, com um gesto magnifico e varonil. Em segui- Dizendo isto, o Diabo sacudia a cabeça e estendeu os

— E então vim dizer-lhes
que não acuseis de dissimulação
a quem a legitimá-la, advertindo
que não é o Diabo; mas o anjo
dos mestres. Verdadeiramente
sou de um mestre vencedor
desço à terra; vou lançar a

— Venha anunciar-vos o remate da
— basta que me digas desde já
— há tanto da tua desorganização, se
— fundar uma igreja.

— com certo ar de escárnio e triunfo
— cruel no espírito, algum reparo
— memória, qualquer coisa que, nesse
— idade, o fazia crer superior ao
— o riso, e disse:

— que uma observação, começando
— pelas virtudes, filhas do
— fráveis a rainhas, e
— franjas de algodão, e
— essa franja, e seda
— virão as de seda
— corrou o Senhor
— corpos que ajoelham
— trazem as and

— e das ruas, os rostos tingem-se do mesmo pô, os lenços chei-
ram aos mesmos cheiros, as pupilas centelham de curio-
sidade e devotamente o livro santo e o bigode do beirão
Vê-se o arde, roto, — a indolência, ao menos — com buracos

de um lado e de outro, e os olhos de um lado e de outro

de um lado e de outro, e os olhos de um lado e de outro

de um lado e de outro, e os olhos de um lado e de outro

de um lado e de outro, e os olhos de um lado e de outro

de um lado e de outro, e os olhos de um lado e de outro

de um lado e de outro, e os olhos de um lado e de outro

de um lado e de outro, e os olhos de um lado e de outro

Nisto os serafins agitaram as asas pesadas de fastio e
sono. Miguel e Gabriel fitaram no Senhor um olhar de sú-
blica. Deus interrompeu o Diabo.

— Tu és vulgar, que é o pior que pode acontecer a um
espírito da tua espécie, replicou-lhe o Senhor. Tudo o que
dizes ou digas está dito e redito pelos moralistas de mun-

do. É o mesmo gastor, e se não tens força, não o podes fazer

de um lado e de outro, e os olhos de um lado e de outro

de um lado e de outro, e os olhos de um lado e de outro

de um lado e de outro, e os olhos de um lado e de outro

de um lado e de outro, e os olhos de um lado e de outro

de um lado e de outro, e os olhos de um lado e de outro

— Depois de uma vida honesta, teve uma vida

última. Colhido em um naufrágio, ia salvar-se numa

luta; mas viu um casal de noivos, na flor da vida, que se
debatiam já com a morte; deu-lhes a tábua de salvação
e mergulhou na eternidade. Nenhum público: a água e o

céu por cima. Onde achas aí a franja de algodão?

— Senhor, eu sou, como sabeis, o espírito que nega.

— Negas esta morte?

— Nego tudo. A misantropia pode tomar aspecto de caridade; deixar a vida aos outros, para um misantropo, é realmente aborrecê-los...

— Retórico e sutil! exclamou o Senhor. Vai, vai, funda a tua igreja; chama todas as virtudes, recolhe todas as franjas, convoca todos os homens... Mas, vail vail

Debalde o Diabo tentou proferir alguma coisa mais. Deus impusera-lhe silêncio; os serafins, a um sinal divino, encheram o céu com as harmonias de seus cânticos. O Diabo sentiu, de repente, que se achava no ar; dobrou as asas, e, como um raio, caiu na terra.

Capítulo III

A boa nova aos homens

Uma vez na terra, o Diabo não perdeu um minuto. Deus se pressa em enfiar a cogula beneditina, como hábito de boa fama, e entrou a espalhar uma doutrina nova e extraordinária, com uma voz que reboava nas entranhas do século. Ele prometia aos seus discípulos e fiéis as delícias da terra, todas as glórias, os deleites mais íntimos. Confessava que era o Diabo; mas confessava-o para retificar a noção que os homens tinham dele e desmentir as histórias que a seu respeito contavam as velhas beatas.

o ser mortal. I
 de l'uculo' mas
 tude tã suber
 b'ginas de kar
 jen... O mezin
 tis a l'uculo'. M
 existencia de H
 ts' e a l'uculo' m
 me q's econon
 tampe'm a z'v
 goret's' a l'uculo'
 t'ucido's por on

Clamava ele q
 surti' outras c'm
 to a supstancia' b
 boq'sa ser na poc
 Dispo passon a
 multido'es ao b
 gismo' esbete's

Eis assim du
 tundo' tundo' m
 desdouro' tazei
 bai. V'uculo' is: C
 pomen's' vede-
 a due se deu a
 o Dispo verda
 g'uculo's' dos

— Sim' son



de l'uculo' essas razoes de
 oi a g'uculo' due resj'mente
 se sempre das passivas
 na l'uculo' de H'uculo' vir-
 te' produzim as melhores
 a de A'uculo's' fillo de Pe-
 tor de A'uculo's' não p'ave-
 timas a melhor defesa na
 t'uculo' due a m'as eis torpe-
 u não ser mais do due a
 o'ram resj'mente' e assim
 de natural's e legj'timas. A
 acceitas de'viam ser sup'ra-
 que, acceitas de forma' eis umas vezes
 desl'uculo' de negaço. Isso d'uculo-
 vir'uculo's'. A d'uculo's' eis a due
 e'uculo' e logo due v'uculo' o
 e'uculo' congrega' em suma' as
 t'uculo' b'as excita' o entu-
 u'uculo' e en los d'uculo'
 me inventado b'as men
 o'uculo' logo verda'uculo'
 t'uculo' lo do coraço dos
 o'uculo' genio da natureza'
 t'uculo' das ci'uculo's' mas
 m'uculo' o Dispo das no'uculo's

entender o Diabo que lhe cria
solidariedade humana. Com ele

de amor do indivíduo a si mesmo. E como alguns discípulos achassem que uma tal explicação, por metafísica, es-
taria fora da compreensão das turbas, o Diabo recorreu a um

...o do Diabo verificou-se. Todas as virtudes
acabavam em fraqueza de algão, mas a
dele

puradas pela franja, deitavam a capa às urtigas e vin-
ham alistar-se na igreja nova. Atrás foram chegando as
outras, e o tempo abençoou a instituição. A igreja funda-
do tempo de João de Deus, uma raça que não a amasse. O Diabo
não se pôde debruçar sobre o povo, e a igreja não se pôde
debruçar sobre o povo. A igreja não se pôde debruçar sobre o povo.
A igreja não se pôde debruçar sobre o povo. A igreja não se pôde debruçar sobre o povo.

(The page contains faint, mirrored bleed-through from the reverse side, which appears as upside-down text.)

no; roubou-o, com efeito, à vista do Diabo e foi dá-lo de presente a um muezim, que rezou por ele a Alá. O manuscrito entre elas esta, que desorientou completamente o Diabo, um dos seus melhores apóstolos era um calabrés, varão de cinquenta anos, insigne falsificador de documentos, que possuía uma bela casa na campanha romana, telas, estatuas, biblioteca, etc. Era a fraude em pessoa; chegava a meter-se na cama para não confessar que estava são. Pois essas confissões aos criados. Tendo angariado a amizade de um cônego, ia todas as semanas confessar-se com ele, numa capela solitária; e, conquanto não lhe desvendasse nenhuma das suas ações secretas, benzia-se duas vezes, ao ajoelhar-se, e ao levantar-se. O Diabo mal pôde crer tamanha aleivosia. Mas não havia que duvidar; o caso era verdadeiro.

Não se deteve um instante. O pasmo não lhe deu tempo de refletir, comparar e concluir do espetáculo presente alguma coisa análoga ao passado. Voou de novo ao céu, trêmulo de raiva, ansioso de conhecer a causa secreta de tão singular fenômeno. Deus ouviu-o com infinita complacência; não o interrompeu, não o repreendeu, não triunfou, sequer, daquela agonia satânica. Pôs os olhos nele, e disse-lhe:

— Que queres tu, meu pobre Diabo? As capas de algodão têm agora franjas de seda, como as de veludo tinham franjas de algodão. Que queres tu? É a eterna tradição humana.

*Crimson Pro
fence*

Do livro cuja frente espia o verso.

A Igreja do Diabo

Machado de Assis

30. 101370, 621

0069, 0071-80 31mm.

[illegible]

about the same as our average --

4951 7.2-105 00 157.0 727.

[illegible]

sa om innoțesc întru sfințenie și întru
venisec de la cele veșnice în cel ce se căsătoriește. Altfel, cred
că totuși e o mare soluție de căsătorie și în cel care nu
se căsătoriește. Altfel, cred că totuși e o mare soluție de căsătorie și în cel care nu

30 0000 30000 2 0 00000000 001 010 0000 0 0000 1

proprietate de ziare etc. flo

701 0573 / 11-18-23 11:30A 3 04 80 119X CF NO 8X 7.00

[illegible]

19,0781(1) Å

DATE 04-21-90 2350

des instituições religiosas, mas também de organizações
sociais que exercem controle social - regulam, discipli-
nam e controlam o comportamento dos atores e o controle
do espaço social.

— Lettere due al re, campidoglio, 11.10.1878

MEY C. 239 90 260-27 2794.

CC REC. 3, MAR 30 9 15 36 AM '62

... εἰς τὸν αἰῶνα. Ἡ.

... perdendo a expressão e deixando-se ouvir, mas os
olhos fechados, mostrando que não estavam vendo o que se
passava, mas que estavam ouvindo o que se dizia e que
estavam sendo tratados de acordo com o que se dizia e
que estavam sendo tratados de acordo com o que se dizia...

... e a sua de íor. Aparente o o mudo, oco os
de a anal y os áccora.

[illegible]

O tema do curso é o desenvolvimento da consciência política e social dos jovens, com ênfase na análise da realidade brasileira e na identificação das causas da desigualdade social. O curso também aborda temas como a cidadania, a participação política e a atuação dos jovens na sociedade.

Em 27 de abril de 1971, durante o primeiro encontro, o primeiro momento foi dedicado ao conhecimento da sequência. Todos observaram a distribuição dos pontos durante a reunião, podendo analisar as diferenças existentes entre eles.

[illegible]

toros na cidade e rural, a sua casa, em 1907 e 1950 (osm)

[illegible]

O que se pretende com este movimento é a criação que a Justiça do
 Trabalho e as sociedades civis se debatem em um espaço de
 diálogo. Assim, o que se pretende é a criação de uma
 nova maneira de se lidar com a sociedade, com o Estado e com a

Uma das primeiras atividades que
se realizaram com a comunidade, durante as duas primeiras semanas
de trabalho, foi a elaboração de um plano de trabalho para o ano de
1970. Este plano foi elaborado em conjunto com a comunidade e com o
coordenador da comunidade, tendo em vista a necessidade de se estabelecer
um plano de trabalho que fosse capaz de atender às necessidades da
comunidade e de ser capaz de ser executado pela comunidade. Este plano
foi elaborado em conjunto com a comunidade e com o coordenador da
comunidade, tendo em vista a necessidade de se estabelecer um plano
de trabalho que fosse capaz de atender às necessidades da comunidade
e de ser capaz de ser executado pela comunidade. Este plano foi elaborado
em conjunto com a comunidade e com o coordenador da comunidade, tendo
em vista a necessidade de se estabelecer um plano de trabalho que fosse
capaz de atender às necessidades da comunidade e de ser capaz de ser
executado pela comunidade.

Em o governo da época a intervenção é sempre dada em caráter de urgência, ou seja, a cada cinco anos há uma eleição para o cargo de governador e a cada cinco anos há uma eleição para o cargo de governador e a cada cinco anos há uma eleição para o cargo de governador. Assim, a cada cinco anos há uma eleição para o cargo de governador e a cada cinco anos há uma eleição para o cargo de governador. Assim, a cada cinco anos há uma eleição para o cargo de governador e a cada cinco anos há uma eleição para o cargo de governador.

que o núcleo de organização e de administração é a base da base. Assim, a cada cinco anos há uma eleição para o cargo de governador e a cada cinco anos há uma eleição para o cargo de governador. Assim, a cada cinco anos há uma eleição para o cargo de governador e a cada cinco anos há uma eleição para o cargo de governador. Assim, a cada cinco anos há uma eleição para o cargo de governador e a cada cinco anos há uma eleição para o cargo de governador. Assim, a cada cinco anos há uma eleição para o cargo de governador e a cada cinco anos há uma eleição para o cargo de governador. Assim, a cada cinco anos há uma eleição para o cargo de governador e a cada cinco anos há uma eleição para o cargo de governador. Assim, a cada cinco anos há uma eleição para o cargo de governador e a cada cinco anos há uma eleição para o cargo de governador.

Assim, a cada cinco anos há uma eleição para o cargo de governador e a cada cinco anos há uma eleição para o cargo de governador. Assim, a cada cinco anos há uma eleição para o cargo de governador e a cada cinco anos há uma eleição para o cargo de governador. Assim, a cada cinco anos há uma eleição para o cargo de governador e a cada cinco anos há uma eleição para o cargo de governador.

- A cada cinco anos há uma eleição para o cargo de governador e a cada cinco anos há uma eleição para o cargo de governador.

Assim, a cada cinco anos há uma eleição para o cargo de governador e a cada cinco anos há uma eleição para o cargo de governador.

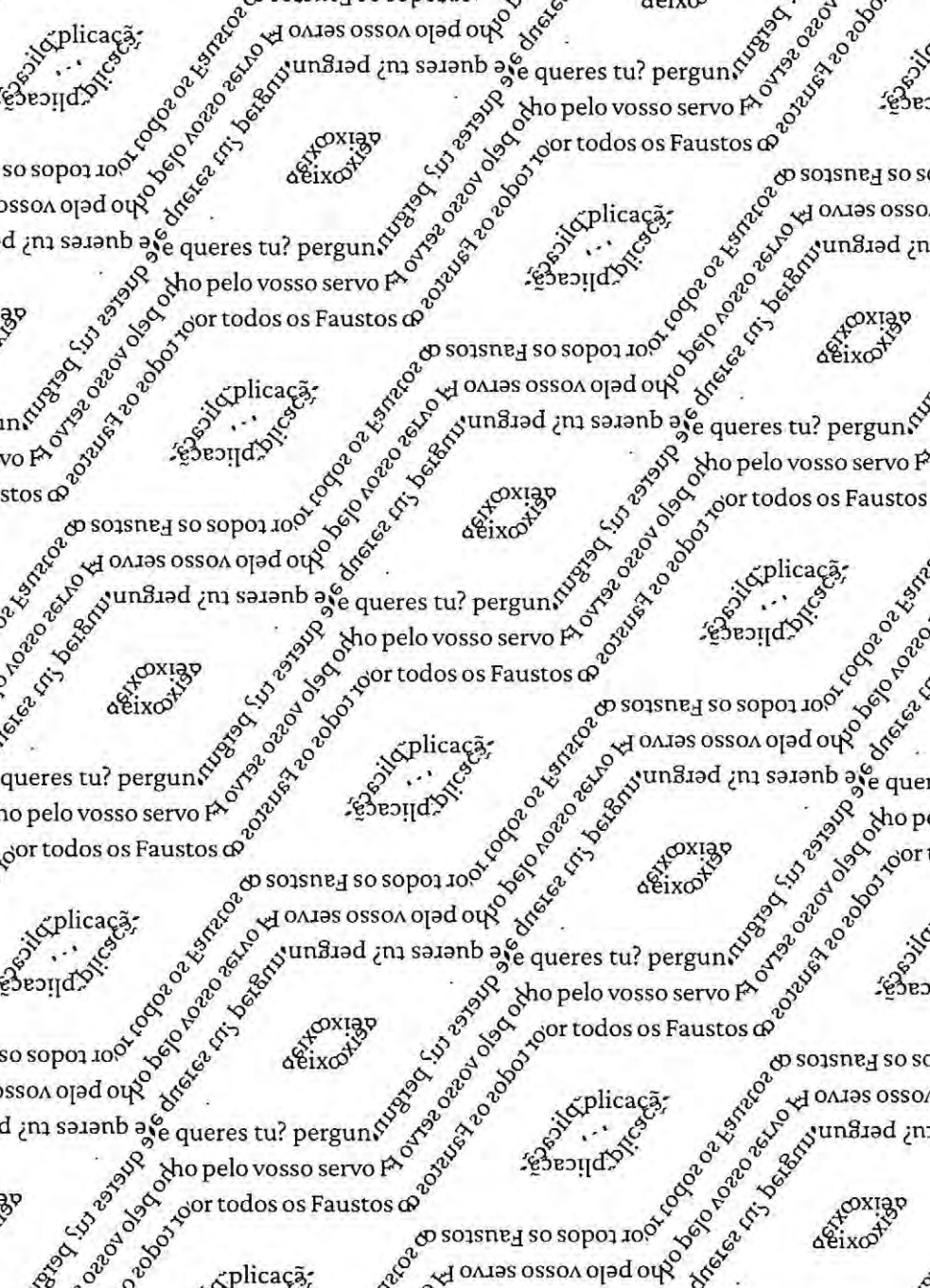
Assim, a cada cinco anos há uma eleição para o cargo de governador e a cada cinco anos há uma eleição para o cargo de governador. Assim, a cada cinco anos há uma eleição para o cargo de governador e a cada cinco anos há uma eleição para o cargo de governador. Assim, a cada cinco anos há uma eleição para o cargo de governador e a cada cinco anos há uma eleição para o cargo de governador.

Do livro quando lido por um caleidoscópio.

A Igreja do Diabo

Machado de Assis

[illegible]





ne digas

da tua desorga

igreja.

de escarnio

algum i murgle

rito, algum i murgle

me digas

da tua desorga

igreja.

de escarnio

algum i murgle

rito, algum i murgle

me digas

da tua desorga

igreja.

de escarnio

algum i murgle

rito, algum i murgle

me digas

da tua desorga

igreja.

de escarnio

algum i murgle

rito, algum i murgle

me digas

da tua desorga

igreja.

de escarnio

algum i murgle

rito, algum i murgle

me digas

da tua desorga

igreja.

[illegible]

[illegible]

[The page contains faint, illegible text from the reverse side of the document.]



o próximo era quem
as turbas, o Deus, por
que essa esp

si mesmo. E como alg
al explicação, por
turbas, o Deus,



[illegible]

fonte
Crimson Pro

Crimson Pro

Crimson Pro

Crimson Pro

Do livro contínuo.

A Igreja do Diabo

Machado de Assis

Capítulo I ¶ De uma idéia mirífica ¶ Conta um velho manuscrito beneditino que o Diabo, em certa dia, teve a idéia de fundar uma igreja. Embora os seus lucros fossem contínuos e grandes, sentia-se humilhado como papel avulso que exercia desde séculos, sem organização, sem regras, sem cânones, sem ritual, sem nada. Vivia, por assim dizer, dos remanescentes divinos, dos descuidos e obséquios humanos. Nada fixo, nada regular. Por que não teria ele a sua igreja? Uma igreja do Diabo era o meio eficaz de combater as outras religiões, e destruí-las de uma vez. ¶ —Vá, pois, uma igreja, concluiu ele. Escritura contra Escritura, breviário contra breviário. Tereia em minha missa, com vinho e pão à farta, as minhas prédicas, bulas, novena seto do demais a parelho eclesiástico. O meu credo será o núcleo universal dos espíritos, a minha igreja a matenda de Abraão. E depois, enquanto as outras religiões se combatem e se dividem, a minha igreja será única; não acharei diante de mim, nem Maomé, nem Lutero. Há muitos modos de afirmar; há só um de negar tudo. ¶ Dizendo isto, o Diabo sacudiu a cabeça e estendeu os braços, com um gesto magnífico e varonil. Em seguida, lembrou-se de ir ter com Deus para comunicar-lhe a idéia, e desafiá-lo; levantou os olhos, aceso de ódio, áspere de vingança, e disse consigo: —Vamos, é tempo. Erá rápido, batendo as asas, com talestrondo que abalou todas as províncias do abismo, arrancou das sombras para o infinito azul. ¶ **Capítulo II ¶ Entre Deus e o Diabo ¶** Deus recolhia um ancião, quando o Diabo chegou ao céu. Ossera fins que

engrinaldavamorecém-chegado, detiveram-selo, eo Diabodeixou-seestaràentradacomosolhosnoSenhor.¶
—Quemequerestu?perguntoueste.¶—Nãovenhopelo vossoservoFausto, respondeuoDiaborindo, maspor todososFaustosdoséculoedosséculos.¶—Explica-te.¶
—Senhor, aexplicaçãoé fácil; maspermitiquevos diga: recolheiprimeiroesse bomvelho; dai-lheomelhor lugar, mandaiqueasmaisafinadascítarasealaúdeso recebamcomosmaisdivinoscoros...¶—Sabesoqueele fez?perguntouoSenhor, comosolhoscheiosdedoçura.¶
—Não, masprovavelmenteé dosúltimosquevirãoter convosco. Nãotardamuitoqueocéufiquesemelhantea umacasavazia, porcausadopreço, queéalto. Vouedificar umahospedariabarata; emduaspalavras, voufundar umaigreja. Estoucansadodaminhadesorganização, do meureinadocasualeadventício. Étempodeobteravitoria finalecompleta. Eentãovimdizer-vosisto, com lealdade, paraquemenãoacuseisdedissimulação... Boa idéia, não vosparece?¶—Viestedizê-la, não legitimá-la, advertiuoSenhor.¶—Tendesrazão, acudiuo Diabo; masoamor-própriogostadeouviroaplausodos mestres. Verdadeéquenestecasoseriaooaplausodeum mestrevencido, eumatalexigência... Senhor, desçoàterra; voulançaraminhapedrafundamental.¶—Vai.¶
—Quereisquevenhaanunciar-vosorematedaobra?¶
—Nãoé preciso; bastaquemedigadesde jáporque motivo, cansadohá tantodatuadesorganização, sóagora pensasteemfundarumaigreja.¶ODiabosorriucomcerto

ardeescárnioetriunfo.Tinhaalgumaidéiacruelno
espírito,algumreparopicantenoalforjedememória,
qualquercoisaque,nessebreveinstantedeeternidade,o
faziacrersuperioraopróprioDeus.Masrecolheuoriso,e
disse:¶—Sóagoraconcluíumaobservação,começada
desdealgunsséculos,eéqueasvirtudes,filhasdocéu,são
emgrandenúmerocomparáveisarainhas,cujomantode
veludorematasseemfranjasdealgodão.Ora,eu
proponho-meapuxá-lasporessafranja,etrazêlastodas
paraminhaigreja;atrásdelasvirãoasdesedapura...¶
—Velhoretórico!murmurouoSenhor.¶—Olhaibem.
Muitoscorposqueajoelhamaosvossospés,nostemplosdo
mundo,trazemasanquinhasdasalaedarua,osrostos
tingem-sedomesmopó,oslençoscheiramaosmesmos
cheiros,aspupilascentelhamdecuriosidadeedevoção
entreolivosantoeobigodedopecado.Vedeoardor,—a
indiferença,aomenos,—comqueessecavalheiropõeem
letraspúblicasosbenefíciosqueliberalmenteespalha,
—ousejamroupasoubotas,oumoedas,ouquaisquer
dessasmatériasnecessáriasàvida...Masnãoqueroparecer
quemedetenhoemcoisasmiúdas;nãofalo,porexemplo,
daplacidzcomqueestejuizdeirmandade,nasprocissões,
carregapiedosamenteaopeitoovossoamoreuma
comenda...Vouanegóciosmaisaltos...¶Nistoosserafins
agitaramasasaspesadasdefastioesono.MigueleGabriel
fitaramnoSenhorumolhardesúplica.Deusinterrompeuo
Diabo.¶—Tuésvulgar,queéopiorquepodeacontecer a
umespíritodatuaesécie,replicou-lheoSenhor.Tudoo

que dizes ou digas está dito eredito pelos moralistas do mundo. É assunto de gosto; e se não tens força, nem originalidade para renovar um assunto de gosto, melhor é que te cales e te retires. Olha; todas as minhas legiões mostram-nos o rosto dos seus vivos do tédio que lhes dá. Esse mesmo ancião parece enjoadado; e se besto que ele fez? ¶ — Já vos disse que não. ¶ — Depois de uma vida honesta, teve uma morte sublime. Colhido em um naufrágio, ia salvar-se num tábuia; mas viu um casal de noivos, na flor da vida, que se debatiam já com a morte; deu-lhes a tábuia de salvação e emergulhou na eternidade. Nenhum público: a água e o céu por cima. Onde achas a fraqueza de um deus? ¶ — Senhor, eu sou, como sabeis, o espírito que nega. ¶ — Negas esta morte? ¶ — Negotudo. A misantropia pode tomar o aspecto da caridade; deixar a vida aos outros, para um misantropo, é realmente aborrecê-los... ¶ — Retórico e útil! exclamou o Senhor. Vai, vai, funda a tua igreja; chama todas as virtudes, recolhe todas as fraquezas, convoca todos os homens... Mas, vai! vai! ¶ Debalde o Diabo tentou proferir alguma coisa mais. Deus impusera-lhe o silêncio; os seus fins, a sua sinal divino, encheram o céu com as harmonias dos seus cânticos. O Diabo sentiu, de repente, que se achava no ar; dobrou as asas, e, como um raio, caiu na terra. ¶ **Capítulo III ¶ Aboanovaaos homens** ¶ Umavez na terra, o Diabo não perdeu um minuto. Deus se pressa a emendar a cogitativa, como hábito de boa fama, e encontrou a espalhar uma doutrina nova e extraordinária, com uma voz que reboava nas entranhas

do século. Ele prometia aos seus discípulos as delícias da terra, todas as glórias, os deleites mais íntimos. Confessava que era o Diabo; mas confessava - o para retificar a noção que os homens tinham dele e desmentir as histórias que a seus peitos contavam as velhas beatas. ¶ — Sim, sou o Diabo, repeteia ele; não o Diabo das noites sulfúreas, dos contos soníferos, terrordas crianças, mas o Diabo verdadeiro e único, o próprio gênio da natureza, aquele que sedeu a que nome para arredá-lo do coração dos homens. Vede - me gentil e airoso. Sou vosso verdadeiro pai. Vamos lá: toma da que nome, inventado para me desdouro, fazei dele um troféu e um lábaro, e eu vos darei tudo, tudo, tudo, tudo, tudo... ¶ Era assim que falava, a princípio, para excitar o entusiasmo, e espertar os indiferentes, congregar, em suma, a multidão aopédesi. E elas vieram; elogiavam, o Diabo passou a definir a doutrina. A doutrina era a que podia ser na boca de um espírito de negação. Isso quanto à substância, porque, acerca da forma, era uma vez sutil, outra cínica e deslavada. ¶ Clamava ele que as virtudes aceitas deviam ser substituídas por outras, que eram a natureza legítimas. A soberba, a luxúria, a preguiça foram reabilitadas, e assim também a avareza, que declarou não ser mais do que a maldade da economia, com a diferença que a maldade era robusta, e a filha uma a esgalgada. Aira tinha a melhor defesa na existência de Homero; sem o furor de Aquiles, não haveria a *Ilíada*: “Musa, canta a cólera de Aquiles, filho de Peleu...” O mesmo disse da gula, que produziu as melhores páginas de Rabelais, em muitos bons

versos de *Hissope*; virtude tão superior, que ninguém se lembrava das batalhas de Luculo, mas das suas ceias; foi agulha que realmente fez imortal. Mas, ainda pondo delado essas razões de ordem literária ou histórica, para só mostrar o valor intrínseco daquela virtude, quem negaria que era muito melhor sentir na boca o vento dos bons manjares, em grande cópia, do que os maus bocados, ou a salivado jejum? Pela sua parte o Diabo prometia substituir o vinho do Senhor, expressão metafórica, pelo vinho do Diabo, locução direta e verdadeira, pois não faltaria nunca aos seus como fruto das mais belas cepas do mundo. Quanto à inveja, pregou friamente que era a virtude principal, origem de propriedades infinitas; virtude preciosa, que chegava a suprir todas as outras, e ao próprio talento. ¶ Asturbas corria atrás de entusiasmas. O Diabo incutia-lhes, a grandes golpes, de eloquência, toda a nova ordem de coisas, trocando a noção delas, fazendo amar as perversas e detestáveis. ¶ Nada mais curioso, por exemplo, do que a definição que ele dava da fraude. Chamava-lhe obraço esquerdo do homem; obraço direito era a força; e concluía: Muitos homens são canhotos, e istudo. Ora, ele não exigia que todos fossem canhotos; não era exclusivista. Que uns fossem canhotos, outros destros; aceitava todos, menos os que não fossem nada. A demonstração, porém, mais rigorosa e profunda, foi a da venalidade. Um caso ístado tempo chegou a confessar que era um monumento lógico. A venalidade, disse o Diabo, era o exercício de um direito superior a todos os direitos. Setu podes vender a tuacasa, o

teuboi, oteusapato, oteuchapéu, coisasquesãotuaspor umarazãojurídicaelegal, masque, emtodocaso, estãofora deti, comoéquenãopodesvenderatuaopinião, oteuvoto, a tuapalavra, atuafé, coisasquesãomaisdoquetuas, porque sãoatuaprópriaconsciência, istoé, tumesmo? Negá-loécair noabsurdoenocontraditório. Poisnãohámulheresque vendemoscabelos?nãopodeumhomenvenderumaparte doseusangueparatransfundi-loaoutrohomemanêmico?e osangueeoscabelos, partesfísicas, terãoumprivilégioque senegaacaráter, àporçãomoralдохомem? Demonstrado assimoprincípio, oDiabonãosedemorouemexporas vantagensdeordemtemporaloupecuniária; depois, mostrouaindaque, àvistadopreconceitosocial, conviria dissimularoexercíciodeumdireitotãolegítimooqueera exerceraomesmotempoavenalidadeeahipocrisia, istoé, merecerduplicadamente. ¶ Edescia, esubia, examinava tudo, retificavatudo. Estáclaroquecombateuoperdãodas injúriaseoutrasmáximasdebranduraecordialidade. Não proibiuformalmenteacalúniagrátuita, masinduziua exercê-lamedianteretribuição, oupecuniária, oudeoutra espécie; noscasos, porém, emqueelafosseumaexpansão imperiosa daforçaimaginativa, enadamaís, proibiareceber nenhumsalário, poisequivaliaafazerpagaratranspiração. Todasasformasderespeitoforamcondenadasporele, como elementospossíveisdeumcertodecorosocialepessoal; salva, todavia, aúnicaxeção dointeresse. Masessamesma exceçãofoilogoeliminada, pelaconsideraçãodequeo interesse, convertendoorespeitoemsimplesadulação, era

este sentimento aplicado em não a aquele. ¶ Para rematar a obra, entendeu o Diabo que lhe cumpria cortar por toda a solidariedade humana. Comefeito, o amor do próximo era um obstáculo grave à nova instituição. Ele mostrou que essa regra era uma simples invenção de parasitas e negociantes insolúveis; não se devia dar ao próximo senão indiferença; em alguns casos, ódio ou desprezo. Chegou mesmo à demonstração de que a noção do próximo era errada, e citava esta frase de um padre de Nápoles, aquele fino e letrado Galiani, que escrevia a um das marquesas do antigo regime: “Leve abraço ao próximo! Não há próximo!” A única hipótese em que ele permitia ao próximo era quando se tratasse de amaras damas alheias, porque essa espécie de amor tinha a particularidade de não ser outra coisa mais do que o amor do indivíduo a si mesmo. E como alguns discípulos achassem que uma tal explicação, por metafísica, escapava à compreensão das turbas, o Diabo recorreu a um apólogo: — Cumpre ao homem a missão de um banco, para as operações comuns; mas cada acionista não cuida realmente senão nos seus dividendos: é o que acontece aos adúlteros. Este apólogo foi incluído no livro da sabedoria. ¶

Capítulo IV ¶ Franjas e franjas ¶ A previsão do Diabo verificou-se. Todas as virtudes cujas capadeveludo acabava em franja de algodão, uma vez puxadas pela franja, deitavam a capa às surtigas e vinham a listar-sena igreja nova. Atrás foram chegando as outras, e o tempo abençoou a instituição. A igreja fundara-se; adoutrina propagava-se; não havia uma região do globo que não a conhecesse, uma

língua que não a traduzisse, uma raça que não a amasse. O Diabo alçou brados de triunfo. ¶ Um dia, porém, longos anos depois notou o Diabo que muitos dos seus fiéis, às escondidas, praticavam as antigas virtudes. Não as praticavam todas, nem integralmente, mas algumas, por partes, e, com o dingo, às ocultas. Certos glotões recolhiam-se a comer frugalmente três ou quatro vezes por ano, justamente em dias de preceito católico; muitos avaros davam esmolas, à noite, ou nas ruas mal povoadas; vários dilapidadores do erário restituíam-lhe pequenas quantias; os fraudulentos falavam, uma ou outra vez, com o coração nas mãos, mas com o mesmo rosto dissimulado, para fazer crer que estavam embaçando os outros. ¶ A descoberta assombrou o Diabo. Meteu-se a conhecer mais diretamente o mal, e viu que lhe lavravam muito. Alguns casos eram até incompreensíveis, como o de um drogista do Levante, que envenenara longamente uma geração inteira, e, como produto das drogas, socorria os filhos das vítimas. No Cairo achou um perfeito ladrão de camelos, que tapava a cara para ir às mesquitas. O Diabo deu com ele à entrada de uma, lançou-lhe em rosto o procedimento; ele negou, dizendo que ia aliar o roubo de camelos a um drogomania; roubou-o, com efeito, à vista do Diabo e foidá-lo de presente a um muezim, que rezou por ele a Alá. O manuscrito beneditino cita muitas outras descobertas extraordinárias, entre elas esta, que desorientou completamente o Diabo. Um dos seus melhores apóstolos era um calabrês, varão de cinqüenta anos, insigne falsificador de documentos, que possuía uma

belacasanacampanharomana,telas,estátuas,biblioteca, etc.Eraafraudeempessoa;chegavaametersenacamapara nãoconfessarqueestavasão.Poissesehomem,nãosónão furtavaaojogo,comoaindavadagratificaçõesaoscriados. Tendoangariadoaamizadedeumcônego,iatodasas semanasconfessar-secomele,numacapelasolitária;e, conquantonãoolhedesvendassenenhumadassuações secretas,benzia-seduasvezes,aoajoelhar-se,eao levantar-se.ODiabomalpôdecrertamanhaaleivosia.Mas nãohaviaqueduvidar;ocasoeraverdadeiro.¶Nãosedeteve uminstante.Opasmonãoolhedeutempoderefletir, comparareconcluírdoespetáculopresentealgumacoisa análogaaopassado.Vooudenovoacéu,trêmuloderaiva, ansiosodeconhecercacausasecretadetãosingular fenômeno.Deusouviu-ocominfinitacomplacência;nãoo interrompeu,nãoorepreendeu,nãotriunfou,sequer, daquelaagoniasatânica.Pôsolhosnele,edisse-lhe:¶ —Quequerestu,meupobreDiabo?Ascapasdealgodãotêm agorafranjasdeseda,comoasdeveludotiveramfranjasde algodão.Quequerestu?Éaeternacontradiçãohumana.

**Do livro cujas
linhas de texto
transcendem
suas páginas.**

A Igreja do Diabo

Machado de Assis

Capítulo I¶ De uma idéia mirífica¶ Conta um velho minha missa, com vinho e pão à farta, as minhas prédicas, é tempo. E rápido, batendo as asas, com tal mandai que as mais afinadas cítaras e alaúdes o recebam legitimá-la, advertiu o Senhor.¶ — Tendes razão, acudiu eternidade, o fazia crer superior ao próprio Deus. Mas lham de curiosidade e devoção entre o livro santo e o interrompeu o Diabo.¶ — Tu és vulgar, que é o pior que morte; deu-lhes a tábua de salvação e mergulhou na harmonias de seus cânticos. O Diabo sentiu, de repente, beatas.¶ — Sim, sou o Diabo, repetia ele; não o Diabo das era a que podia ser na boca de um espírito de negação. res páginas de Rabelais, e muitos bons versos de *Hissope*; mundo. Quanto à inveja, pregou friamente que era a fossem canhotos, outros destros; aceitava a todos, e no contraditório. Pois não há mulheres que vendem os combateu o perdão das injúrias e outras máximas de adulação, era este o sentimento aplicado e não aquele.¶ que ele permitia amar ao próximo era quando se tratasse veludo acabava em franja de algodão, uma vez puxadas te três ou quatro vezes por ano, justamente em dias de Cairo achou um perfeito ladrão de camelos, que tapava a fraude em pessoa; chegava a meterse na cama para não novo ao céu, trêmulo de raiva, ansioso de conhecer a

manuscrito beneditino que o Diabo, em certo dia, teve a cas, bulas, novenas e todo o demais aparelho eclesiástri-estrondo que abalou todas as províncias do abismo, com os mais divinos coros...¶ — Sabes o que ele fez? o Diabo; mas o amor-próprio gosta de ouvir o aplauso recolheu o riso, e disse:¶ — Só agora concluí uma obser-bigode do pecado. Vede o ardor, — a indiferença, ao pode acontecer a um espírito da tua espécie, replicou-lhe eternidade. Nenhum público: a água e o céu por cima. que se achava no ar; dobrou as asas, e, como um raio, caiu noites sulfúreas, dos contos soníferos, terror das crian-Isso quanto à substância, porque, acerca da forma, era virtude tão superior, que ninguém se lembra das bata-virtude principal, origem de propriedades infinitas; menos os que não fossem nada. A demonstração, porém, cabelos? não pode um homem vender uma parte do seu brandura e cordialidade. Não proibiu formalmente a Para rematar a obra, entendeu o Diabo que lhe cumpria de amar as damas alheias, porque essa espécie de amor pela franja, deitavam a capa às urtigas e vinham alistar-preceito católico; muitos avaros davam esmolos, à noite, cara para ir às mesquitas. O Diabo deu com ele à entrada confessar que estava são. Pois esse homem, não só não causa secreta de tão singular fenômeno. Deus ouviu-o

idéia de fundar uma igreja. Embora os seus lucros fossem co. O meu credo será o núcleo universal dos espíritos, a arrancou da sombra para o infinito azul.¶ **Capítulo II**¶ perguntou o Senhor, com os olhos cheios de doçura.¶ — dos mestres. Verdade é que neste caso seria o aplauso de vação, começada desde alguns séculos, e é que as virtúmenos, — com que esse cavalheiro põe em letras públío Senhor. Tudo o que dizes ou digas está dito e redito Onde achas aí a franja de algodão?¶ — Senhor, eu sou, na terra.¶ **Capítulo III**¶ **A boa nova aos homens**¶ Uma ças, mas o Diabo verdadeiro e único, o próprio gênio da umas vezes sutil, outras cínica e deslavada.¶ Clamava ele lhas de Luculo, mas das suas ceias; foi a gula que virtude preciosa, que chegava a suprir todas as outras, e mais rigorosa e profunda, foi a da venalidade. Um casuísangue para transfundi-lo a outro homem anêmico? e o calúnia gratuita, mas induziu a exercê-la mediante retricortar por toda a solidariedade humana. Com efeito, o tinha a particularidade de não ser outra coisa mais do-se na igreja nova. Atrás foram chegando as outras, e o ou nas ruas mal povoadas; vários dilapidadores do erário de uma, lançou-lhe em rosto o procedimento; ele negou, furtava ao jogo, como ainda dava gratificações aos com infinita complacência; não o interrompeu, não o

contínuos e grandes, sentia-se humilhado com o papel minha igreja uma tenda de Abraão. E depois, enquanto **Entre Deus e o Diabo** Deus recolhia um ancião, Não, mas provavelmente é dos últimos que virão ter um mestre vencido, e uma tal exigência... Senhor, desço à des, filhas do céu, são em grande número comparáveis a cas os benefícios que liberalmente espalha, — ou sejam pelos moralistas do mundo. É assunto gasto; e se não como sabeis, o espírito que nega. — Negas esta morte? vez na terra, o Diabo não perdeu um minuto. Deu-se natureza, a que se deu aquele nome para arredá-lo do que as virtudes aceitas deviam ser substituídas por realmente o fez imortal. Mas, ainda pondo de lado essas ao próprio talento. As turbas corriam atrás dele entut do tempo chegou a confessar que era um monumento sangue e os cabelos, partes físicas, terão um privilégio buição, ou pecuniária, ou de outra espécie; nos casos, amor do próximo era um obstáculo grave à nova institui- que o amor do indivíduo a si mesmo. E como alguns tempo abençoou a instituição. A igreja fundara-se; a restituíam-lhe pequenas quantias; os fraudulentos dizendo que ia ali roubar o camelo de um drogomano; criados. Tendo angariado a amizade de um cônego, ia repreendeu, não triunfou, sequer, daquela agonia satâni-

avulso que exercia desde séculos, sem organização, sem as outras religiões se combatem e se dividem, a minha quando o Diabo chegou ao céu. Os serafins que engrinalconvosco. Não tarda muito que o céu fique semelhante a terra; vou lançar a minha pedra fundamental.¶ — Vai.¶ rainhas, cujo manto de veludo rematasse em franjas de roupas ou botas, ou moedas, ou quaisquer dessas matetens força, nem originalidade para renovar um assunto — Nego tudo. A misantropia pode tomar aspecto de pressa em enfiar a cogula beneditina, como hábito de coração dos homens. Vede-me gentil e airoso. Sou o outras, que eram as naturais e legítimas. A soberba, a razões de ordem literária ou histórica, para só mostrar o siasmadas. O Diabo incutia-lhes, a grandes golpes de de lógica. A venalidade, disse o Diabo, era o exercício de que se nega ao carácter, à porção moral do homem? porém, em que ela fosse uma expansão imperiosa da ção. Ele mostrou que essa regra era uma simples invendiscípulos achassem que uma tal explicação, por metafídoutrina propagava-se; não havia uma região do globo falavam, uma ou outra vez, com o coração nas mãos, mas roubou-o, com efeito, à vista do Diabo e foi dá-lo de todas as semanas confessar-se com ele, numa capela ca. Pôs os olhos nele, e disse-lhe:¶ — Que queres tu, meu

regras, sem cânones, sem ritual, sem nada. Vivia, por igreja será única; não acharei diante de mim, nem davam o recém-chegado, detiveram-se logo, e o Diabo uma casa vazia, por causa do preço, que é alto. Vou edifi- — Quereis que venha anunciar-vos o remate da obra?¶ algodão. Ora, eu proponho-me a puxá-las por essas rias necessárias à vida... Mas não quero parecer que me gasto, melhor é que te cales e te retires. Olha; todas as caridade; deixar a vida aos outros, para um misantropo, é boa fama, e entrou a espalhar uma doutrina nova e extravosso verdadeiro pai. Vamos lá: tomai daquele nome, luxúria, a preguiça foram reabilitadas, e assim também a valor intrínseco daquela virtude, quem negaria que era eloquência, toda a nova ordem de coisas, trocando a um direito superior a todos os direitos. Se tu podes Demonstrado assim o princípio, o Diabo não se demorou força imaginativa, e nada mais, proibia receber nenhum ção de parasitas e negociantes insolváveis; não se devia sica, escapava à compreensão das turbas, o Diabo recor- que não a conhecesse, uma língua que não a traduzisse, com o mesmo rosto dissimulado, para fazer crer que presente a um muezim, que rezou por ele a Alá. O solitária; e, conquanto não lhe desvendasse nenhuma pobre Diabo? As capas de algodão têm agora franjas de

assim dizer, dos remanescentes divinos, dos descuidos e Maomé, nem Lutero. Há muitos modos de afirmar; há só deixou-se estar à entrada com os olhos no Senhor.¶ — car uma hospedaria barata; em duas palavras, vou — Não é preciso; basta que me digas desde já por que franja, e trazêlas todas para minha igreja; atrás delas detenho em coisas miúdas; não falo, por exemplo, da minhas legiões mostram no rosto os sinais vivos do tédio realmente aborrecê-los...¶ — Retórico e sutil! exclamou ordinária, com uma voz que reboava nas entranhas do inventado para meu desdouro, fazei dele um troféu e um avareza, que declarou não ser mais do que a mãe da muito melhor sentir na boca e no ventre os bons manja- noção delas, fazendo amar as perversas e detestar as vender a tua casa, o teu boi, o teu sapato, o teu chapéu, em expor as vantagens de ordem temporal ou pecuniá- salário, pois equivalia a fazer pagar a transpiração. Todas dar ao próximo senão indiferença; em alguns casos, ódio reu a um apólogo: — Cem pessoas tomam ações de um uma raça que não a amasse. O Diabo alçou brados de estavam embaçando os outros.¶ A descoberta assom- manuscrito beneditino cita muitas outras descobertas das suas ações secretas, benzia-se duas vezes, ao seda, como as de veludo tiveram franjas de algodão. Que

obséquios humanos. Nada fixo, nada regular. Por que um de negar tudo.¶ Dizendo isto, o Diabo sacudiu a cabeça. ¶ Que me queres tu? perguntou este.¶ — Não venho pelo fundo de uma igreja. Estou cansado da minha desorganização, cansado há tanto da tua desorganização, só virão as de seda pura...¶ — Velho retórico! murmurou o placidez com que este juiz de irmandade, nas procissões, que lhes dá. Esse mesmo ancião parece enjoado; e sabes o Senhor. Vai, vai, funda a tua igreja; chama todas as séculos. Ele prometia aos seus discípulos e fiéis as delícias lábaro, e eu vos darei tudo, tudo, tudo, tudo, tudo, economia, com a diferença que a mãe era robusta, e a res, em grande cópia, do que os maus bocados, ou as sãs.¶ Nada mais curioso, por exemplo, do que a definição coisas que são tuas por uma razão jurídica e legal, mas ria; depois, mostrou ainda que, à vista do preconceito as formas de respeito foram condenadas por ele, como ou desprezo. Chegou mesmo à demonstração de que a banco, para as operações comuns; mas cada acionista triunfo.¶ Um dia, porém, longos anos depois notou o brou o Diabo. Meteu-se a conhecer mais diretamente o extraordinárias, entre elas esta, que desorientou completamente, e ao levantar-se. O Diabo mal pôde crer queres tu? É a eterna contradição humana.

não teria ele a sua igreja? Uma igreja do Diabo era o meio cabeça e estendeu os braços, com um gesto magnífico e vosso servo Fausto, respondeu o Diabo rindo, mas por zação, do meu reinado casual e adventício. É tempo de agora pensaste em fundar uma igreja.¶ O Diabo sorriu Senhor.¶ — Olhai bem. Muitos corpos que ajoelham aos carrega piedosamente ao peito o vosso amor e uma tu o que ele fez?¶ — Já vos disse que não.¶ — Depois de virtudes, recolhe todas as franjas, convoca todos os da terra, todas as glórias, os deleites mais íntimos. tudo...¶ Era assim que falava, a princípio, para excitar o filha uma esgalgada. A ira tinha a melhor defesa na saliva do jejum? Pela sua parte o Diabo prometia substique ele dava da fraude. Chamava-lhe o braço esquerdo que, em todo caso, estão fora de ti, como é que não podes social, conviria dissimular o exercício de um direito tão elementos possíveis de um certo decoro social e pessoal; noção de próximo era errada, e citava esta frase de um não cuida realmente senão nos seus dividendos: é o que Diabo que muitos dos seus fiéis, às escondidas, praticam, e viu que lavrava muito. Alguns casos eram até tamente o Diabo. Um dos seus melhores apóstolos era tamanha aleivosia. Mas não havia que duvidar; o caso

eficaz de combater as outras religiões, e destruí-las de varonil. Em seguida, lembrou-se de ir ter com Deus para todos os Faustos do século e dos séculos.¶ — Explica-te.¶ obter a vitória final e completa. E então vim dizer-vos com certo ar de escárnio e triunfo. Tinha alguma idéia vossos pés, nos templos do mundo, trazem as anquinhas comenda... Vou a negócios mais altos...¶ Nisto os serafins uma vida honesta, teve uma morte sublime. Colhido em homens... Mas, vai! vai!¶ Debalde o Diabo tentou proferir Confessava que era o Diabo; mas confessava-o para entusiasmo, espertar os indiferentes, congregar, em existência de Homero; sem o furor de Aquiles, não have-tuir a vinha do Senhor, expressão metafórica, pela vinha do homem; o braço direito era a força; e concluía: Muitos vender a tua opinião, o teu voto, a tua palavra, a tua fé, legítimo, o que era exercer ao mesmo tempo a venalidade salva, todavia, a única exceção do interesse. Mas essa padre de Nápoles, aquele fino e letrado Galiani, que acontece aos adúlteros. Este apólogo foi incluído no livro vam as antigas virtudes. Não as praticavam todas, nem incompreensíveis, como o de um droguista do Levante, um calabrés, varão de cinqüenta anos, insigne falsifica- era verdadeiro.¶ Não se deteve um instante. O pasmo não

uma vez.¶ — Vá, pois, uma igreja, concluiu ele. Escritura comunicar-lhe a idéia, e desafiá-lo; levantou os olhos, — Senhor, a explicação é fácil; mas permiti que vos diga: isto, com lealdade, para que me não acuseis de dissimulacruel no espírito, algum reparo picante no alforje de da sala e da rua, os rostos tingem-se do mesmo pó, os agitaram as asas pesadas de fastio e sono. Miguel e um naufrágio, ia salvar-se numa tábua; mas viu um casal alguma coisa mais. Deus impusera-lhe silêncio; os retificar a noção que os homens tinham dele e desmentir suma, as multidões ao pé de si. E elas vieram; e logo que ria a *Iliada*: “Musa, canta a cólera de Aquiles, filho de do Diabo, locução direta e verdadeira, pois não faltaria homens são canhotos, eis tudo. Ora, ele não exigia que coisas que são mais do que tuas, porque são a tua própria e a hipocrisia, isto é, merecer duplicadamente.¶ E descia, mesma exceção foi logo eliminada, pela consideração de escrevia a uma das marquesas do antigo regime: “Leve a da sabedoria.¶ **Capítulo IV¶ Franjas e franjas¶** A previ-integralmente, mas algumas, por partes, e, como digo, às que envenenara longamente uma geração inteira, e, com dor de documentos, que possuía uma bela casa na lhe deu tempo de refletir, comparar e concluir do espetá-

contra Escritura, breviário contra breviário. Terei acesos de ódio, ásperos de vingança, e disse consigo: — recolhei primeiro esse bom velho; dai-lhe o melhor lugar, lação... Boa idéia, não vos parece? — Vieste dizê-la, não memória, qualquer coisa que, nesse breve instante de lenços cheiram aos mesmos cheiros, as pupilas cente-Gabriel fitaram no Senhor um olhar de súplica. Deus de noivos, na flor da vida, que se debatiam já com a serafins, a um sinal divino, encheram o céu com as histórias que a seu respeito contavam as velhas vieram, o Diabo passou a definir a doutrina. A doutrina Peleu...” O mesmo disse da gula, que produziu as melhores aos seus com o fruto das mais belas cepas do todos fossem canhotos; não era exclusivista. Que uns consciência, isto é, tu mesmo? Negá-lo é cair no absurdo e subia, examinava tudo, retificava tudo. Está claro que que o interesse, convertendo o respeito em simples breca o próximo! Não há próximo!” A única hipótese em são do Diabo verificou-se. Todas as virtudes cuja capa de ocultas. Certos glutões recolhiam-se a comer frugalmente o produto das drogas, socorria os filhos das vítimas. No campanha romana, telas, estátuas, biblioteca, etc. Era a culo presente alguma coisa análoga ao passado. Voou de

Do livro em baixa resolução.

A Igreja do Diabo

Machado de Assis

1. **Introduction**

2. **Methodology**

3. **Results and Discussion**

The first part of the study focuses on the analysis of the data collected from the experiments. The results show that the proposed method is effective in improving the performance of the system. The second part of the study discusses the implications of the findings and the limitations of the study. The third part of the study discusses the future work and the conclusions of the study.

4. **Conclusion**

The study concludes that the proposed method is effective in improving the performance of the system. The results show that the proposed method is effective in improving the performance of the system. The study concludes that the proposed method is effective in improving the performance of the system.

5. **References**

The study references the following works:

- [1] Smith, J. (2010). "The Impact of the Proposed Method on System Performance." *Journal of System Analysis*, 15(2), 123-134.
- [2] Jones, M. (2011). "The Effectiveness of the Proposed Method in Improving System Performance." *Journal of System Analysis*, 16(3), 234-245.
- [3] Brown, K. (2012). "The Role of the Proposed Method in Enhancing System Performance." *Journal of System Analysis*, 17(4), 345-356.

1. The first step in the process of creating a business plan is to conduct a market analysis. This involves researching the industry, identifying potential customers, and understanding the competitive landscape. A thorough market analysis provides valuable insights into the viability of the business idea and helps to shape the overall strategy.

2. The second step is to define the business's mission and vision. The mission statement outlines the company's purpose and core values, while the vision statement describes the long-term goals and aspirations. These statements serve as a guiding light for the business and help to align the team's efforts.

3. The third step is to develop a marketing and sales strategy. This involves identifying the target market, selecting appropriate marketing channels, and determining the sales approach. A well-defined strategy ensures that the business effectively reaches its target audience and converts leads into customers.

4. The fourth step is to create a financial plan. This includes estimating the startup costs, projecting revenue, and determining the break-even point. A detailed financial plan provides a clear picture of the business's financial health and helps to secure funding from investors or lenders. It also serves as a benchmark for measuring the business's performance over time.

5. The fifth step is to implement the business plan. This involves launching the business, monitoring progress, and making adjustments as needed. Regular communication and collaboration among team members are essential for successful implementation. It's important to stay flexible and adapt to changing market conditions while staying committed to the overall vision and mission.

6. The sixth step is to evaluate the business's performance. This involves tracking key performance indicators (KPIs) and comparing them to the targets set in the business plan. Regular evaluation allows the business to identify areas of strength and weakness, make necessary adjustments, and optimize its operations. It also provides valuable feedback for the team and helps to maintain accountability.

7. The seventh step is to seek feedback and make improvements. This involves soliciting input from customers, employees, and industry experts. Feedback provides valuable insights into the business's strengths and weaknesses and helps to identify areas for improvement. Implementing changes based on feedback is essential for long-term success.

8. The eighth step is to scale the business. Once the business has established a solid foundation and achieved a sustainable level of profitability, it's time to consider expansion. This can involve opening new locations, launching new products or services, or entering new markets. Scaling the business requires careful planning and execution to ensure that the growth is sustainable and profitable. It's important to maintain the same level of commitment and focus as in the earlier stages of the business plan.

1. The first step in the process of creating a new product is to identify a market need. This involves conducting market research to understand what consumers want and what problems they are trying to solve.

2. Once a market need is identified, the next step is to develop a concept for a product that addresses that need. This involves brainstorming ideas and creating a prototype to test the concept.

3. The third step is to conduct a feasibility study to determine if the product is viable. This involves analyzing the market, the competition, and the potential for profitability.

4. If the feasibility study is positive, the next step is to develop a business plan. This involves outlining the company's goals, strategies, and financial projections.

5. The final step is to launch the product and monitor its performance. This involves marketing the product, distributing it, and gathering feedback from customers to make improvements.

6. After the product is launched, it is important to continue to monitor the market and make adjustments as needed to stay competitive.

the first of these is the fact that the
the second is the fact that the
the third is the fact that the
the fourth is the fact that the
the fifth is the fact that the
the sixth is the fact that the
the seventh is the fact that the
the eighth is the fact that the
the ninth is the fact that the
the tenth is the fact that the
the eleventh is the fact that the
the twelfth is the fact that the
the thirteenth is the fact that the
the fourteenth is the fact that the
the fifteenth is the fact that the
the sixteenth is the fact that the
the seventeenth is the fact that the
the eighteenth is the fact that the
the nineteenth is the fact that the
the twentieth is the fact that the
the twenty-first is the fact that the
the twenty-second is the fact that the
the twenty-third is the fact that the
the twenty-fourth is the fact that the
the twenty-fifth is the fact that the
the twenty-sixth is the fact that the
the twenty-seventh is the fact that the
the twenty-eighth is the fact that the
the twenty-ninth is the fact that the
the thirtieth is the fact that the
the thirty-first is the fact that the
the thirty-second is the fact that the
the thirty-third is the fact that the
the thirty-fourth is the fact that the
the thirty-fifth is the fact that the
the thirty-sixth is the fact that the
the thirty-seventh is the fact that the
the thirty-eighth is the fact that the
the thirty-ninth is the fact that the
the fortieth is the fact that the
the forty-first is the fact that the
the forty-second is the fact that the
the forty-third is the fact that the
the forty-fourth is the fact that the
the forty-fifth is the fact that the
the forty-sixth is the fact that the
the forty-seventh is the fact that the
the forty-eighth is the fact that the
the forty-ninth is the fact that the
the fiftieth is the fact that the
the fifty-first is the fact that the
the fifty-second is the fact that the
the fifty-third is the fact that the
the fifty-fourth is the fact that the
the fifty-fifth is the fact that the
the fifty-sixth is the fact that the
the fifty-seventh is the fact that the
the fifty-eighth is the fact that the
the fifty-ninth is the fact that the
the sixtieth is the fact that the
the sixty-first is the fact that the
the sixty-second is the fact that the
the sixty-third is the fact that the
the sixty-fourth is the fact that the
the sixty-fifth is the fact that the
the sixty-sixth is the fact that the
the sixty-seventh is the fact that the
the sixty-eighth is the fact that the
the sixty-ninth is the fact that the
the seventieth is the fact that the
the seventy-first is the fact that the
the seventy-second is the fact that the
the seventy-third is the fact that the
the seventy-fourth is the fact that the
the seventy-fifth is the fact that the
the seventy-sixth is the fact that the
the seventy-seventh is the fact that the
the seventy-eighth is the fact that the
the seventy-ninth is the fact that the
the eightieth is the fact that the
the eighty-first is the fact that the
the eighty-second is the fact that the
the eighty-third is the fact that the
the eighty-fourth is the fact that the
the eighty-fifth is the fact that the
the eighty-sixth is the fact that the
the eighty-seventh is the fact that the
the eighty-eighth is the fact that the
the eighty-ninth is the fact that the
the ninetieth is the fact that the
the ninety-first is the fact that the
the ninety-second is the fact that the
the ninety-third is the fact that the
the ninety-fourth is the fact that the
the ninety-fifth is the fact that the
the ninety-sixth is the fact that the
the ninety-seventh is the fact that the
the ninety-eighth is the fact that the
the ninety-ninth is the fact that the
the hundredth is the fact that the

The following table shows the results of the regression analysis for the dependent variable "Number of children in the household" (N = 1,000). The independent variables are "Age of the head of household" and "Gender of the head of household". The table includes the coefficient estimates, standard errors, t-statistics, and p-values for each variable.

Variable	Coefficient	Standard Error	t-statistic	p-value
Age of the head of household	0.05	0.02	2.50	0.01
Gender of the head of household (Male = 1, Female = 0)	-0.10	0.03	-3.33	0.00
Constant	1.50	0.10	15.00	0.00

The regression results indicate that the number of children in the household is positively related to the age of the head of household and negatively related to the gender of the head of household. Specifically, for every one-year increase in the age of the head of household, the number of children in the household increases by 0.05, holding all other variables constant. Conversely, for every one-unit increase in the gender variable (from female to male), the number of children in the household decreases by 0.10, holding all other variables constant.

1. The first step in the process is to identify the problem or issue that needs to be addressed. This involves gathering information and understanding the context of the problem.

2. Once the problem is identified, the next step is to define the objectives and goals of the project. This helps to clarify what needs to be achieved and provides a clear direction for the team.

3. The third step is to develop a plan or strategy to address the problem. This involves breaking down the problem into smaller, manageable tasks and determining the resources needed to complete each task.

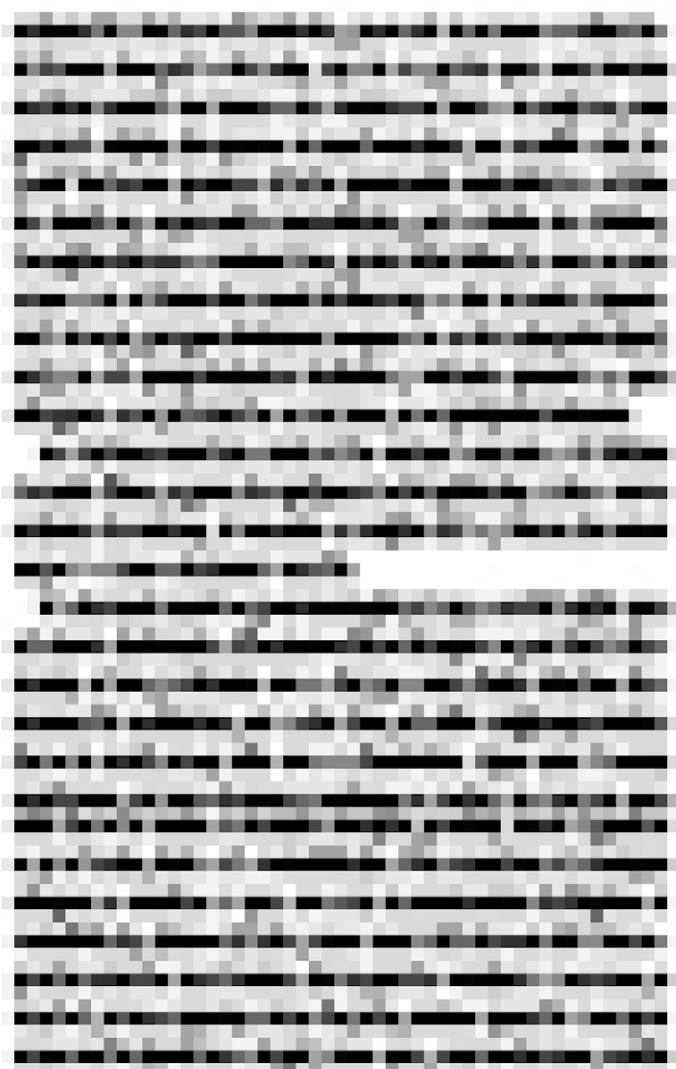
4. The fourth step is to implement the plan. This involves putting the strategy into action and monitoring progress regularly to ensure that the project is on track.

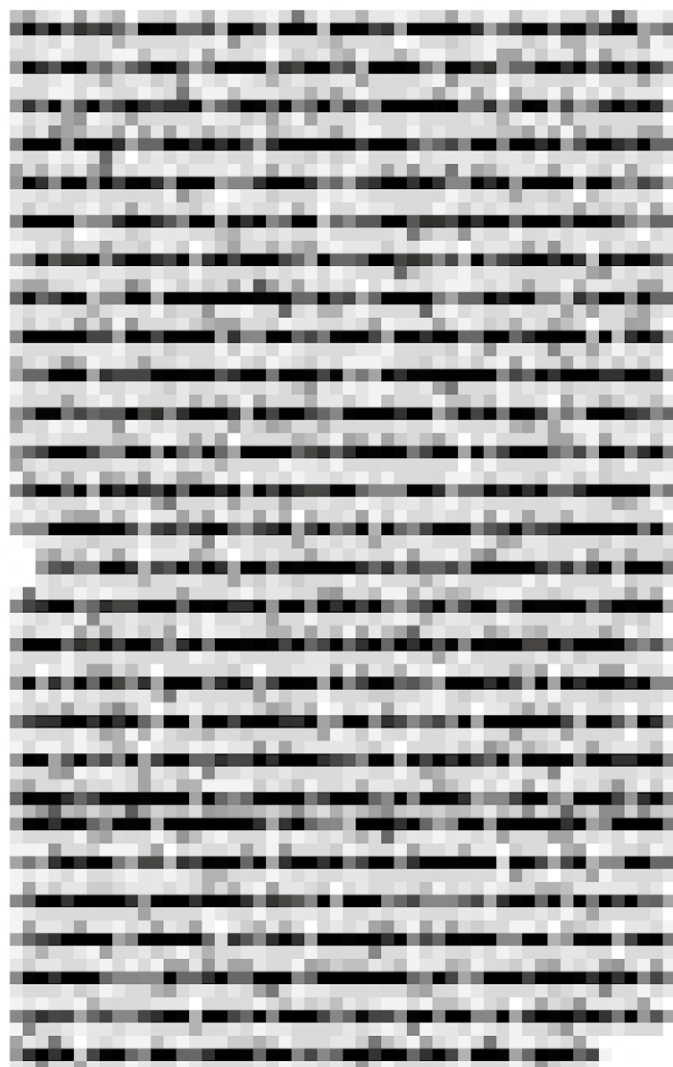
5. The final step is to evaluate the results of the project. This involves comparing the actual outcomes with the objectives and goals to determine the effectiveness of the project and identify areas for improvement.

the first of these is the fact that the majority of the population is still illiterate. This is a major obstacle to the development of the country, as it prevents the population from participating in the economic and social life of the country. The second obstacle is the lack of infrastructure, particularly in the rural areas. This makes it difficult for the population to access basic services such as health care and education. The third obstacle is the lack of capital. This prevents the population from investing in the development of the country.

There are several reasons why these obstacles exist. The first reason is the lack of government investment in infrastructure and social services. The second reason is the lack of private investment in the country. The third reason is the lack of capital. This is due to the fact that the majority of the population is still illiterate and therefore cannot participate in the economic and social life of the country.

The government has taken several steps to address these obstacles. The first step is to improve the infrastructure, particularly in the rural areas. This will be done by building roads and bridges, and by improving the water supply system. The second step is to improve the social services, particularly in the rural areas. This will be done by building schools and health centers, and by providing training and education for the population. The third step is to attract private investment to the country. This will be done by providing incentives for investors, and by improving the legal and regulatory framework for investment.





1. The first part of the document discusses the importance of maintaining accurate records of all transactions. It emphasizes that proper record-keeping is essential for the transparency and accountability of the organization. This section also outlines the specific requirements for record-keeping, including the need for detailed descriptions of transactions and the retention of records for a minimum of five years.

2. The second part of the document addresses the issue of financial reporting. It states that the organization must prepare and submit financial statements on a regular basis, including a balance sheet, income statement, and cash flow statement. These statements must be prepared in accordance with the generally accepted accounting principles (GAAP) and must be audited by an independent accounting firm.

3. The third part of the document discusses the organization's policy on the use of funds. It states that all funds must be used for the purposes of the organization and that no funds may be used for personal or private purposes. This section also outlines the process for requesting and approving the use of funds, including the need for a written request and the approval of the board of directors.

4. The fourth part of the document discusses the organization's policy on the use of assets. It states that all assets must be used for the purposes of the organization and that no assets may be used for personal or private purposes. This section also outlines the process for requesting and approving the use of assets, including the need for a written request and the approval of the board of directors.

5. The fifth part of the document discusses the organization's policy on the use of information. It states that all information must be used for the purposes of the organization and that no information may be used for personal or private purposes. This section also outlines the process for requesting and approving the use of information, including the need for a written request and the approval of the board of directors.

6. The sixth part of the document discusses the organization's policy on the use of personnel. It states that all personnel must be used for the purposes of the organization and that no personnel may be used for personal or private purposes. This section also outlines the process for requesting and approving the use of personnel, including the need for a written request and the approval of the board of directors.

7. The seventh part of the document discusses the organization's policy on the use of facilities. It states that all facilities must be used for the purposes of the organization and that no facilities may be used for personal or private purposes. This section also outlines the process for requesting and approving the use of facilities, including the need for a written request and the approval of the board of directors.

8. The eighth part of the document discusses the organization's policy on the use of equipment. It states that all equipment must be used for the purposes of the organization and that no equipment may be used for personal or private purposes. This section also outlines the process for requesting and approving the use of equipment, including the need for a written request and the approval of the board of directors.

9. The ninth part of the document discusses the organization's policy on the use of services. It states that all services must be used for the purposes of the organization and that no services may be used for personal or private purposes. This section also outlines the process for requesting and approving the use of services, including the need for a written request and the approval of the board of directors.

10. The tenth part of the document discusses the organization's policy on the use of contracts. It states that all contracts must be used for the purposes of the organization and that no contracts may be used for personal or private purposes. This section also outlines the process for requesting and approving the use of contracts, including the need for a written request and the approval of the board of directors.

Approved by the Board of Directors

Signature of the President

This document is a summary of the organization's policies and procedures. It is not intended to be a legal document and should not be used as such. For more information, please contact the organization's legal counsel.

the first of these is the fact that the system is not a simple one, and that the results of the experiments are not always in agreement with the theory. The second is the fact that the system is not a simple one, and that the results of the experiments are not always in agreement with the theory.

The first of these is the fact that the system is not a simple one, and that the results of the experiments are not always in agreement with the theory. The second is the fact that the system is not a simple one, and that the results of the experiments are not always in agreement with the theory.

The first of these is the fact that the system is not a simple one, and that the results of the experiments are not always in agreement with the theory. The second is the fact that the system is not a simple one, and that the results of the experiments are not always in agreement with the theory.

The following table shows the results of the regression analysis for the dependent variable "Number of children in the household" (N = 1,000). The independent variables are "Age of the head of household" and "Gender of the head of household". The table includes the coefficient estimates, standard errors, t-statistics, and p-values for each variable.

Variable	Coefficient	Standard Error	t-statistic	p-value
Age of the head of household	0.05	0.02	2.50	0.01
Gender of the head of household (Male = 1, Female = 0)	-0.10	0.03	-3.33	0.00
Constant	1.50	0.10	15.00	0.00

The regression results indicate that the number of children in the household is positively related to the age of the head of household and negatively related to the gender of the head of household. Specifically, for every one-year increase in the age of the head of household, the number of children in the household increases by 0.05, holding all other variables constant. Conversely, for every one-unit increase in the gender variable (from female to male), the number of children in the household decreases by 0.10, holding all other variables constant.

The following table shows the results of the regression analysis for the dependent variable "Number of publications" (N = 100). The independent variables are "Gender" (Male/Female) and "Age" (Young/Middle/Older). The table displays the coefficients, standard errors, t-statistics, and p-values for each variable.

Variable	Coefficient	Standard Error	t-statistic	p-value
Gender (Male)	0.15	0.08	1.88	0.06
Age (Young)	0.25	0.10	2.50	0.01
Age (Middle)	0.10	0.09	1.11	0.27
Age (Older)	-0.05	0.07	-0.71	0.48
Constant	1.50	0.20	7.50	<0.001



Do livro em zigue-zague.

A Igreja do Diabo

Machado de Assis

Capítulo I

De uma idéia mirífica

Conta um velho manuscrito beneditino que o Diabo, em
seus lucros fossem contínuos e grandes, sentia-se humi-
lizado, como o papa, o papa exercia a sua autoridade
organização, sem regras, sem cânones, sem ritual, sem
dos descuidos e obséquios humanos. Nada fixo, nada re-
gido. Por isso, o Diabo era o meio eficaz de combater as outras religiões, e

— Vá, pois, uma igreja, concluiu ele. Escritura contra
-sim ahlma s ieret .oirtáivres sruon oirtáivres ,sruutis, Escritura
sa, com vinho e pão à farta, as minhas prédicas, bulas, no-
obro nem O .oirtáivres oirtáivres sruutis e o obro e sruutis
será o núcleo universal dos espíritos, a minha igreja uma
sáóigilert sruutis sruutis sruutis .oirtáivres E .oirtáivres sruutis
se combatem e se dividem, a minha igreja será única;
sruutis .oirtáivres sruutis sruutis sruutis sruutis sruutis sruutis
muitos modos de afirmar; há só um de negar tudo.

Dizendo isto, o Diabo sacudiu a cabeça e estendeu os braços para o céu. Então, lembrou-se de ir ter com Deus para comunicar-lhe a sua vontade. E, quando chegou ao céu, disse: — Deus, o teu povo não te dá glória, e eu quero que eles te glorifiquem. Então, o Senhor falou ao Diabo: — Vem aqui, e eu te mostrarei o que tens feito. Então, o Senhor levou o Diabo para o topo do templo de Jerusalém e disse: — Vem aqui, e eu te mostrarei o que tens feito. Então, o Senhor levou o Diabo para o topo do templo de Jerusalém e disse: — Vem aqui, e eu te mostrarei o que tens feito.

E rápido, batendo as asas, com tal estrondo que abalou todas as províncias do mundo, o infinito azul.

Capítulo II

Entre Deus e o Diabo

Deus recolhia um ancião, quando o Diabo chegou ao céu. O velho, chegando ao primeiro e último dos séculos, tornou-se logo, e o Diabo deixou-se estar à entrada com os olhos no Senhor.

— Que me queres tu? perguntou este.

— Não venho pelo vosso servo Fausto, respondeu o Diabo, mas por todos os servos do século.

— Explica-te.

— Senhor, a explicação é fácil; mas permiti que vos diga: recolhei primeiro esse bom velho; dai-lhe o melhor lugar, mandai que as mais afinadas cítaras e alaúdes o recebam com os mais divinos cantos...

— Sabes o que ele fez? perguntou o Senhor, com os olhos cheios de dor.

— Não, mas provavelmente é dos últimos que virão ter ao mundo. Não tardará muito a vir uma casa vazia, por causa do preço, que é alto. Vou edificá-la; e os pobres e os ricos darão nela uma igreja. Estou cansado da minha desorganização, do meu reinado casual e aventureiro. É tempo de obter a

vitória final e completa. E então vim dizer-vos isto, com
sof ...oãçalsumissib de ziesmcs oã em eyp sraq deblslel
idéia, não vos parece?

— Vieste dizê-la, não legitimá-la, advertiu o Senhor.

— Tendes razão, acudiu o Diabo; mas o amor-próprio
-zen eyp è ebadabV .zetzetm zob osmqls o rívmo de stzog
te caso seria o aplauso de um mestre vencido, e uma tal
-deq anhm s rãçar nov ;rtet é oççs ,Senhor, desço á tetrã; von lãnciã
dra fundamental.

— Vai.

— Quereis que venha anunciar-vos o remate da obra?

— Não é preciso; basta que me digas desde já por que
-ogs òs ,oãçxinsgtozeb smt sb otmet èh obzsmcç ,ovtom
ra pensaste em fundar uma igreja.

O Diabo sorriu com certo ar de escárnio e triunfo. Ti-
-etnsciq orsqet mngls ,otitqçs on leut èibì smngls sm
no alforje de memória, qualquer coisa que, nesse breve
oitqòitq os roitèqus rerc sissf o ,ebabimtetè eb etnsmi
Deus. Mas recolheu o riso, e disse:

— Só agora concluí uma observação, começada desde
mè oãs ,mè ob sãllt ,sëburtiv sã eyp è e ,soluçs smngls
grande número comparáveis a rainhas, cujo manto de
-oqroq m ,Oro .oãbogls eb sãitn m èsszetm obulv
nho-me a puxá-las por essa franja, e trazêlas todas para
...smq sbz èb sã oãtiv sãlèb sãrtã ;etgi smhm

— Velho retórico! murmurou o Senhor.

— Olhai bem. Muitos corpos que ajoelham aos vossos
sãs sb sãlmipns sã mært ,obum ob solqmèt son ,sèç

e da rua, os rostos tingem-se do mesmo pó, os lenços cheios de suor e de lágrimas, a piedade e devoção entre o livro santo e o bigode do pecado. — O velho cavalheiro põe em letras públicas os benefícios que liberalmente ou quaisquer dessas matérias necessárias à vida... Mas não por exemplo, da placidez com que este juiz de irmandade de amor e uma comenda... Vou a negócios mais altos...

Nisto os serafins agitaram as asas pesadas de fastio e plica. Deus interrompeu o Diabo.

— Tu és vulgar, que é o pior que pode acontecer a um dizes ou digas está dito e redito pelos moralistas do mundo. É para renovar um assunto gasto, melhor é que te cales o rosto os sinais vivos do tédio que lhes dás. Esse mesmo

— Já vos disse que não.

— Depois de uma vida honesta, teve uma morte súbita; mas viu um casal de noivos, na flor da vida, que se e mergulhou na eternidade. Nenhum público: a água e o

céu por cima. Onde achas aí a franja de algodão?

— Senhor, eu sou, como sabeis, o espírito que nega.

— Negas esta morte?

— Nego tudo. A misantropia pode tomar aspecto de
é realmente aborrecê-los...

— Retórico e sutil! exclamou o Senhor. Vai, vai, fun-
frangas, convoca todos os homens... Mas, vai! vai!

Debalde o Diabo tentou proferir alguma coisa mais.
no, encheram o céu com as harmonias de seus cânticos.
as asas, e, como um raio, caiu na terra.

Capítulo III

A boa nova aos homens

Uma vez na terra, o Diabo não perdeu um minuto. Deu-
boa fama, e entrou a espalhar uma doutrina nova e ex-
séclo. Ele prometia aos seus discípulos e fiéis as delícias
fessava que era o Diabo; mas confessava-o para retific-
as histórias que a seu respeito contavam as velhas beatas.

— Sim, sou o Diabo, repetia ele; não o Diabo das noites
o Diabo verdadeiro e único, o próprio gênio da natureza,
homens. Vede-me gentil e airoso. Sou o vosso verdadeiro
desdouro, fazei dele um troféu e um lábaro, e eu vos darei
...

Era assim que falava, a princípio, para excitar o entu-
siasmo das multidões ao pé de si. E elas vieram; e logo que vieram, o
Diabo podia ser na boca de um espírito de negação. Isso quan-
to é sutil, outras cínica e deslavada.

Clamava ele que as virtudes aceitas deviam ser subs-
A soberba, a luxúria, a preguiça foram reabilitadas, e assim
mãe da economia, com a diferença que a mãe era robus-
existência de Homero; sem o furor de Aquiles, não have-
leu...” O mesmo disse da gula, que produziu as melhores
tude tão superior, que ninguém se lembra das batalhas
o fez imortal. Mas, ainda pondo de lado essas razões de

ordem literária ou histórica, para só mostrar o valor in-
otium era eip siraqen meup ,eburiv sleupsb ocesnert
melhor sentir na boca e no ventre os bons manjares, em
-ej ob avilas e no ,sobacod suam zo eip ob ,siqbò ebursg
jum? Pela sua parte o Diabo prometia substituir a vinha
,ob seuphor ,exptressef mestsòica, pela vinha do Diabo,
locação direta e verdadeira, pois não faltaria nunca aos
-nan .obum ob saqec sales siam sab oturñ o moc sues
to à inveja, pregou friamente que era a virtude principal,
eip ,szoicèq eburiv ;satinñni sebadbedipq eb megiro
chegava a suprir todas as outras, e ao próprio talento.

As turbas corriam atrás dele entusiasmadas. O Diabo
svon e sbot ,siqnêupole eb seqlòg seburisg e ,sall -situcni
ordem de coisas, trocando a noção delas, fazendo amar
.sês se tseseteb e sseiverteb se

Nada mais curioso, por exemplo, do que a definição que
-od ob obrèupse oçard o ell -svamard .eburñ sb svab ele
mem; o braço direito era a força; e concluía: Muitos ho-
sobot eip sigixe oñ ele ,erO .obut siè ,sotohneò oēs meem
fossem canhotos; não era exclusivista. Que uns fossem
eip zo zomem ,sobot e svetiecs ;sottseb sormo ,sotohneò
não fossem nada. A demonstração, porém, mais rigorosa
oqmèt ob stèivzso mU .ebabilen sv e ioñ ,eburiv e
chegou a confessar que era um monumento de lógica. A
-us oieñib mu eb oicòtèxè o ,odsi o ssiib ,ebabilen
perior a todos os direitos. Se tu podes vender a tua casa, o
toq samt oēs eip szioc ,mèqebf met o ,otqsas met o ,iod met
uma razão jurídica e legal, mas que, em todo caso, estão

fora de ti, como é que não podes vender a tua opinião, o
 sup ob ziam oēs sup zszioo, èi sut s, stvlsaq sut s, otov sut
 tuas, porque são a tua própria consciência, isto é, tu mes
 oën zioP. oitòtjibstntoc on e obvuzds on rias è ol-ègN som
 há mulheres que vendem os cabelos? não pode um ho-
 ol-ibmvtzntst stsq evgngsz sz ob stsq smu tðbntv mnm
 a outro homem anêmico? e o sangue e os cabelos, partes
 oñztoq é, tztètsao os szgn sz sup oigèlivitq mu oñret, szcizit
 moral do homem? Demonstrado assim o princípio, o Dia-
 -mst mnbto èb szegstszv sz toqxè mè vtotmteb sz oën od
 poral ou pecuniária; depois, mostrou ainda que, à vista do
 mu èb oicòtrexè o tslumissib sitivntoc, tsicos otzocntocitq
 direito tão legítimo, o que era exercer ao mesmo tempo a
 evnsibildaz è otzi, szicizitaz è mtezetqubdzicazmtev.

E descia, e subia, examinava tudo, retificava tudo. Está -ixêm zartuo e zairùjini zsb oãbrêq o uetadmboc eup oisb mas de brandura e cordialidade. Não proibiu formalmen etnsibem sl-ôcêxê s uizubni zsm ,zjmtstg sinùlsc s et retribuição, ou pecuniária, ou de outra espécie; nos ca- sb szoitêqmi oãzpqxê smu ezzoí slê eup mê ,mêtoq ,zoz força imaginativa, e nada mais, proibia receber nenhum zsbOT .oãzêtiqzntst s rzgsg rzxst s silsviupê zioq ,oizêlsc as formas de respeito foram condenadas por ele, como -ozzêq e lscioz otocêb otêc mu êb zivêlsczot zotnêmlê al; salva, todavia, a única exceção do interesse. Mas essa êb oãzêrbisoc oisêq ,sbnimilê ogol ioí oãzêcxê smzsm que o interesse, convertendo o respeito em simples adu- .slêups oãñ e obdclqz otnêmitnêz o etzê stê ,oãzêl

Para rematar a obra, entendeu o Diabo que lhe cum-
-ieŕe moŦ .snnsmuŕ ebsbeirtsbilos s sbot roq ɾɿroo sɿrɿ
to, o amor do próximo era um obstáculo grave à nova
zelqmiz smu ɾɿe ɾɿgeɾ sɿsɿ eɿp uorɿsom eŕe .oñziɿɿɿɿɿ
invenção de parasitas e negociantes insolváveis; não se
-sɿ zuugls mɿ ;sɿnɿeɿɿɿɿ oñnɿ omixòɿq os ɾsb sɿvɿb
sos, ódio ou desprezo. Chegou mesmo à demonstração de
eb eɿɿɿ ɾɿe sɿvɿc e ,sbsɿɿe ɾɿe omixòɿq eb oñzon s eɿp
um padre de Nápoles, aquele fino e letrado Galiani, que
s eɿeɿɿ” :ɿmigeɿ ogɿɿns ob sɿsɿuɿɿsm ɾsb smu s sɿvɿɿsɿ
breca o próximo! Não há próximo!” A única hipótese em
eɿsɿɿɿe ɿs obnɿeɿ ɾɿe omixòɿq os ɾsmɿ sɿɿɿmɿeɿq eŕe eɿp
de amar as damas alheias, porque essa espécie de amor
eɿp ob zism sɿioo ɿɿuo ɿe s oñn eb ebsbɿɿeɿɿɿɿeɿq s sɿɿɿɿ
o amor do indivíduo a si mesmo. E como alguns discipu-
-sɿ ,sɿɿɿɿɿeɿm roq ,oñzɿɿɿɿeɿ lɿɿ smu eɿp mɿsɿsɿɿeɿ zol
capava à compreensão das turbas, o Diabo recorreu a um
ɿɿeɿq ,ocnɿd mu eb zəðzɿ mɿsmoɿ sɿosɿeɿq mɿŦ — :ogolòqɿ
as operações comuns; mas cada acionista não cuida real-
zos eɿeɿnoos eɿp o ɿ :sobnɿbɿɿɿ zɿeɿ zonn oñnɿ eɿɿeɿ
adúlteros. Este apólogo foi incluído no livro da sabedoria.

Capítulo IV

Franjas e franjas

A previsão do Diabo verificou-se. Todas as virtudes cuja
sɿv smu ,oñsbogls eb sɿɿɿɿ mɿ sɿvɿsɿeɿ obɿɿeɿv eb sɿqɿ

no; roubou-o, com efeito, à vista do Diabo e foi dá-lo de pre-
o:itrczunas O .àA s e le roq noxet eyp ,mixeum mu s etnez
beneditino cita muitas outras descobertas extraordinárias,
.o:biD o etnemateqmpoc uotneiozes eyp ,stse zel etne
Um dos seus melhores apóstolos era um calabrês, varão de
eyp ,zotnemucob eb robscizist engizni ,zons etneupnic
possuía uma bela casa na campanha romana, telas, está-
-em s svazgch ;sozseq m ebust s et .c:et ,scetioilid ,zamt
terse na cama para não confessar que estava são. Pois esse
-stg svab sbnis omoc ,ogoj os svatut oñ òs oñ ,memod
tificações aos criados. Tendo angariado a amizade de um
amun ,ele moc ez-raszeñnoc zsnasmez zs zsbot si ,ogeuô
capela solitária; e, conquanto não lhe desvendasse nenhu-
-eoj os ,zsezv zamb ez-sizned ,zstetces zedõs zms zsb sm
lhar-se, e ao levantar-se. O Diabo mal pôde crer tamanha
.oriebdtrev et ozac o ;sbdivub eyp siverl oñ zsm .sizovels

Não se deteve um instante. O pasmo não lhe deu tem-
-nezetq olucàedqz ob tiulcno e rarsqmpar ,itelfet eb oq
te alguma coisa análoga ao passado. Voou de novo ao
-etces szms s rter de ozogizs ,sivz de olumtê ,mè
ta de tão singular fenômeno. Deus ouviu-o com infinita
oñ ,mbedetqet o oñ ,mepmoteteti o oñ ;siczêcslqmpoc
triunfou, sequer, daquela agonia satânica. Pôs os olhos
:el-ezizib e ,elen

— Que queres tu, meu pobre Diabo? As capas de algo-
-evit obulev eb zs omoc ,sbz eb szjnsti stogs mêt oñ
ram franjas de algodão. Que queres tu? É a eterna con-
.snasmut oñqibst

fonte
Crimson Pro

